

JOÃO CARLOS ALMEIDA

O MILAGRE DE TERESA



A IMPRESSIONANTE
HISTÓRIA DE FÉ
E DEVOÇÃO QUE
PERMITIU AO PAPA
FRANCISCO DECLARAR:
MADRE TERESA DE
CALCUTÁ É SANTA!



O MILAGRE DE
TERESA

JOÃO CARLOS ALMEIDA

O MILAGRE DE TERESA

A IMPRESSIONANTE HISTÓRIA DE FÉ E DEVOÇÃO
QUE PERMITIU AO PAPA FRANCISCO DECLARAR:
MADRE TERESA DE CALCUTÁ É SANTA!

 Planeta

Copyright © João Carlos Almeida, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.

Nihil Obstat

Aprovação eclesiástica de Dom Tarcísio Scaramussa, SDB
Bispo da Diocese de Santos, SP, Brasil.

Este livro baseia-se em fatos reais, públicos e notórios. O nome de algumas pessoas foi omitido para preservar sua privacidade.

Colaboração de conteúdo: Padre Caetano Rizzi
Preparação: Ana Paula Felipe
Revisão: Hires Heglan e Iracy Borges
Diagramação: Maurélio Barbosa | designioseditoriais.com.br
Capa: Desenho Editorial
Imagem de Capa: © Getty Images / Tim Graham
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A444m

Almeida, João Carlos

O milagre de Teresa : a impressionante história da fé e devoção que permitiu ao papa Francisco declarar : Madre Teresa de Calcutá é Santa! / João Carlos Almeida. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0785-9

1. Teresa, de Calcutá, Madre, 1910-1997. 2. Missionárias da Caridade - Biografia. 3. Freiras - Índia - Biografia. I. Título.

16-34628

CDD: 922.2
CDU: 929:27-726.6

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Tenho sede!
Jesus Cristo

SUMÁRIO

MILAGRES

- 1 QUEM É ESTA MULHER?
- 2 VIAGEM A SANTOS
- 3 O ADVOGADO DO DIABO
- 4 A CIRURGIA QUE NÃO ACONTECEU
- 5 UM SIMPLES PADRE
- 6 A ORAÇÃO DO MILAGRE
- 7 UMA HISTÓRIA DE AMOR
- 8 MISSIONÁRIAS DA CARIDADE
- 9 A PALAVRA DA CIÊNCIA
- 10 MILAGRE GERA MILAGRES

BIBLIOGRAFIA

NOTAS

MILAGRES

*Este livro é relato de um viajante curioso
em busca de uma verdade irrelevante para os ateus
e espetacular para os jornalistas;
instigante para os teólogos
e inexplicável para os cientistas;
incômoda para os opressores
e maravilhosa para os mais pobres dos pobres;
natural para os amorosos
e insignificante para os egoístas.
Uma cura surpreendente
aconteceu na Baixada Santista.
A ciência não explica e a Igreja não complica.
O fato alimenta a fé e fortalece a esperança.
O milagre de Teresa é um beijo de Deus.
O Céu delicadamente toca a face da Terra.
Carícias salutareis curam uma enfermidade.
A penumbra recebe a luz.
A terrível sede é mais uma vez saciada.
A vida vence a morte.
Passaram, finalmente, o sofrimento e a dor.
Milagres são linguagens
das Providências de um Deus Amor.*

Dr. Padre João Carlos Almeida, SCJ



CAPÍTULO UM

QUEM É ESTA MULHER?

Sou albanesa de nascimento; hoje sou cidadã indiana.
Sou também uma freira católica.
No que diz respeito ao meu trabalho,
pertencço a todo o mundo
mas, no fundo do coração,
só a Cristo pertencço.^[1]

Madre Teresa de Calcutá

Uma notícia extraordinária

Quinze de março de 2016. Taubaté, Brasil. O telefone toca logo cedo. Naquele momento, não podia atender. Em seguida, escuto o aviso de chegada de uma mensagem de texto no celular. Depois, vem outra. E mais uma... Peço desculpas à pessoa que estava atendendo, afinal, poderia ser algo urgente. “Você acompanhou a decisão do Papa Francisco? É extraordinário!”. A mensagem era do meu editor.

Mal acabei de ler, o telefone tocou novamente. O editor, eufórico, explicou que a notícia divulgada naquela manhã pelo Vaticano era que o Papa havia definido a data de canonização de Madre Teresa de Calcutá. Seria em 4 de setembro de 2016. A “santa das sarjetas”, falecida em 1997, havia sido beatificada por João Paulo II em 2003. O próximo passo era sua canonização, mas, para isso, seria necessária a comprovação de um milagre atribuído a ela, um fato extraordinário, que não pudesse ser explicado pelas causas naturais conhecidas pela ciência.

Fiquei me perguntando: o que teria a ver com tudo isso?! Naturalmente, assim como nove em cada dez habitantes da Terra, eu também era um admirador do trabalho de Madre Teresa, mesmo sem conhecer profundamente sua vida e seus feitos. Diante do meu silêncio, o editor lançou o desafio: “Você não estaria disposto a escrever sobre o milagre de Teresa?”.

Na qualidade de teólogo experiente e professor de Teologia Espiritual não era muito fácil admitir minha ignorância sobre o assunto, mas fui direto ao ponto: “Que milagre?”. O editor sorriu e questionou-me com a conhecida frase dos discípulos

de Emaús ao Mestre no Evangelho de Lucas (24, 18): “Acaso és o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que aconteceu por estes dias?”. Entrei no jogo e respondi igualmente com as palavras de Jesus no mesmo episódio: “Não. O que foi?!”.

Ele, então, explicou-me que o milagre exigido para a canonização de Madre Teresa havia acontecido na Baixada Santista em 2008. Um homem, na época com 35 anos, sofrendo com múltiplos abscessos cerebrais e hidrocefalia obstrutiva, havia sido curado por intercessão de Madre Teresa de Calcutá. Sete anos mais tarde, em 17 de dezembro de 2015, após longas pesquisas e consultas a diversos peritos da medicina, o Papa Francisco, por meio de um Decreto, finalmente aprovou a autenticidade do milagre.

Era realmente uma grande notícia. Madre Teresa é mais do que uma piedosa santa católica. É uma dessas raras personalidades com cidadania universal. Ultrapassou todas as fronteiras geográficas, políticas, culturais e até mesmo religiosas. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1979, por seu reconhecido serviço à humanidade. Porém, sua figura é tão notória quanto discreta. Por isso, a gente sempre imagina que sabe tudo sobre ela quando, na verdade, não sabe quase nada. Ela mesma sempre preferiu o anonimato e a discrição. Em meio a esses pensamentos, pedi ao editor algum tempo para pensar. Precisava ler mais sobre Teresa de Calcutá.

Uma pessoa humilde

Não foi difícil encontrar as primeiras informações sobre a mãe. Agnes Gonxha Bojaxhiu nasceu em 26 de agosto de 1910, em Skopje (antiga Üsküp), na época capital da província de Kosovo, no Império Otomano. Durante sua infância, aconteceram muitas turbulências políticas nos Bálcãs e o mundo assistiu à Primeira Guerra Mundial, a partir de 1914.

Skopje passou a fazer parte da antiga Iugoslávia e, hoje, é capital da Macedônia. Sempre foi uma cidade multiétnica e multirreligiosa.^[2] No tempo do nascimento de Gonxha a cidade possuía cerca de 47.000 habitantes, na sua maioria muçulmanos.

Gonxha, que significa “botão de flor”, foi batizada em 27 de agosto de 1910. Ela própria sempre considerou esse o dia do seu verdadeiro nascimento. Faleceu aos 87 anos, em 5 de setembro de 1997, na cidade de Calcutá, na Índia e foi sepultada com honras de Estado. Em 1950, fundou a congregação das Missionárias da Caridade que, hoje, somam mais de 5 mil religiosas espalhadas por todo o mundo em quase mil casas, em cerca de 130 países, se dedicando ao cuidado dos mais pobres dos pobres.

Filha de Nikola e Drana Bojaxhiu, Gonxha (1910) tinha um irmão, Lazar (1908), e uma irmã, Age (1905). Pertenciam à minoria albanesa que vivia no sul da antiga Iugoslávia. Seu pai era um comerciante bem-sucedido, músico e apaixonado defensor da causa nacionalista albanesa. Faleceu aos 46 anos, quando Gonxha tinha cerca de 8 anos de idade. Existem suspeitas de que tivesse sido envenenado. Ao menos essa sempre foi a convicção de seu filho Lazar. A família ficou em sérias dificuldades financeiras. Apesar disso, sua mãe criou os filhos com muita coragem e amor por meio de trabalhos de artesanato. Era uma mulher de fibra. Pouco se sabe sobre a infância e adolescência da pequena Gonxha.

Desde criança, participava ativamente de sua paróquia, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e atendida pelos padres jesuítas. Ali recebeu a primeira comunhão, com cerca de cinco anos, e o sacramento da Crisma em novembro de 1916. Aos 12 anos já estava convicta de sua vocação à vida consagrada e tinha o sonho de ir para as missões.^[3]

O contato, por meio de cartas, com os missionários jesuítas que trabalhavam na Índia, a fez conhecer a congregação na qual se tornaria religiosa e que também mantinha casas

naquele país. Assim, em 29 de setembro de 1928, aos 18 anos, ingressou no Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria, conhecido como “Irmãs de Loreto”, em Rathfarnham, na Irlanda. Após aquele dia, nunca mais veria a sua mãe. No dia 12 de outubro foi admitida como postulante e escolheu para si o nome religioso de Maria Teresa, provavelmente inspirada em Santa Teresa de Lisieux, mais conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus.

Por causa do forte chamado missionário que sentia desde a infância, Gonxha foi enviada à Índia para fazer o noviciado e, posteriormente, trabalhar no colégio da congregação. Chegou a Calcutá no dia 6 de janeiro de 1929, após uma viagem de cinco semanas. Pouco depois, dirigiu-se à cidade Darjeeling, a 600 quilômetros dali, aos pés do Himalaia, onde ficava o noviciado. No dia 25 de maio de 1931 fez seus votos de castidade, pobreza e obediência, assumindo definitivamente o nome de Irmã Maria Teresa.

Durante a década de 1930, a Índia foi marcada pelo movimento pacifista de independência da dominação britânica liderado por Mahatma Gandhi (1869-1948). Sua mística da reação não violenta incluía jejuns, marchas de protesto, atos de desobediência civil e greves contra o aumento de impostos. A independência da Índia aconteceria efetivamente em 15 de agosto de 1947.

Exatamente nesse período a jovem religiosa foi enviada para Calcutá, onde atuou por dezessete anos como professora de geografia na escola Santa Maria, colégio da congregação das Irmãs de Loreto destinado a meninas, filhas de famílias tradicionais e abastadas, algumas europeias e outras indianas. Em 1935, tornou-se responsável pela escola primária. Em 24 de maio de 1937 fez seus votos perpétuos. Passou, então, a ser chamada simplesmente de Madre Teresa.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, a escola Santa Maria foi transformada em hospital militar. Em abril do mesmo ano, Madre Teresa fez um voto privado de “sob pena

de pecado mortal não negar nada a Deus”.

Era cada vez mais gritante o contraste entre a vida dentro e fora dos muros da escola. As ruas estavam repletas de crianças e idosos na mais completa miséria. Teresa vivia intensamente esses conflitos em seu interior. Mesmo trabalhando na escola, da qual se tornaria diretora em 1944, o doloroso clamor das periferias deixava inquieto seu coração. Como era possível alimentar um pequeno grupo se lá fora a multidão passava fome? Deus não queria o bem de todos?

Em agosto de 1946, a falta de alimentos atingiu a escola. Madre Teresa saiu às ruas para tentar comprar algo e teve, então, um contato ainda mais impactante e direto com a realidade trágica de miseráveis e famintos, o que preparou o terreno para uma grande mudança em sua vida.

Porém, um fato marcante e definitivo aconteceu durante uma viagem de trem ao noviciado de Darjeeling em 10 de setembro de 1946. O conflito de Teresa havia chegado ao seu limite. Além disso, estava enferma e precisava de cuidados. Suas superiores decidiram que seria necessário que ela fizesse um retiro a fim de preservar sua serenidade espiritual e recuperar a saúde. Foi nessa ocasião que ela escutou uma voz que gritava: “Tenho sede!”. Sentiu-se impotente diante daquela situação. O trem seguiu viagem, mas a voz continuava ecoando com muita força em seu coração. Aos poucos, Teresa entendeu que era a voz de Cristo que a chamava a viver fora da proteção do claustro, nas ruas, em total solidariedade para com os pobres. Mais tarde, ela chamaria esse episódio de “dia da inspiração”. Era preciso decidir por uma mudança radical. Ela entendeu isso como “um chamado dentro do chamado”. Era um apelo de Deus que a levaria a radicalizar sua vocação de mulher consagrada. Era necessário continuar sua missão para além dos muros do convento.

Um pouco mais difícil seria receber a autorização para viver como religiosa pelas ruas, junto com os mais pobres e

sofredores. De volta a Calcutá, partilhou essa inspiração em prolongadas conversas com seu diretor espiritual, padre Celeste Van Exem. Essas conversas foram mal interpretadas por suas irmãs de comunidade e a superiora resolveu transferir Teresa para a cidade de Asansol, situada cerca de 200 quilômetros de Calcutá. Elas não tinham ideia da profundidade mística daqueles diálogos. Teresa jamais se queixou de ter sido mal interpretada. Aceitou a transferência com serenidade.

Padre Van Exem transmitiu as inspirações de Madre Teresa ao arcebispo Dom Ferdinand Périer, que teve uma reação inicial de bastante reserva e determinou um ano de oração e discernimento. Teresa aceitou com humildade apesar do seu temperamento apressado, operante e ágil. Ela mesma diria algum tempo depois: “Não poderia ter sido outra a sua resposta. Um bispo não pode autorizar a primeira religiosa que se lhe apresenta com projetos estranhos, sob o pretexto de que esta pareça ser a vontade de Deus”.^[4]

Todo o ano de 1947, em Asansol, foi tomado por essa busca orante. Era muito difícil entender uma religiosa com esse perfil naquela época. Permaneceu como professora. Passado um ano, o bispo autorizou Madre Teresa a escrever à irmã Gertrudes, sua superiora-geral na Irlanda. A resposta da superiora chegou em 2 de fevereiro de 1948: “Minha querida Teresa: O seu projeto parece-me ser uma clara manifestação da vontade de Deus. Eu lhe dou permissão para escrever a Roma”.^[5]

De obediência em obediência, Madre Teresa escreveu ao cardeal Luigi Lavitrano, responsável pelas congregações religiosas, falando sobre o chamado que recebera. Em agosto do mesmo ano, padre Celeste comunicou à Madre Teresa que estava autorizada pelo Papa Pio XII a permanecer como religiosa, fiel aos seus votos, porém fora da clausura, dedicando-se aos pobres nas ruas de Calcutá. Dois anos após o “dia da inspiração”, Teresa deixou a segurança de sua

ordem religiosa. Despediu-se de suas alunas em lágrimas e abriu o portão do convento. Partiu sem olhar para trás. De certa forma, Teresa estava sozinha, mas a misteriosa voz não parava de gritar: “Tenho sede!”.

No dia 17 de agosto de 1948, ela deixou o hábito tradicional de sua congregação de origem e passou a usar um típico traje indiano: um sári branco, com faixas azuis e uma pequena cruz no ombro esquerdo. Conforme observaram alguns de seus biógrafos: era uma freira que não parecia ser freira.^[6] Andava solitária pelas ruas pedindo ajuda para os mais pobres dos pobres, doentes e famintos. Estava disposta a oferecer seu conhecimento de professora aos miseráveis. Era a única riqueza que ainda possuía. Porém, logo percebeu que era ela quem precisava aprender com os humildes. O drama da miséria exige um mergulho de sabedoria e esconde muitas armadilhas. Uma delas é achar que sempre somos nós a solução para os outros. Não basta amar. É preciso deixar-se amar. O amor só é pleno quando se sabe unir amorosidade com amabilidade. Teresa tornou-se mestra e aluna dos pobres. A realidade dura e cruel foi transformando a frágil religiosa em uma mulher cheia de vigor e determinação. Entendeu que o amor é a maior riqueza que se pode dar a uma pessoa. Ainda que não possa salvar uma vida, a ternura permite que se morra com dignidade. Como ela mesma costumava dizer: “Morreu como um anjo”. Teresa percebeu que possuía algo muito mais precioso do que o “saber”, que era seu “bem-querer”: a professora foi se transformando, aos poucos, em enfermeira.

Os novos desafios da “freira das ruas” exigiam conhecimentos médicos que ela não possuía. Teresa conhecia muito sobre história e geografia, mas quase nada sobre doenças e feridas. Percorreu, então, 390 quilômetros até a cidade de Patna para frequentar um curso de enfermagem e assistência médica sob a orientação de madre Dengal, das Irmãs Missionárias Médicas. Permaneceu ali durante alguns

meses. Madre Dengal deu-lhe vários conselhos, inclusive sobre a necessidade de alimentar-se de modo adequado para preservar a saúde a fim de ajudar Cristo, que está presente nos pobres enfermos. Teresa era muito radical. Desejava, por exemplo, alimentar-se apenas de arroz e sal, seguindo o mais modesto dos regimes indianos. Madre Dengal, porém, mostrou-lhe o quanto a ponderação e a prudência eram necessárias. Ela aceitou as orientações, com humildade, mantendo, porém, o propósito de não comer nem mais nem menos do que o suficiente para servir aos pobres.

A proteção da escola e da clausura ficava cada vez mais distante. Em um texto conhecido, Madre Teresa descreve seu ânimo de mulher guerreira que encontra abrigo entre os miseráveis e vai sempre em frente:

Não! Não voltarei atrás. A minha comunidade são os pobres. A sua segurança é a minha. A sua saúde é a minha. A minha casa é a casa dos pobres; não apenas dos pobres, mas dos mais pobres dos pobres. Daqueles de quem as pessoas já não querem aproximar-se com medo de contágio e da porcaria, porque estão cobertos de micróbios e vermes. Daqueles que não vão rezar, porque não podem sair nus de casa. Daqueles que já não comem, porque não têm forças para comer. Daqueles que se deixam cair pelas ruas, conscientes de que vão morrer, e ao lado dos quais os vivos passam sem lhes prestar atenção. Daqueles que já não choram, porque se lhes esgotaram as lágrimas.^[7]

No dia 21 de dezembro de 1948, Madre Teresa voltou a Calcutá, onde, aos poucos, conseguiu organizar um abrigo temporário para que os necessitados dos quase três mil *bustees* – bairros miseráveis – pudessem ao menos ter um lugar onde morrer com dignidade. Aos poucos, a obra cresceu e, em 1952, ela fundou a Nirmal Hriday – ou “Casa do Coração Puro”, conhecida, em Calcutá, como “Casa do Moribundo”.

Estima-se que entre 1952 e 1997 cerca de 20 mil pessoas tenham voltado para Deus sob os cuidados da congregação de Madre Teresa na Nirmal Hriday. Ali se podiam encontrar dezenas de pessoas repetindo o grito da experiência fundante de Teresa: “Tenho sede!”. Para os hindus ela realizava um ritual típico, levando até seus lábios algumas gotas de água sagrada retirada do rio Ganges. Os muçulmanos podiam ouvir palavras do Alcorão, enquanto os cristãos recebiam a Unção dos Enfermos. Todos recebiam carinho e os cuidados necessários para que tivessem sua dignidade preservada. Era possível ver um sorriso místico no rosto daquelas pessoas, mesmo diante da morte iminente.

Os críticos mais ácidos do trabalho de Madre Teresa não conseguem ver nessas atitudes mais do que um prazer mórbido pela morte e pela dor. Não entendem sua mística. Em certa ocasião, um entrevistador perguntou-lhe como o sofrimento poderia ser belo ou mesmo trazer alegria. Ela respondeu de modo convicto: “Não o sofrimento, mas Jesus visto no sofrimento. Vemos Cristo de duas formas: no altar, sob a aparência de pão, e o vemos nos bairros miseráveis, nos corpos doentes das criaturas abandonadas”.[8]

A partir de 1949, diversas jovens começaram a procurar Madre Teresa com a intenção de ajudar nessa desafiadora missão de socorrer os pobres. Passaram a vestir o mesmo sári branco e, aos poucos, organizaram uma vida em comunidade. Então, Madre Teresa escreveu um estatuto que regeria a fraternidade das Missionárias da Caridade, fundada oficialmente em 7 de outubro de 1950, dando um grande impulso à missão de responder àquela misteriosa voz que continuava a ecoar em seu coração: “Tenho sede!”.

Surpreendentemente, jovens de famílias ricas, algumas delas antigas alunas da escola, foram as primeiras religiosas a se colocarem a serviço dos pobres. A vida de Teresa e de suas missionárias tornou-se uma busca diária por saciar a “sede” em todas as suas dimensões, desde o corpo até os porões

escondidos da alma. Era um encontro com Jesus crucificado na face dos mais miseráveis. Em 1951, Madre Teresa recebeu a cidadania indiana.

A obra não parou de crescer, com a criação de escolas em bairros pobres. Em 1955, foi fundada uma casa para bebês recém-nascidos abandonados ou seriamente enfermos, que se tornaria um centro internacional de adoção. Em 1957, é fundado um serviço de atendimento a leprosos; estes, em 1969, receberiam uma estrutura melhor no abrigo para leprosos Shanti Nagar, que significa “Cidade da Paz”.

Dez anos após a fundação do Shanti Nagar, Madre Teresa começou a enviar suas Missionárias da Caridade para outras partes da Índia. Com o Decreto de Louvor, concedido pelo Papa Paulo VI, em 1965, a jovem congregação foi definitivamente aprovada e abriu sua primeira casa fora da Índia, na Venezuela. Em seguida, surgiram casas em outros países como Itália, Tanzânia, Austrália, chegando rapidamente a todos os continentes. Nas décadas de 1980 e 1990, Madre Teresa abriu casas em quase todos os países comunistas do mundo, incluindo a antiga União Soviética, Albânia e Cuba. Um ramo masculino da congregação foi fundado em 1963 e surgiu ainda o ramo feminino contemplativo, em 1976, e contemplativo masculino, em 1979. No ano de 1984, foram fundados os Padres Missionários da Caridade. Na mesma época surgiram também os Missionários Leigos da Caridade e as Intercessoras Verônicas para a adoção espiritual de sacerdotes. Foi o vento dessa iniciativa que levaria as Missionárias da Caridade até a Baixada Santista. A obra de Madre Teresa não parava de crescer.

O Prêmio Nobel da Paz

No dia 10 de dezembro de 1979, Madre Teresa recebeu o Prêmio Nobel da Paz, entregue na Câmara Municipal de Oslo,

na Noruega.^[9] Seu discurso naquele dia foi ouvido atentamente por toda a humanidade e representou uma síntese de sua missão.^[10] Iniciou de maneira muito simples, convidando todos a rezarem juntos a Oração de São Francisco de Assis. Considerava que essa prece exprimia perfeitamente seu ideal de solidariedade para com os pobres. Em seguida, concentrou todas as suas palavras na pessoa de Jesus e em seu amor pela humanidade. Ele entregou a vida por todos. Trouxe uma boa notícia de salvação para os pobres. Ele nos amou quando ainda éramos pecadores. É o Príncipe da Paz. O centro de sua mensagem foi que nos amássemos uns aos outros. Quem diz que ama a Deus, mas não ama seu irmão é mentiroso, como lembra o apóstolo João em sua carta. Então, aproximando-se de sua mística, Madre Teresa afirmou, de modo radical, que “o amor, para ser autêntico, tem de doer”.^[11]

Madre Teresa ainda defendeu a vida em todas as suas etapas e dimensões e denunciou fortemente o aborto, o “maior destruidor da paz”. Afirmou que “muitos estão preocupados com a situação das crianças vítimas da pobreza na Índia ou na África, mas milhões estão morrendo deliberadamente pela vontade de suas mães”.^[12] Então, ela repetiu o apelo que sempre fazia, com insistência, ao redor do mundo: “Deixemos nossas crianças nascerem”.^[13]

Madre Teresa não ficou na retórica. Disse que ela própria estaria disposta a acolher essas crianças e dar-lhes um lar. A essa altura, já não utilizava o pequeno papel de anotações que trazia em suas mãos. Olhava nos olhos da assembleia e deixava as palavras fluírem espontaneamente. Falava com suor, sangue e lágrimas, sem abandonar o permanente sorriso em sua sofrida face de Missionária da Caridade.

Dirigindo-se aos filhos da rica sociedade local, disse com ternura: “Talvez o povo aqui tenha bens materiais; talvez tenha tudo, mas como achamos difícil muitas vezes sorrir uns para os outros; e esse sorriso é o começo do amor”.^[14] Por

fim, concluiu:

Conservemos esta alegria de amar Jesus em nossos corações e vamos reparti-la com todos que encontrarmos em nosso caminho. Essa alegria irradiante é uma alegria autêntica, pois não temos qualquer razão para não nos sentirmos felizes, uma vez que temos Cristo conosco. Cristo em nossos corações; Cristo nos pobres que encontramos; Cristo no sorriso que damos e no sorriso que recebemos. Tomemos como resolução: que nenhuma criança deixe de ser desejada e também que nos encontremos uns com os outros sempre com um sorriso, especialmente quando é mais difícil sorrir.^[15]

Essas palavras refletem a mística que animou os passos de Teresa.

Por esse seu estilo pontual e prático, por sua solidariedade para com os pobres e por sua garra como “Embaixadora da Vida”, sempre com fortes denúncias contra o aborto, Madre Teresa conquistou uma legião de admiradores e um grupo de ácidos adversários. Aceitou serenamente as críticas com a mesma “fé calma” com que aceitava honras e prêmios. Sua coerência e a vida extremamente simples de sua congregação esvaziavam a maioria das críticas. Restou apenas a maior de todas: a de que ela promovia a “resignação diante da morte, em vez de utilizar os meios terapêuticos para a cura”. Quem conhece sua obra e a situação limítrofe em que atuava em socorro dos esquecidos desta terra percebe o cinismo dessa crítica. Seria o mesmo que perguntar a um mendigo por que ele não vai a um restaurante ou a um supermercado.

Porém, o reconhecimento do trabalho dessas “santas mulheres” sempre foi muito maior do que os olhares daqueles que veem os pobres apenas como uma teoria, um problema ou algo descartável. São pessoas e sacramentos de Jesus Cristo. As Missionárias da Caridade praticam sua missão de solidariedade com a mesma devoção com que recebem o

Corpo de Cristo na “Eucaristia”, conscientes de que o encontram também no irmão que está na “carestia”.

Em 10 de setembro de 1996, Madre Teresa celebrou, em Calcutá, os cinquenta anos do “dia da inspiração”. Cada minuto desse tempo havia sido dedicado a saciar a sede de Cristo nas dores dos mais pobres dos pobres. Quando ela faleceu, um ano depois, havia 3.842 Missionárias da Caridade nos dois ramos, em 594 casas espalhadas em 120 países.

O caminho para a santidade

Logo após o falecimento de Madre Teresa, em 5 de setembro de 1997, uma primeira sexta-feira do mês, às 21h30, muitos afirmavam não ter dúvidas sobre a santidade daquela pequena grande mulher. Uma dessas pessoas, seu amigo pessoal, foi o Papa João Paulo II, que presidiu a cerimônia de sua beatificação em 19 de outubro de 2003, no Dia Mundial das Missões. Uma beatificação apenas seis anos após a sua morte realmente não é algo comum na história da Igreja Católica.

Apenas para ilustrar, vejamos como foi o processo no caso de Santa Teresinha do Menino Jesus, a santa que inspirou o nome a Teresa de Calcutá. Ela nasceu em Lisieux, na França, em 1873 e faleceu em 1897, aos 24 anos de idade. O Papa Pio X chamou-a de “a maior entre os santos modernos”, em contraste proposital à sua mística de alcançar a santidade pela “pequena via”, a estrada do amor simples e sóbrio. A menor tornou-se a maior. João Paulo II a declararia “doutora da Igreja”. É, certamente, uma das santas mais queridas e populares em todo o mundo. Pois bem, o processo de canonização de Santa Teresinha começou apenas em 1914. O primeiro passo, a declaração das virtudes heroicas, aconteceu em 1921; o segundo, a beatificação, ocorreu em 1923; e o terceiro passo, a canonização, foi dado apenas em 1925, 28 anos após sua morte. Na ocasião, foi considerada uma

canonização “superveloz”. Outra Teresa, a santa carmelita de Ávila, na Espanha, faleceu em 1582 e foi canonizada em 1622, quarenta anos após sua morte. Mais recentemente, Teresa de Jesus dos Andes, uma religiosa chilena falecida em 1920, foi beatificada em 1987 e canonizada em 1993, 73 anos depois de sua morte. A filósofa contemporânea Edith Stein, cristã de origem judaica, morta em 1942 no campo de concentração de Auschwitz, foi canonizada em 1998 pelo Papa João Paulo II com o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. Apesar dessas condições de exemplaridade e heroísmo na fé, a canonização demorou 56 anos.

Diante dessas informações, vemos que é realmente extraordinário a canonização de Teresa de Calcutá ter acontecido apenas dezenove anos após sua morte. É a mais veloz entre as Teresas. Qual seria o seu encanto capaz de tocar o coração de crentes e ateus? Que força se esconde sob aquele corpo pequeno capaz de curvar os maiores líderes da humanidade? Que beleza e magnetismo brilham naqueles olhos vivos que fazem esquecer a pele sofrida de seu rosto? Que força tem aquela fraqueza? Como ela mistura dor e alegria sem cair em mera resignação? Como pode brotar a luz de sua profunda penumbra? Que mistérios e segredos teria aquela mulher?

Busquei respostas para esses questionamentos nas palavras de outro santo, João Paulo II, um dos melhores amigos da missionária de Calcutá. Dois dias após sua morte, em setembro de 1997, durante a tradicional oração do *Angelus*, o papa, comovido, afirmou que Teresa foi “uma missionária da caridade, de nome e de fato”. Ele definiu sua personalidade com palavras vivas e fortes: “Muitas vezes tive ocasião de encontrá-la, e está viva em minha memória a sua figura franzina, vergada por uma existência passada no serviço aos mais pobres dos pobres, mas sempre repleta de uma energia interior inexaurível: a energia do amor de Cristo”.^[16]

O papa recordou que a missão diária de Madre Teresa

começava sempre antes da aurora, diante da Eucaristia. No silêncio, ela deixava Jesus gritar: “Tenho sede!”. Esse grito ecoava pelas ruas de Calcutá e “por todas as periferias do mundo”. Ela procurava encontrar Jesus no pobre, no abandonado, no moribundo. O papa chamou Teresa de “mãe dos pobres” e lembrou que seu exemplo toca crentes e não crentes, pois era uma servidora da vida em todas as suas contradições, inspirada no “bom samaritano” do Evangelho que socorre quem está em crise, no sofrimento e no desespero.

Em sua homilia, durante a celebração na qual beatificou Teresa de Calcutá, em 2003, João Paulo II aprofundou tudo isso afirmando que Madre Teresa seguiu o conselho de Jesus: “Quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se servo de todos” (Evangelho de Marcos 10, 44). Também lembrou que sua vida é um caminho de amor e serviço que inverte a lógica humana. Nem os conflitos e as guerras impediram seus passos, disse o papa. Ele recordou sua luta pela vida e contra o aborto. Ela costumava dizer: “Se ouvirdes alguma mulher dizer que não deseja ter seu filho e pretende abortar, procurai convencê-la de trazê-lo a mim. Eu irei amá-lo, vendo nele o sinal do amor de Deus”.^[17]

De onde vinha sua força? O papa explicou que vinha da maneira como unia oração e ação. Era uma mulher contemplativa na ação e ativa na contemplação. Seu serviço foi um “doar-se até doer”. Sua vida radical manifestou a “audácia do Evangelho”. O grito de Jesus na cruz: “Tenho sede!” (Evangelho de João 19, 28) fecundou seu coração missionário. Saciar essa sede tornou-se a única finalidade de sua existência e também sua força interior. Era a motivação para “ir depressa” em socorro dos pobres.

Madre Teresa sabia que nos mais frágeis e pequenos encontraria o próprio Cristo conforme ele mesmo disse: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Evangelho de Mateus

25, 40). Tocando no corpo dos pobres, tocava no próprio corpo de Cristo. Foi mulher e mãe de verdade enquanto gerou Deus na alma das pessoas e foi sinal de sua compaixão. Viveu unida à paixão do Cristo crucificado, inclusive na sua “obscuridade interior”. Poucos conseguem entender esse drama pessoal da alma como singular “dom e privilégio”. Ela transformava essa desolação em prece repetindo com frequência: “Em Vós, meu Deus, em Vós espero!”.

Os segredos de Teresa

A vida e a missão de Teresa de Calcutá encantaram o mundo por sua simplicidade direta e eficaz. Seu melhor discurso era a ação apressada em socorro dos pobres. Ela exaltava o valor das pequenas coisas feitas com amor, mas por detrás daquele sorriso constante se escondia um drama profundo que ficou oculto até sua morte. Nem mesmo as pessoas mais próximas poderiam imaginar que aquela mulher tão cheia de amor vivia em permanente penumbra espiritual. Ela tinha uma experiência dramática de sentir-se separada de Deus. Essa sensação começou no instante em que passou a dedicar-se inteiramente aos pobres e prolongou-se até o último dia de sua vida. Não havia poesia nessa dor. Ela estava profundamente unida à sede de Jesus na cruz, sentindo-se crucificada com Cristo. Quem sabe esse seja o motivo pelo qual, certa ocasião, ela tenha dito: “Se eu alguma vez vier a ser Santa, serei certamente uma Santa da ‘escuridão’. Estarei continuamente ausente do Céu para acender a luz daqueles que se encontram na escuridão da Terra”.[18]

É provável que apenas o arcebispo de Calcutá, Dom Périer, e alguns padres que a acompanharam na qualidade de diretores espirituais tenham conhecido esse doloroso espaço íntimo da mística de Teresa. Ela não cansava de pedir que queimassem suas cartas que de alguma forma se referissem

ao assunto. Não queria que seus dramas pessoais ocupassem o centro da cena que pertencia unicamente a Deus.

Felizmente não foi obedecida, e muitos desses registros chegaram até nós. Por meio deles, conhecemos uma experiência espiritual que coloca Madre Teresa entre os maiores místicos da humanidade. Jesus lhe pedira: “Teresa, venha, seja a minha luz”. Ela aceitou esse convite, mas o inesperado preço foi viver ela mesma numa “terrível escuridão”. Descreveu tal sensação, em 1962, em uma carta endereçada a um de seus diretores espirituais, o jesuíta padre Joseph Neurer:

Agora, Padre, desde 1949 ou 1950 vivo essa terrível sensação de perda; esta escuridão indizível; esta solidão; esta ânsia permanente por Deus que provoca esta dor no mais fundo do meu coração. A escuridão é tal que realmente não vejo nada; nem com a mente nem com a razão. O lugar de Deus na minha alma é um espaço vazio. Não há Deus em mim. Quando a dor da ânsia é tão grande, só anseio e anseio por Deus; e é então que sinto que Ele não me quer. Às vezes apenas ouço o meu próprio coração gritar: “Meu Deus”, e não sai mais nada. A tortura e a dor [...] eu não sei explicar.^[19]

Aos poucos, Teresa entendeu que esse drama pessoal não era um mero acidente de percurso ou uma forma de purificação, mas parte essencial de sua missão. Ela estava definitivamente marcada pela Paixão de Cristo na cruz, de onde ele gritava: “Tenho sede!”. Ela mesma vivia o Calvário de Cristo no calvário dos pobres. Dessa penumbra humana emanava a luz de Deus; dessa tristeza existencial brotava uma profunda alegria que contagiava todos que a encontravam.

A mãe dos pobres, na verdade, cultivou essa desolação espiritual como fez Santa Teresa D’Ávila ou São João da Cruz, com sua conhecida “noite escura da alma”. E por que esse tipo de deserto qualificaria a experiência mística de alguém? A

explicação é uma elementar lição de Teologia Espiritual. Se formos levados simplesmente pela paixão, a motivação pode ser o interesse e a troca. É gratificante fazer propaganda da minha caridade. Vou em socorro dos pobres e, em seguida, recebo os méritos por isso e recebo uma espécie de “salário afetivo” por ter realizado tais ações. Fazer caridade sem esperar recompensas humanas, materiais ou afetivas, ao contrário, garante que a pessoa superou a fase da paixão e está agindo unicamente por amor. A motivação é consistente. É o que poderíamos chamar de amor puro. Teresa de Calcutá praticou um amor em estado puro, ou seja, não sentia qualquer tipo de gratificação. Dizendo de modo bastante direto: sua caridade não era movida por interesse ou troca.

Quem conhece a dinâmica dos Exercícios Espirituais, de Santo Inácio de Loyola, sabe exatamente como funciona a engrenagem de discernimento que presta atenção aos movimentos da alma, distinguindo a origem das consolações das desolações. A vida mística de Teresa de Calcutá sempre esteve intimamente ligada a essa mística cultivada pelos jesuítas. Desde sua infância sempre esteve aos cuidados de padres da Companhia de Jesus, os jesuítas – estes foram inclusive grande parte dos seus diretores espirituais. Não é mera coincidência que sua canonização seja realizada por Francisco, o primeiro papa jesuíta da história. Conhecendo bem a dinâmica mística de Santo Inácio de Loyola, o Papa Francisco tem a chave de leitura para desvendar os códigos do cofre espiritual de Madre Teresa de Calcutá.

Teresa viveu com intensidade a mística que Santo Inácio chamou de “santa indiferença”. Tinha liberdade e equilíbrio interior para tomar decisões. Era movida unicamente pelo amor e orientada pelo desejo de fazer a vontade de Deus.

Você pode amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo “como a si mesmo”. Esse é o primeiro nível do amor. Mas você pode aprofundar esse nível de amor amando o próximo “como amamos a Deus”. Porém, um terceiro e mais profundo

nível do amor é amar o próximo “como Deus nos ama”; e Deus ama de modo incondicional e sem nenhum tipo de interesse. Deus nos amou quando ainda éramos pecadores. Isso fundamenta, por exemplo, o amor aos inimigos, pregado por Jesus. O ideal do amor cristão é amar como Jesus amou.

A propagada opção preferencial pelos pobres, por sua vez, não é na sua origem motivacional meramente um amor “pelos pobres”; é uma opção radical “pelo pobre” e esse pobre é Jesus. Teresa tinha muita clareza disso. Cultivava diariamente esta capacidade mística de encontrar Jesus no pobre. É reconhecida como mãe dos pobres; é a santa dos pobres. Nesse seu amor preferencial por Jesus, porém, não se sentia retribuída e isso garante que seu amor teve a marca da gratuidade que caracteriza aqueles que conseguem chegar ao nível mais alto do amor: amam como Deus ama, sem esperar recompensa. Deus ama porque ama. Simples assim!

Em 2007, o postulador da causa de beatificação, padre Brian Kolodiejchuk, reuniu documentos inéditos, principalmente cartas, em um livro que descreve com detalhes os porões daquela alma pura: *Madre Teresa, venha, seja minha luz: A história e os escritos mais impressionantes da “Santa de Calcutá”*. Logo no início de seu texto, fica clara a preocupação da madre em preservar o sigilo a respeito dos motivos iniciais para a fundação da Congregação das Missionárias da Caridade, radicadas na inspiração recebida em setembro de 1946. O bispo da época e o padre Van Exem, seu diretor espiritual, conheciam em detalhes a experiência fundante.

Teresa sempre se mostrou muito preocupada que esses fatos viessem a ser conhecidos. Relata inclusive que várias pessoas manifestavam interesse de escrever sobre sua vida. Escreve ao bispo Périet, em 1957, nestes termos: “Por favor, não lhes dê nada de 1946. Quero que a obra continue a ser inteiramente Dele. Quando o começo se tornar conhecido, as pessoas passarão a pensar mais em mim e menos em Jesus.

Por favor, por amor de Nossa Senhora, não conte nem dê coisa alguma”.[20] Madre Teresa encerra a carta com as seguintes palavras: “Sou apenas um instrumento Dele; por que se interessam tanto por mim quando a obra é toda Dele? Nada reclamo como meu; foi-me dado”.[21] Ela conhecia muito bem a lógica humana que não consegue ver a mão de Deus por trás dos fatos. Tinha receio de que o apego a uma criatura pudesse impedir as pessoas de chegarem ao Criador.

* * *

A essa altura, interrompo meus estudos e recordo o telefonema do editor pedindo que escrevesse um livro sobre “O Milagre de Teresa”. Na minha frente, uma foto dela poucos meses antes de sua morte me fala olho no olho: “Pense bem no que você vai fazer!”.

Por que escrever um livro sobre Madre Teresa se ela mesma não queria publicidade? Com extrema dedicação, ela conseguiu recuperar vários documentos sobre suas origens e sistematicamente destruiu-os. Muitos tentaram dissuadi-la dessa ideia, preservando documentos convencidos de que trariam benefícios espirituais para as futuras gerações. Alguém disse que agora, junto de Deus, Madre Teresa deve compreender que sua experiência já não pertence a ela, mas à Igreja.

Padre Brian, ao terminar a introdução de seu livro *Madre Teresa, venha, seja minha luz*, revelou por que organizou, editou e publicou aqueles documentos secretos: “Tenho a esperança de que muitos leitores se deixem inspirar pela maneira heroica como Madre Teresa viveu a sua missão de ‘[acender] a luz daqueles que se encontram na escuridão’. E a continuem de acordo com a vocação e as possibilidades de cada um. Que nas áreas de nossos corações onde ainda haja escuridão incida uma luz intensa, irradiada pelo exemplo, pelo amor, e agora, também, pela intercessão de Madre Teresa, de lá do céu”.[22]

Ainda segundo o padre Brian existem três aspectos na vida e na mística de Teresa de Calcutá que se revelaram fundamentais ao longo de seu processo de canonização: “o voto privado que fez quando ainda era freira em Loreto, as experiências místicas que rodearam a inspiração e a fundação das Missionárias da Caridade e seu íntimo compartilhamento da Cruz de Cristo durante os longos anos de escuridão interior”.^[23] Os três elementos estão intimamente relacionados. O voto privado a colocou em condições de responder ao chamado de servir aos mais pobres dentre os pobres; as experiências místicas de ouvir a voz de Cristo a levaram a conhecer a dimensão espiritual de Jesus presente nos pobres e foi o mesmo voto que a sustentou na agonia de sua escuridão espiritual.

O primeiro grande segredo de Madre Teresa foi um voto privado que fez em abril de 1942: “Fiz um voto a Deus, que me compromete sob [pena de] pecado mortal, de dar a Deus qualquer coisa que Ele possa pedir; não Lhe recusar coisa alguma”.^[24] Queria doar-se sem reservas e, por isso, fez essa “loucura de amor”. Somente seu confessor sabia sobre o voto. Era algo íntimo que determinava cada um de seus gestos. Vivia a permanente dimensão da oferta total de si mesma.

O segundo segredo tem seu foco no dia 10 de setembro de 1946. É difícil saber exatamente o que aconteceu, mas não restam dúvidas de que representou para Teresa um forte e definitivo encontro místico com Jesus. Tudo na sua vida dali para a frente seria consequência daquela experiência fundante. Foi um dia que jamais acabou. A “voz” que ouviu naquela viagem jamais se calou. Para ela, esse foi o verdadeiro começo das Missionárias da Caridade. Ao registrar em um livro próprio para isso a data de sua entrada para a congregação, não teve dúvidas em escrever: “10 de setembro de 1946”. Quatro anos antes da fundação da congregação! Sua vida foi dedicada a saciar a sede de Jesus crucificado nos pobres. “A voz”, como ela a chamava, continuou falando com

Teresa, chamando-a de “minha esposa” ou “minha pequenina”. Aquele que originalmente gritou “Tenho sede!” agora insistia: “Venha, seja a minha luz!”.

Ao mergulhar nas penumbras e nos sofrimentos em que vivem os mais pobres, Teresa encontrou o terceiro elemento de sua mística, que completaria o mosaico de sua espiritualidade: “a noite escura”. Em carta a Dom Pérrier, em 18 de março de 1953, descreveu sem rodeios o estado de sua alma: “[...] Por favor, reze especialmente por mim para que não estrague a obra Dele e para que Nosso Senhor Se mostre, pois há dentro de mim uma escuridão tão terrível, como se tudo estivesse morto. Tem sido assim mais ou menos desde o momento em que dei início à ‘obra’. Peça a Nosso Senhor que me dê coragem”.[25] Como se não bastasse essa penumbra, Teresa passou a sentir uma dolorosa solidão, que foi sua companheira inseparável por toda a vida. Não conseguia sentir nem mesmo a presença de Deus ao seu lado. Em outra carta ao bispo, em 1956, chegou a confessar: “Anseio, com uma ânsia dolorosa, ser inteiramente para Deus; ser santa de tal maneira que Jesus possa viver plenamente Sua vida em mim. Quanto mais O quero, menos sou querida. Quero amá-Lo como Ele nunca foi amado, porém existe esta separação, este vazio terrível, este sentimento de ausência de Deus”.[26]

Esse era o “mais profundo segredo” de Teresa. Poucos o conheceram durante sua vida, pois a luz de seu sorriso escondia as trevas permanentes que existiam em seu interior. A um diretor espiritual, quase no limite humano, ela confessou: “Não sabia que o amor podia fazer alguém sofrer tanto”. Sentia-se triste, solitária e vazia, em completo contraste com a imagem pública da heroína dos pobres de Calcutá. Chegou a reconhecer que não sentia mais ter fé.

Frases como esta levam ao âmago de seu drama: “Quando tento elevar o pensamento para o Céu, há um vazio tão acusador que esses mesmos pensamentos regressam como punhais afiados e ferem a minha própria alma”.[27] Ela tinha

medo de que esse estado de ânimo a desequilibrasse, mas isso jamais aconteceu. Quem conviveu com Madre Teresa pôde testemunhar o forte equilíbrio humano daquela mulher. Teresa aprofundou sua mística da luz em meio às trevas e chegou a amar a escuridão e alegrar-se com seus sofrimentos. Já não se importava com seus sentimentos. Queria apenas ser uma “verdadeira Missionária da Caridade”.

Teresa viveu toda a sua vida sob a motivação do voto radical, atraída pela voz do Cristo sedento, sem qualquer forma de gratificação espiritual, sendo uma luz na mais completa escuridão. A cada dia viveu com maior profundidade esse aniquilamento pessoal, consumindo-se como uma vela para dar luz.

Em 1975, Madre Teresa conheceu, por acaso, em Roma, o sacerdote dehoniano padre Michael van der Peet. Era um pregador de retiros da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, fundada na França, no século XIX, com um carisma fortemente voltado para a solidariedade com operários, pequenos e pobres. Seu fundador, padre Léon Dehon (1843-1925), havia sido um grande divulgador da Doutrina Social da Igreja. Padre Michael acompanhou espiritualmente Madre Teresa durante algum tempo por meio de cartas. Essa correspondência revela a que ponto chegou a escuridão da religiosa. Ela revelou ao sacerdote que continuava permanecendo todos os dias logo pela manhã por duas horas em oração, como é costume em sua congregação; mas, apesar dessa fidelidade, admitiu que não sentia que estava rezando. Apenas pronunciava mecanicamente as palavras com a comunidade. Sentia até mesmo que sua alma não estava unida a Deus. Mas não deixava de rezar.

Teresa ultrapassou toda a lógica humana ao entender o sofrimento como um carinho de Deus. Apenas quem entra nos porões da própria alma pode entender esta lógica: “A tristeza, o sofrimento, nada mais são do que um beijo de Jesus; um sinal de que você chegou tão perto de Jesus que Ele pode

beijá-la. Eu acho que essa é a mais bela definição do sofrimento. Por isso, fiquemos felizes quando Jesus se inclina para nos beijar. Espero que estejamos suficientemente perto para que Ele possa fazê-lo”.^[28] Uma famosa expressão da carta de São Paulo aos Gálatas (2, 19-20) define perfeitamente a mística de Teresa: “Estou crucificado com Cristo! Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. Minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.

* * *

Após conhecer melhor os mistérios dramáticos da madre de Calcutá resolvi telefonar para meu editor. Havia encontrado minha resposta: “Vou escrever sobre o milagre de Teresa, mas é preciso deixar bem claro que o milagre não é dela, pois nada lhe pertence. Ela é toda de Jesus. É apenas um reflexo de uma luz maior. É milagre de Deus, por intercessão de Teresa”.

De fato, o próprio Jesus recomendou no Evangelho de Mateus (5, 14-16): “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha, nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa. Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus”. É por isso que a Igreja beatifica e canoniza algumas pessoas: para que os homens, vendo a luz e a obra dos santos, glorifiquem o Pai. É preciso muita humildade para permanecer escondido. Porém, é necessário humildade ainda maior para estar em evidência e, ainda assim, apontar para a verdadeira origem do amor, do bem e da luz. Teresa de Calcutá viveu essa mística em cada minuto de sua vida. Acredito que ela ficará feliz se um livro colocar em destaque as maravilhas que Deus continua realizando por

meio de sua oração, lá no céu.

Este livro, portanto, não é sobre obras humanas, mas sobre a obra de Deus na vida de muitas pessoas. Uma dessas obras aconteceu no Brasil em 9 de dezembro de 2008. O milagre foi reconhecido pela Igreja Católica como a condição que faltava para a canonização de Madre Teresa de Calcutá.

Mas o que realmente aconteceu de tão extraordinário naquele dia que nem a ciência consegue explicar? Eu mesmo não tinha a menor ideia do que poderia ser. Para responder a essa pergunta, sugeri ao editor que fossemos até a Baixada Santista, no litoral do estado de São Paulo, para conhecer de perto os fatos em torno da mulher que, mesmo lá no céu, continua sendo “um lápis nas mãos de Deus”.

Após terminar todos esses estudos, percebi que a canonização de Madre Teresa pelo Papa Francisco, em 4 de setembro de 2016, marca os 70 anos da sua experiência fundante: 10 de setembro de 1946. Coincidência? Os místicos preferem afirmar que é uma “Divina Providência”.

Este livro é o relato de um viajante curioso. Acompanhe os passos até o lugar do milagre. A história de Teresa continua a ser um misto de fraqueza e força; de escuridão e luz; de ternura e vigor. É uma linda e dolorosa história de amor.



CAPÍTULO DOIS

VIAGEM A SANTOS

Posso enviar quatro irmãs
para trabalharem com os mais pobres em Santos.
O que nós precisamos é de uma pequena casa,
como a casa de Nazaré,
que servirá de convento para as irmãs iniciarem.^[29]

Madre Teresa de Calcutá
ao bispo de Santos, 1996

A viagem

Quinze dias após lançar seu desafio, o editor me levou a Santos para conhecer em detalhes o milagre de Teresa. Era uma primeira sexta-feira do mês, dia tradicionalmente dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Lembrei que Madre Teresa havia nascido em uma paróquia dedicada ao Sagrado Coração e que sua morte aconteceu em uma primeira sexta-feira do mês. Coincidências humanas ou providências divinas?

Sáimos cedo de São Paulo. Deixamos a imensa selva de pedra para trás e descemos a serra em direção ao litoral. A estrada é cercada pela floresta nativa. É uma forte experiência ecológica. Baixada Santista é o nome dado à região metropolitana do litoral de São Paulo, composta pelos municípios de Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. É uma região densamente povoada, com uma população de quase 2 milhões de habitantes. A principal cidade da região é Santos, com cerca de 500 mil habitantes, onde fica o maior porto do Brasil e da América Latina.

O planalto onde fica a grande São Paulo é ligado ao litoral da Baixada Santista pelo moderno sistema Anchieta-Imigrantes. A conhecida Rodovia dos Imigrantes tem 58,5 quilômetros de extensão desde São Paulo até a cidade de Praia Grande. Ao longo dela, passa-se por 44 viadutos, sete pontes e catorze túneis. Ao descer, o viajante pode contemplar as belezas da Serra do Mar, onde se encontra a maior porção contínua preservada da Mata Atlântica do Brasil. Essa floresta já cobriu quase todo o imenso litoral brasileiro. Descer o caminho do mar é voltar séculos na história e ter uma

pequena ideia de como foi este país no tempo em que os primeiros portugueses chegaram, há mais de quinhentos anos.

O conhecido cantor Roberto Carlos e seu amigo Erasmo immortalizaram, com seu peculiar romantismo, as curvas da estrada de Santos em uma de suas canções mais famosas:

*Se você pretende saber quem eu sou
Eu posso lhe dizer
Entre no meu carro na Estrada de Santos
E você vai me conhecer
Só ando sozinho e no meu caminho
O tempo é cada vez menor
Preciso de ajuda,
Por favor me acuda
Eu vivo muito só
Na Estrada de Santos as curvas se acabam
E eu não vou mais passar*

Outras celebridades immortalizaram a região. Ali fica a sede do Santos Futebol Clube, time de muitas conquistas, fundado em 14 de abril de 1912, dois anos após o nascimento da pequena Gonxha, que o mundo viria a conhecer como Santa Teresa de Calcutá. Quase cem anos depois, as duas histórias se cruzariam nas “curvas da estrada de Santos”. Na década de 1960, o Santos se consagrou como um mito do esporte ao revelar jogadores como Pelé e conquistar o Bicampeonato Mundial. Na ocasião a FIFA deu ao clube o título de “O melhor time do século nas Américas”.

Continuamos descendo rumo à “Ilha do Milagre”. Todo viajante fica impressionado com as belezas naturais desse incrível cenário brasileiro. De um lado, a imensa serra; e de outro, o deslumbrante mar.

A Ilha de São Vicente localiza-se no coração da Baixada Santista e é ocupada pela cidade de São Vicente, ao sul, e pela

cidade de Santos, ao norte. Esses dois “pulmões urbanos” da ilha são separados por uma pequena e elegante cadeia de montanhas. O lugar possui uma geografia física, humana, cultural e política extremamente característica e marcante. Apenas aos poucos o visitante percebe o incrível mapa do lugar. Foi exatamente no cenário dessa ilha, repleta de histórias, que aconteceram todos os fatos ligados ao “milagre de Teresa”. O homem que recebeu a graça de Deus por intercessão de Madre Teresa morava na cidade de São Vicente e foi atendido em um hospital de Santos.

A região tem suas raízes históricas na aurora mais remota do Brasil. Uma esquadra com treze embarcações, comandada por Pedro Álvares Cabral, saiu de Portugal em 9 de março de 1500 em direção às Índias, pensando em contornar o sul da África mas, por algum motivo, começou a desviar-se do seu rumo a partir das ilhas Canárias, avançando para o alto-mar, na direção oeste. Foi dessa forma que, após 44 dias de viagem, em 22 de abril, avistaram o monte Pascoal, na região que hoje conhecemos como Porto Seguro, na Bahia. Estava oficializada a posse do novo território. Em 26 de abril, foi celebrada a primeira missa no Novo Mundo, pelo Frei Henrique de Coimbra.

Inicialmente, os portugueses deram a essas terras o nome de Ilha de Vera Cruz, mas logo perceberam que se tratava de um continente e alteraram o nome para “Terra de Santa Cruz”. Em 1511, com o intenso comércio de pau-brasil, uma madeira cobiçada na Europa para produzir tinta vermelha, o nome da nova terra passou a ser definitivamente Brasil. A esquadra de Cabral tinha como destino original a Índia, por isso os portugueses chamaram os habitantes autóctones de índios. Os indígenas, por sua vez, chamavam essas terras de Pindorama, ou “Terra das Palmeiras”.

É bom lembrar, nesse resgate histórico, que já em 1492, Cristóvão Colombo, navegando a serviço da Espanha, havia chegado ao continente americano. Era um tempo em que

Portugal e Espanha exploravam intensamente o oceano em busca de novas terras. Por isso, para evitar conflitos, os dois países da Península Ibérica assinaram, em 1494, o Tratado de Tordesilhas, que criou uma linha imaginária localizada 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Portugal ficaria com as terras que fossem descobertas a leste da linha; e a Espanha, com as terras a oeste. Nesse contexto, aconteceu o “descobrimento” do Brasil, em 1500.

Nos trinta primeiros anos, a presença portuguesa em terras brasileiras foi basicamente extrativista. O problema era que o Novo Mundo também chamava a atenção de piratas aventureiros de países que haviam ficado de fora do Tratado de Tordesilhas, como França, Holanda e Inglaterra. Todos navegavam em busca de riquezas. Por isso, a partir de 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa, a presença portuguesa no Brasil apresentaria o propósito de colonizar essas terras, promovendo, entre outros, o plantio e o cultivo da cana-de-açúcar.

Um dos navegadores que acompanharam Cabral em 1500 foi o fidalgo português Gaspar de Lemos, comandante da embarcação que trazia mantimentos. Foi ele o homem de confiança que voltou a Portugal para dar a notícia ao rei Dom Manuel I, juntamente com a famosa carta descritiva de Pero Vaz de Caminha. Em 10 de maio de 1501, Gaspar de Lemos partiu novamente de Lisboa com sua frota, tendo com o destino a Terra de Santa Cruz. Junto com ele viajava o cosmógrafo italiano Américo Vespúcio, que emprestaria seu nome ao imenso continente das Américas. O objetivo da nova expedição era fazer um reconhecimento cartográfico oficial das terras do Novo Mundo. Retornariam a Portugal dois anos depois, em 7 de setembro de 1502.

Nessa viagem, foi mapeado o arquipélago de Fernando de Noronha; em 1º de novembro, a Baía de Todos os Santos; em 1º de janeiro de 1502, os viajantes chegaram à baía da Guanabara, que, acreditando ser um rio, chamaram de Rio de

Janeiro; em 6 de janeiro, avistaram Angra dos Reis; e, em 22 de janeiro, desembarcaram na ilha que os nativos locais chamavam de Gohayó. Alguns afirmam que era um nome indígena que significava “pedaço de terra separado à força do continente”. Estudos mais avançados, porém, indicaram que o nome já era resultado do primeiro contato dos nativos com europeus de origem semita que praticavam ali o comércio de alimentos e de escravos. Nesse caso, o nome teria ligação com a língua hebraica e significaria “lugar das provisões”. Gohayó seria o lugar de um porto providencial para os navegadores que chegavam ali já quase sem provisões. A expedição de Gaspar de Lemos preferiu dar ao local o nome do santo celebrado no dia de sua chegada, São Vicente, diácono e mártir ibérico da então província de Saragoza, que viveu em torno do ano 325. O lugar passou a ser chamado, então, Ilha de São Vicente.

Como era costume, a expedição deixou alguns degredados na região. Isso não significa que eram necessariamente bandidos ou criminosos, como se costuma imaginar. Alguns eram exilados por motivos religiosos, culturais ou políticos. Um deles foi um ilustre bacharel judeu mestre Cosme Fernandes Pessoa, conhecido simplesmente pelo apelido Bacharel. Segundo alguns relatos, ele teria sido deixado em Cananeia, no litoral sul de São Paulo. Há quem defenda que degredados já eram abandonados no litoral do Novo Mundo antes mesmo da chegada oficial de Cabral. O certo é que era uma prática muito comum na época.

Existem variadas versões sobre o que aconteceu nos trinta primeiros anos da história do Brasil. A falta de documentação favorece a imaginação. Aqueles exilados solitários, quando as embarcações iam embora, começavam a estabelecer algum tipo de convivência pacífica e comercial com os indígenas e constituíram pequenas povoações. Segundo alguns historiadores, Bacharel teria estabelecido alianças com os indígenas da região de Cananeia, inclusive desposando

mulheres nativas e tendo muitos filhos. Em 1510, teria conquistado Gohayó, ou Ilha de São Vicente, onde formou um próspero povoado e organizou o “Porto dos Escravos”. A partir dali, Bacharel tornou-se um grande líder no litoral do Brasil, possuindo muitos escravos e até um pequeno exército. Na região, havia pelo menos outros dois personagens misteriosos: João Ramalho e Antônio Rodrigues. Todos estavam perfeitamente adaptados à vida em meio aos índios. Essa organização dos antigos degredados chegou ao conhecimento da corte portuguesa, que viu nisso um perigo, por abrir as portas do Novo Mundo para piratas e outros países, uma vez que Bacharel comercializava com navegadores de qualquer nacionalidade, dando-lhes o suporte necessário para suas explorações e conquistas.

Mesmo assim, os interesses concretos de Portugal pela região viriam apenas trinta anos depois, com a decadência dos negócios portugueses na Índia. O navegador Martim Afonso de Sousa foi novamente enviado por Dom João III à região e chegou, em 22 de janeiro de 1532, ao próspero povoado de São Vicente. O lugar tinha cerca de doze casas, uma das quais era uma pequena fortaleza de pedra e era um centro de relações comerciais com os indígenas e com os navegadores que aportavam ali.

Bacharel foi expulso do povoado, sendo obrigado a retornar para Cananeia. Martim Afonso de Sousa, então, instalou ali uma câmara, um pelourinho, uma cadeia e uma igreja. Eram símbolos típicos da colonização portuguesa e os elementos político-administrativos necessários para a existência de uma “vila”, que era uma espécie de cidade organizada. São Vicente foi elevada oficialmente à condição de vila, sendo, nessa categoria, a primeira em todo o Brasil. Em 22 de agosto do mesmo ano, aconteceram, na Vila de São Vicente, as primeiras eleições populares do continente americano. Em 1535, o rei Dom João III criou a Capitania de São Vicente e doou-a para Martim Afonso de Souza.

O norte da ilha, conhecido pelos indígenas como Enguaguaçu, que significa “Baía Grande”, foi, aos poucos, ocupado por colonos portugueses e desenvolveu-se cada vez mais. Em 1540, na região ao pé do outeiro de Santa Catarina, foi construída uma capela por obra de Luís de Góis, com algumas casas ao redor. No ano seguinte, uma forte ressaca atingiu o porto de São Vicente, destruindo inclusive a câmara, a igreja e o pelourinho. Por isso, muitos moradores preferiram transferir-se para o povoado de Enguaguaçu por considerá-lo mais seguro. Provavelmente foi nesse ano de 1541 que Brás Cubas conseguiu autorização para transferir o porto de São Vicente para Enguaguaçu, na direção do outeiro de Santa Catarina, por ser um lugar mais seguro e por causa da crescente população local. Brás Cubas conseguiu empreender também, em 1543, a construção de um hospital inspirado na Santa Casa de Lisboa, que foi chamado de Santa Casa de Misericórdia de Todos os Santos. Foi o primeiro hospital do Brasil e da América Latina, cujo objetivo era oferecer os cuidados mais urgentes para aqueles que chegassem dos navios enfermos após longos períodos de navegação.

O povoado de Enguaguaçu, no norte da ilha, então, passou a ser conhecido como Todos os Santos e, finalmente, Santos. Outra possibilidade para esse nome é a semelhança do local com o Porto de Santos, que existia em Lisboa. O lugar teria passado a ser conhecido como “Povoado do Porto de Santos” e, depois, apenas Santos. Não se sabe ao certo em que data o povoado foi elevado à categoria de vila. Alguns documentos sugerem que isso ocorreu entre 4 de agosto de 1546 e 3 de janeiro de 1547.

O lugar prosperou e, em 1550, foi criada a alfândega de Santos. Na mesma época, chegaram ao Brasil os primeiros padres jesuítas, comandados pelo padre Manuel da Nóbrega. Na colônia, encontraram instalada a situação tão dramática quanto próspera do comércio de escravos indígenas. Os

jesuítas chegaram à Vila de São Vicente em 1549, com o padre Leonardo Nunes que fundou um colégio. A Ilha de São Vicente era, nessa época, um dos mais bem-sucedidos pontos de comércio de escravos da região.

A história da região de Gohayó-Enguaguaçu se mistura com a história do Brasil. Sem dúvida, temos ali o cruzamento de etnias que formaram a base do povo brasileiro. O encontro do interesse comercial da Europa com os ingênuos habitantes de Pindorama provocou sofrimentos que nem sempre a história pôde registrar, mas esse misterioso lugar esconde uma espécie de certidão humana e geográfica do nascimento do Brasil. Por isso, conhecer as origens desta nação no Porto dos Escravos da Ilha de São Vicente ajuda a entender como a cobiça humana pode provocar a pobreza por meio da exploração. Foi assim que surgiram os mais pobres dos pobres no Brasil. Era um lugar estratégico para os propósitos de solidariedade da santa de Calcutá.

Viajávamos para uma ilha repleta de história, ocupada pelas cidades de Santos e São Vicente. Naquele pedaço de terra, havia acontecido o milagre que, mais de quinhentos anos após a chegada de Pedro Álvares Cabral, estabeleceria uma nova ponte entre Índia e Brasil. Por um desses caprichos da história, Madre Teresa, uma santa da Índia, havia intercedido por um milagre em Santos.

Mil perguntas

Já era possível avistar a ilha e o imenso mar. A serra e a mata ficavam para trás, e meu coração fazia mil perguntas para as quais ainda não possuía respostas. O que teria acontecido naquele dia 9 de dezembro de 2008? O que Teresa de Calcutá tinha a ver com a cura daquele homem? Como aquela devoção havia chegado até a Baixada Santista? Por que a Igreja Católica escolheu esse e não outro milagre? O que pensam as

peças envolvidas no evento? Quem o presenciou? Existem provas? Quais foram os passos para se chegar à conclusão de que houve um milagre? Por que a Igreja Católica exige um milagre para canonizar uma pessoa? Como estaria a saúde da pessoa que foi curada tantos anos depois do milagre? Teria voltado a adoecer? Ficou definitivamente saudável? Foi uma cura inexplicável pelo ponto de vista da ciência? Por quê?

Releio a lista de perguntas e imagino que, se estivesse no meu lugar, Madre Teresa perguntaria tudo isso e muito mais. Já sabemos que ela era uma mulher atormentada por desolações e dúvidas. Ela mesma se definia como uma “santa da escuridão”. Pessoas com esse tipo de personalidade costumam ser insistentes nos seus questionamentos. A teimosia geralmente é uma marca dos perguntadores. Isso seria um defeito; mas defeitos atenuados podem tornar-se qualidades. Assim, uma teimosia moderada pode se transformar em perseverança.

O êxtase desses meus pensamentos foi interrompido pelo editor, ao meu lado na viagem, que lembrou ser necessário fazer uma lista das pessoas que poderiam ajudar a encontrar resposta para todos esses questionamentos. Ele mesmo indicou a pessoa-chave para dar a primeira visão panorâmica sobre o fato e abrir oficialmente as portas em nome da Diocese de Santos e de seu bispo, Dom Tarcísio Scaramussa. Tratava-se do padre Caetano Rizzi, um doutor em Direito Canônico, nomeado pela Igreja Católica como “Promotor de Justiça” para esse caso. Seria aquilo que conhecemos popularmente como “Advogado do Diabo”, cuja função é questionar se o Servo de Deus foi, de fato, santo e se o possível milagre teria acontecido realmente de modo tão extraordinário e inexplicável quanto se afirma. Era a pessoa ideal para dar as primeiras respostas e completar a lista de perguntas.



CAPÍTULO TRÊS

O ADVOGADO DO DIABO

A santidade não é um privilégio de uns poucos,
mas uma necessidade de todos.^[30]

Madre Teresa de Calcutá

O promotor de Justiça

Antes de encontrar o padre Caetano Rizzi era necessário saber melhor o que significa a figura do “Promotor de Justiça” e qual é sua função na fase de comprovação de um possível milagre em um processo de canonização.

A Igreja Católica sempre foi muito cuidadosa do ponto de vista jurídico. É uma imensa responsabilidade declarar que alguém deu bom exemplo nesta vida, está no céu e pode interceder por nós, que peregrinamos na história. Por isso, sempre fez parte dos debates canônicos a figura “do contra”. Era o *Promotor Fidei* (Promotor da Fé), hoje chamado de Promotor de Justiça. Sua função é questionar os fatos e levantar todas as possibilidades de fraude ou erro. Antigamente, era popularmente conhecido como *Advocatus Diaboli*. Sendo uma espécie de advogado de acusação, ou promotor, o Advogado do Diabo procurava falhas no processo, como provas insuficientes dos milagres.

Esse ofício foi criado em 1587 e redimensionado pelo Papa João Paulo II, em 1983. O Promotor de Justiça permaneceu como um perito em matéria teológica e canônica, responsável por examinar todos os documentos e interrogar as testemunhas. Ele deve fazer as perguntas necessárias, relevantes, pertinentes e úteis para que tudo seja esclarecido e para que eventuais dificuldades sejam explicadas. Depois de seu interrogatório, o Promotor de Justiça deve examinar os resultados, os autos e todos os documentos e, se necessário, pedir um suplemento de instrução.

Como podemos observar, toda essa lógica está prevista no Código de Direito Canônico e faz parte do ordenamento

jurídico utilizado há séculos pela Igreja Católica. A canonização de alguém não é apenas fruto de um discernimento espiritual. Existem normas positivas que devem ser observadas em cada caso. Para entender o sentido do milagre de Teresa dentro do contexto do processo de canonização é necessário conhecer algo sobre essa linguagem e prática jurídicas.

A Congregação para as Causas dos Santos

No início do cristianismo não havia um processo canônico para definir a santidade de alguém. Os santos eram escolhidos simplesmente por aclamação popular. Tudo começava com um movimento local que se estendia para toda a Igreja. Para evitar abusos, os processos de canonização foram sendo cada vez mais supervisionados pelos bispos. Temos notícia de que, em 993, o Papa João XV canonizou São Ulrico, que havia sido bispo de Augsburgo, durante um sínodo. Isso representou já certo amadurecimento do procedimento jurídico. Em 1170, o Papa Alexandre III determinou que a canonização fosse um ato reservado à Santa Sé. Em 1588, o Papa Sixto V criou a Sagrada Congregação dos Ritos com a missão de zelar pelo culto divino e estudar as causas dos santos. Bento XIV (1740-1758) aprimorou as regras para o processo de canonização e tudo isso acabou sendo assumido pelo Código de Direito Canônico de 1917. Paulo VI, em 1969, dividiu a Congregação dos Ritos em duas: uma para o Culto Divino e outra para as Causas dos Santos. Surgia, assim, a Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Em 1983, o Papa João Paulo II realizou uma reforma profunda nos procedimentos utilizados até então para declarar oficialmente a santidade de alguém. Foi criado o Colégio de Relatores, com a função de preparar as *Positiones super vita et virtutibus* (ou *super martyrio*), um relatório sobre a

vida, os escritos e as virtudes de alguém apresentado como modelo de santidade. Em 1988, o departamento passou a ser chamado simplesmente de Congregação para as Causas dos Santos. É presidida por um prefeito e administrada por meio de um secretário. Atualmente trabalham nesse departamento do Vaticano cerca de 23 pessoas. Além disso, estão integrados outros 34 membros, entre cardeais, arcebispos e bispos, um Promotor da Fé, cinco relatores e 83 consultores. A Congregação tem um *Studium* que forma os “postuladores”, que trabalham diretamente na causa dos santos. É essa “congregação” que apresenta ao papa tudo o que for necessário para a aprovação de novos modelos de santidade.

A Constituição *Divinus Perfectionis Magister*, do Papa João Paulo II, publicada em 1983, estabeleceu os passos utilizados até hoje para que alguém seja declarado santo, ou seja, canonizado.^[31] Primeiro, instala-se a fase diocesana, na qual o bispo ou ordinário do lugar onde a pessoa em questão morreu determina que se investigue sua vida e suas virtudes, a fama de santidade, os escritos e possíveis milagres. Essa etapa só pode ser iniciada cinco anos após a morte. No caso de Madre Teresa, o Papa João Paulo II dispensou essa exigência. Todos esses estudos são coordenados pelo postulador nomeado para a causa. O candidato a santo passa a ser chamado então de Servo de Deus.

Várias pessoas são envolvidas na fase diocesana: o ator (aquele que toma a iniciativa de promover a causa), o postulador diocesano, o bispo ou seu delegado, o Promotor de Justiça, o notário, as testemunhas e os peritos. O processo é amplo, longo e complexo. É examinada toda a vida do Servo de Deus e um eventual milagre. Para isso, são exigidas provas documentais e periciais. As testemunhas são ouvidas com todas as formalidades jurídico-processuais. Peritos com diversas qualificações são convocados para auxiliar nas investigações. O milagre não precisa ser uma cura, mas deve ser necessariamente físico, ou seja, ligado à natureza. O

resultado desse processo é registrado em autos que são enviados para a Congregação para as Causas dos Santos, em Roma.

A segunda é a Fase Romana do processo. Verifica-se se foram seguidos os trâmites legais na fase diocesana. Nomeia-se um Relator que deverá elaborar a *Positio* sobre as virtudes ou, eventualmente, o martírio do Servo de Deus. Caso as virtudes heroicas sejam reconhecidas, o Servo de Deus passa a ser chamado de Venerável. Para que o processo continue é preciso comprovar um milagre por intercessão da pessoa em questão. Para isso, uma série de consultores técnicos auxilia na análise dos mais diversos aspectos, inclusive na avaliação médico-legal e na avaliação teológica com aprovação por dois terços da totalidade dos votos. Em seguida, o processo deve passar pelo congresso de cardeais e bispos para que, depois, possa ser finalmente apresentado ao papa a fim de que o aprecie e aprove. Somente então o papa assina o *Decretum super miraculo*. Após o decreto, o “Venerável” é declarado “Beato”, ou “Bem-aventurado”. A beatificação permite o culto, mas restrito a algumas localidades reconhecidas pela Igreja com as quais o Beato tenha alguma ligação histórica.

Para que o Beato seja canonizado, exige-se um segundo milagre que deve passar pelo mesmo processo de investigação até receber o decreto pontifício. O papa decide então, durante um consistório de cardeais e prelados de quem recebe o parecer favorável, proceder à canonização. A pessoa canonizada pode ser cultuada como santa em qualquer lugar do mundo. Sua festa é assinalada no calendário litúrgico da Igreja e pode-se expor publicamente sua imagem ou suas relíquias, ou mesmo escolhê-la como padroeira de paróquias e associações a critério do bispo local. No caso de um mártir, não é exigido nenhum milagre.

O milagre deve ser algo inexplicável pela ciência, especialmente pela medicina, no caso das curas. A Igreja consulta médicos peritos, inclusive de outras religiões e ateus.

Deve ser uma cura perfeita, rápida e duradoura. Não pode haver dúvidas de que foi realmente um milagre. A palavra “canonização” é utilizada porque o nome da pessoa é incluído oficialmente pelo papa no “cânone”, ou lista dos santos.

Visão panorâmica do fato

Feitos esses estudos prévios, chegamos à Cúria Diocesana de Santos. O padre Caetano Rizzi já nos aguardava. Considerando a função de “Advogado do Diabo”, imaginei que encontraria um homem de poucos amigos, com reservas e críticas a fazer. Em vez disso encontrei um sorriso acolhedor e grande disponibilidade. Logo me contou que era originário de Gramado, no Rio Grande do Sul. Havia concluído o doutorado em Direito Canônico e atuava no recém-criado Tribunal Eclesiástico de Santos.

Fui direto ao ponto e perguntei-lhe o que de fato havia acontecido no caso do “Milagre de Teresa”. Ele perguntou-me se havia lido a declaração oficial do postulador da Bem-Aventurada Teresa de Calcutá, o Missionário da Caridade padre Brian Kolodiejchuk. Fui obrigado a responder que não sabia nada sobre o fato, mas estava muito curioso para conhecer os detalhes. Ele me entregou uma folha com a declaração oficial, junto com uma recomendação: “Leia e, depois, conversaremos.” Então, voltou a atender a imensa fila de pessoas que o procuram com todos os tipos de problema à espera de uma solução canônica.

A declaração pública e oficial do padre Brian, amplamente divulgada naquela ocasião, diz:

Em 17 de dezembro de 2015, o Papa Francisco aprovou a promulgação do decreto reconhecendo um milagre atribuído à intercessão da Bem-Aventurada Teresa de Calcutá. O caso submetido à Postulação da sua Causa de

Canonização diz respeito à cura milagrosa que teve lugar em 2008, em Santos, Brasil. O caso envolve um homem com uma infecção bacteriana no cérebro que resultou em abscessos múltiplos com hidrocefalia triventricular.

Os diversos tratamentos realizados não foram eficazes e, portanto, a sua condição piorou continuamente. Em 9 de dezembro de 2008, o paciente estava em um estado clínico agudo: hidrocefalia obstrutiva. Ele estava em coma e morrendo. Foi decidido proceder à cirurgia de emergência. Às 18h10, o paciente foi levado para a sala de cirurgia, mas o anestesista não pôde executar a intubação traqueal para anestesia.

Enquanto isso, desde março de 2008, a esposa do paciente continuamente procurou a intercessão da Bem-Aventurada Teresa para seu marido. Às suas próprias orações de intercessão juntaram-se as de seus parentes, amigos e do padre da paróquia, os quais estavam rezando para uma cura milagrosa por intercessão de Madre Teresa.

Neste mesmo dia, 9 de dezembro de 2008, quando o paciente entrou em grave crise e teve de ser levado para a operação de emergência, as orações dirigidas à Bem-Aventurada Teresa para a recuperação foram intensificadas. Precisamente entre 18h10 e 18h40, a esposa do paciente foi para a igreja paroquial e, juntamente com o pastor, voltou-se para a Bem-Aventurada Teresa, implorando com maior determinação a cura do seu marido que estava morrendo.

Às 18h40, o neurocirurgião retornou à sala de cirurgia e encontrou o paciente inexplicavelmente acordado e sem dor. O paciente perguntou ao médico: “O que estou fazendo aqui?” Na manhã seguinte, 10 de dezembro de 2008, quando examinado às 7h40, o paciente estava

totalmente acordado e sem qualquer dor de cabeça. Apresentava-se assintomático, com cognição normal.

O paciente, agora completamente curado, retomou seu trabalho como engenheiro mecânico, sem qualquer limitação específica. Além disso, ressalta-se que, apesar dos testes que mostraram o estado de esterilidade devido à imunossupressão e ao uso de antibióticos de modo intenso e prolongado, o casal tem dois filhos saudáveis, nascidos em 2010 e 2012.

Em 10 de setembro deste ano, a comissão médica votou por unanimidade que a cura é inexplicável à luz dos conhecimentos médicos atuais. Em 8 de outubro, a comissão teológica também votou por unanimidade que havia uma perfeita conexão de causa e efeito entre a invocação de Madre Teresa e a cura cientificamente inexplicável. Em 15 de dezembro de 2015, o caso recebeu a aprovação final do congresso de cardeais e bispos da Congregação para as Causas dos Santos, reunidos em sessão ordinária. A data da canonização será anunciada oficialmente no próximo Consistório de Cardeais.

A continuação da história é conhecida por todos. O Papa Francisco assinou o decreto de aprovação do milagre em 17 de dezembro de 2015 e, no início do ano seguinte, aconteceu o Consistório de Cardeais que decidiria sobre algumas causas de canonização, entre elas a de Teresa de Calcutá. Em 15 de março de 2016, o papa divulgou que Teresa seria canonizada em 4 de setembro, véspera da memória litúrgica da santa dos pobres.

Com essa primeira visão dos acontecimentos que envolvem o “milagre de Teresa”, retomei minha conversa com o “Advogado do Diabo”. Queria saber como ele havia sido envolvido nessa história após tanto tempo. Um fato ocorrido em 2008 havia sido aprovado apenas em 2015: sete anos depois! O que aconteceu em todo esse tempo? Como foi o

processo para chegar-se à conclusão de que aquele era o milagre exigido pela Igreja para a canonização da santa?

Um convite surpreendente

Novamente diante do padre Caetano, iniciei a conversa perguntando sobre sua função no processo de canonização.^[32] Ele explicou que foi nomeado pela Santa Sé, por meio da Congregação para as Causas dos Santos, como Promotor de Justiça. Perguntei se seria o antigo “Advogado do Diabo”. “É o que dizem!”, respondeu ele com seu característico senso de humor.

Contou-me ainda que é presidente do Tribunal Eclesiástico na Diocese de Santos, criado em 2015, e que antes fazia parte do Tribunal da Arquidiocese de São Paulo. Fez seu doutorado em Direito Canônico em São Paulo por meio de um programa em convênio com a reconhecida Universidade Lateranense, de Roma, que forma os melhores canonistas do mundo. Sua tese de doutorado foi sobre “A visita *ad Limina*, comunhão e corresponsabilidade”. Trata-se da visita que todos os bispos fazem periodicamente ao papa.

Então, o padre explicou-me que já era conhecido em Roma por sua atuação como Delegado Episcopal no caso do milagre que levou aos altares a religiosa sudanesa hoje conhecida como Santa Bakhita. O milagre determinante para essa canonização também aconteceu em Santos, em 27 de maio de 1992, e esteve sob os cuidados de padre Caetano. Portanto, ele já conhecia bem os trâmites do processo. Não resisti a uma piada fácil:

— Então Santos é o lugar dos Santos?

— E do Santos — replicou o promotor, sempre com presença de espírito, referindo-se ao time de futebol.

Pedi então que ele me falasse um pouco de como tudo aconteceu na fase recente desse fato. Ele explicou-me que,

apesar de tudo ter acontecido muito perto dali, em Santos e São Vicente, ele não havia tomado conhecimento dos fatos até 2015. Havia sido outro sacerdote – na época pároco do homem que recebeu o milagre e de sua esposa – padre Elmiran, quem acompanhou tudo com muita discrição e levou a graça alcançada por intercessão de Madre Teresa ao conhecimento das Missionárias da Caridade, que possuem uma casa em Santos e que, por sua vez, encaminharam as informações à Postulação. Porém, ainda era apenas “uma graça” entre milhares de outras. Não se falava propriamente em milagre.

Nesse momento, percebi que padre Caetano pouco poderia me informar sobre o período que transcorreu entre 2008 e 2015. Por isso, resolvi apressar o tempo e ir direto aos fatos recentes. Pedi que me falasse um pouco sobre sua participação nos desdobramentos desse episódio a partir de 2015. Os olhos dele brilharam, mostrando-me que aquela graça tinha um significado profundo em sua vida. Ele iniciou seu relato:

Era meados de junho. No correio eletrônico havia uma mensagem enviada por um velho conhecido em Roma, brasileiro, que trabalha no Vaticano. Pedia um número de telefone para conversar comigo. Enviei imediatamente. No dia seguinte, pelas 15 horas, o telefone tocou. Era ele. Foi direto ao ponto: “Estou telefonando em nome do Papa Francisco.” Imaginei o que eu poderia ter feito de tão grave para o próprio papa querer falar comigo. Ele explicou: “Temos um possível milagre atribuído à Madre Teresa de Calcutá, que teria acontecido em Santos. A Igreja Católica sugere que você seja o Promotor de Justiça nesta etapa do processo de investigação sobre o milagre. Você aceita?” Respondi: “Se o papa me chama, quem sou eu para dizer não!?” Ele continuou: “Na semana que vem, iremos à cidade de Santos com uma equipe da Congregação para as Causas dos Santos. Vou enviar a lista das testemunhas do possível milagre e você deve providenciar um local para ouvi-las, bem como hospedagem para toda a equipe. Providencie também médicos e peritos em neurologia e em alguma

outra especialização, que sejam cientistas e doutos no assunto.” Desligamos o telefone, e, sentado como eu estava, continuei. Era a segunda vez que Deus me provocava dessa forma. A primeira foi para investigar o milagre atribuído à Beata Josefina Bakhita, religiosa Canossiana, que também aconteceu em Santos, em 1992. No ano 2000, o Papa João Paulo II a canonizara. Agora seria preciso investigar um milagre atribuído à Madre Teresa de Calcutá que eu havia conhecido pessoalmente e por quem, como todos, nutria grande admiração. Entrei em contato com nosso bispo diocesano, Dom Tarcísio Scaramussa. Ele me deu autorização para iniciar os contatos. Telefonei para dois médicos: dr. Marcus Vinicius Serra, neurocirurgião conceituado, e dra. Mônica Mazzurana Benetti, professora doutora na Faculdade de Medicina de Santos, especialista em cirurgia bariátrica. Ambos aceitaram o desafio sem maiores problemas. Juntamente com outro sacerdote, padre Vagner Argolo, chanceler do Bispado, iniciamos os preparativos na Residência Sacerdotal, também residência do bispo, onde seria instalado o Tribunal Oficial para essa investigação e onde seria hospedada a equipe. Agendei dia e hora para as audiências com as catorze testemunhas, entre elas o possível miraculado, que viria com sua esposa para depor.

A visita da comissão de Roma

Os resultados das entrevistas realizadas pela comissão de Roma estão em um relatório oficial que não pode ser divulgado, mas padre Caetano pôde oferecer-me algumas informações gerais que já haviam sido amplamente divulgadas pela postulação, pela Congregação para as Causas dos Santos, pelos órgãos de comunicação da Diocese de Santos e por outros veículos da imprensa nacional e internacional. Aceitei-as, pois para quem nada sabia sobre o milagre qualquer informação seria preciosa. Minha viagem estava apenas começando. Aos poucos, eu poderia entender melhor

os detalhes daquela bela história de amor.

Expliquei-lhe que não estava muito interessado em detalhes de histórias pessoais nem em divulgar nomes de pessoas, instituições e lugares. Apenas queria entender o milagre de Teresa. Ele contou-me, então, que em uma quinta-feira, 18 de junho de 2015, à hora do almoço receberam a equipe de Roma, formada pelo monsenhor Robert Sarno, da Congregação para as Causas dos Santos, que veio como Delegado Episcopal, dr. Waldery Hilgeman, da mesma Congregação, como Notário, e pelo padre Brian Kolodiejchuk, Missionário da Caridade e postulador da causa de Madre Teresa.

O Delegado Episcopal tinha um irmão que vivia nos Estados Unidos e era neurologista, a quem pedira um laudo médico a partir de tomografias e ressonâncias magnéticas e de outros documentos para certificar-se de que estava realmente diante de um fato inexplicável pela medicina. O neurologista já havia declarado que a ciência não tinha explicação. Portanto, em Roma, já havia fortes indícios de que se tratava mesmo de um milagre. Por esses estudos preliminares, haviam decidido que valeria a pena ir a Santos para verificar *in loco*.

Imediatamente após o almoço, começaram a trabalhar na preparação minuciosa das audiências. Não era um procedimento qualquer. Era a investigação de um milagre. E tratava-se de Madre Teresa de Calcutá. Com um ato solene, na Capela da Residência Sacerdotal foi instalado oficialmente o Tribunal. O bispo diocesano recebeu os juramentos e compromissos de toda a equipe. O bispo emérito de Santos, Dom Jacyr Francisco Braido, acompanhou essa solene celebração. Estavam presentes as Missionárias da Caridade da Comunidade de Santos, bem como a Superiora Provincial das irmãs. O Tribunal ficou assim constituído:

– Delegado Episcopal: monsenhor Robert Sarno

- Promotor de Justiça: padre Caetano Rizzi
- Notário: dr. Waldery Hilgeman
- Notário Adjunto: padre Vagner Argolo
- Intérprete: padre Giancarlo Rizzinelli
- Médicos peritos:
 - dr. Marcus Vinicius Serra
 - dra. Mônica Mazzurana Benetti

Também compareceram ao Tribunal amigos e conhecidos do miraculado, familiares, seus pais e irmãos, profissionais da área da saúde que trabalhavam no hospital no dia do milagre, o miraculado, sua esposa e o sacerdote que promoveu a devoção à Madre Teresa na vida do miraculado, por intermédio de sua esposa.

Padre Caetano explicou-me que não bastava o testemunho daqueles médicos. Seria necessário analisar todos os exames e ouvir o parecer de muitos peritos. Também foram ouvidos com atenção os testemunhos do próprio homem que recebeu a cura e de sua esposa, que estavam acompanhados de seus filhos.

Em seguida, os peritos foram colocados em diálogo aberto diante dos resultados dos exames. Segundo padre Caetano, o debate foi longo e exaustivo e visitaram-se todas as possíveis explicações científicas para o fato. A conclusão era sempre a mesma: a ciência não podia explicar o que havia acontecido.

Terminada essa fase dos depoimentos, a equipe trabalhou na elaboração de um minucioso relatório, que chegou a quase quatrocentas páginas, pois cada detalhe era absolutamente fundamental. O documento foi levado para compor o processo em Roma, na Congregação para as Causas dos Santos. Uma cópia foi conservada sob sigilo na Diocese de Santos. O Tribunal foi encerrado após cumprir sua missão.

Como acontecera no início, todos foram convidados para um momento de oração em que se rezou o *Magnificat*, a preceção entoada por Maria e registrada no Evangelho de Lucas

(1, 46-55): “O Senhor fez em mim maravilhas; santo é o seu nome”. Também foi convocada uma entrevista coletiva de imprensa e, em seguida, a equipe voltou para Roma. Era o dia 24 de junho de 2015.

O resto da história é conhecido. Em 17 de dezembro, o Papa Francisco examinou o relatório e decretou a autenticidade do milagre. Foi uma notícia internacional. Os olhos do mundo se voltaram para Santos e São Vicente, desejando saber o que havia acontecido. Céticos e crentes discutiram o assunto. A família do miraculado entrou no umbigo do furacão. A pequena Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de São Vicente, foi manchete nos jornais de todo o mundo. Padre Elmiran, um simples sacerdote, teve de dar muitas entrevistas. Os peritos médicos receberam perguntas técnicas enviadas por colegas, curiosos com a falta de explicação para o ocorrido. O dr. João Cabral, neurocirurgião que presenciou o fato extraordinário, naquele entardecer do dia 9 de dezembro de 2008, não cansava de repetir o que pensava sobre os abscessos: “Um é prejudicial, dois colocam em risco a vida... Oito? Não existe ninguém vivo para contar!”.

Um encontro com Madre Teresa

Depois desses relatos, o padre Caetano contou-me que, uma única vez, teve a oportunidade de estar pessoalmente com Madre Teresa. Ele relatou seu rápido e inesquecível encontro:

Na época, eu era seminarista. Estava em São Paulo e Madre Teresa faria uma palestra no Anhembi. Queria muito ir, mas não havia recebido ingresso para o evento. Apesar disso, com fé e coragem, dirigi-me ao local e consegui chegar à sala da palestra. Deus abriu os caminhos, e, de repente eu estava lá, à espera daquela mulher que movia corações no mundo inteiro. Lembro que estava sentado na primeira fila. De repente, ouvi um alvoroço. Madre Teresa chegava. Todos aplaudiam. Ela era tão simples e pequena

que precisou de um banco para alcançar o microfone. Respondeu a todos com sua conhecida postura de mãos unidas, em suave reverência. Ao tomar a palavra, convidou todos a rezarem um Pai-Nosso. Em seguida, fez seu pronunciamento de modo espontâneo. Falou o que lhe vinha ao coração. Lembro-me de ter defendido o direito à vida. Tocou particularmente na questão do aborto. Sua voz era frágil e serena, mas suas palavras eram fortes e incisivas. Falou, sem medo, que “uma sociedade que permite o aborto é uma sociedade pobre, sem valores, pois mata a vida quando a vida ainda não pode se defender”. Quando terminou seu discurso, os aplausos se prolongaram e ela retirou-se discretamente. Havia cumprido sua missão. Nunca mais a vi pessoalmente. Não podia imaginar que havia conhecido uma santa e que trabalharia no seu processo de canonização. Mistérios de Deus!

Ao final de nossa conversa, perguntei ao padre Caetano com quem eu deveria conversar primeiro para conhecer melhor o Milagre de Teresa. Ele recomendou uma conversa com a única pessoa que presenciou o fato: o dr. João Cabral. Marquei, então, um encontro com ele no dia seguinte.



CAPÍTULO QUATRO

A CIRURGIA QUE NÃO ACONTECEU

Se alguma vez vier a ser Santa,
serei certamente uma santa da “escuridão”.
Estarei continuamente ausente do Céu
para acender a luz daqueles
que se encontram na escuridão da Terra.^[33]

Madre Teresa de Calcutá

Um fato impressionante

Exatamente na hora marcada, o dr. João Luís Cabral Júnior compareceu para a entrevista.^[34] Sereno e simpático, mostrou-se totalmente disposto a responder o que fosse necessário para esclarecer o fato ocorrido sob sua responsabilidade de neurocirurgião no dia 9 de dezembro de 2008. Iniciei perguntando como ele se sentia ao falar publicamente sobre algo que aconteceu na privacidade de uma sala de cirurgia e que hoje ganhou as manchetes dos jornais em todo o mundo. Ele respondeu com objetividade refletida, como se já esperasse essa pergunta:

“Para mim, não há problema nenhum. Sou livre para falar sobre esse caso, pois tenho autorização do Conselho de Medicina e da família. Não estou violando nenhum segredo médico. É lógico que, numa fase inicial, mantive segredo, mas, como fui informado de que o fato era muito importante para o catolicismo e de que meu depoimento poderia ajudar na canonização de uma futura santa, resolvi contar tudo o que aconteceu. Com a autorização expressa e documentada do paciente e de sua família e do Conselho Federal de Medicina, pude expor o segredo.”

Você se lembra bem dos fatos que aconteceram antes e, especialmente, em 9 de dezembro de 2008?

Sim. Lembro-me perfeitamente. Não é todo dia que um paciente com hidrocefalia e em estado bastante crítico acorda, na mesa de cirurgia, e começa a falar com você.

O estado do paciente era realmente grave?

Sim. Ele foi internado via pronto-socorro em estado de mal epilético. A crise convulsiva é sintoma de uma patologia. Ele deu entrada confuso, febril e em estado pós-convulsivo e ficou internado sob meus cuidados. Fui chamado e assumi o caso porque, na época, respondia pelo serviço de neurologia e neurocirurgia interinamente. Durante todo o tratamento, ficou sob meus cuidados e o visitei diariamente.

Foi feito algum exame específico quando ele chegou?

Sim. A crise convulsiva é um sintoma de lesão cerebral; tem de se investigar se é meningite, tumor... enfim. Fiz uma tomografia computadorizada para investigar o cérebro do paciente e descobri os abscessos cerebrais.

Já tinha hidrocefalia?

A hidrocefalia foi depois da internação.

Quando ele chegou não tinha?

Não. Pelo fato de não ter imunidade, devido a uma cirurgia renal – geralmente os transplantados recebem remédios para manter a imunidade ou corrigir imunidade perdida –, ou por, possivelmente, ter imunidade fraca, contraiu uma infecção, talvez por uma ferida na pele ou mesmo uma infecção dentária. Isso foi a porta de entrada para uma infecção bacteriana. A bactéria caiu na circulação sanguínea e chegou ao cérebro e provocou os abscessos cerebrais.

Foi nessas condições que ele chegou até você?

Sim. Já chegou em estado de confusão mental, que, com o passar do tempo, só foi piorando. Ele pouco respondia à medicação. O tratamento para abscessos cerebrais, causados por uma infecção bacteriana, é à base de antibióticos. Então, entrei com antibioticoterapia, com corticoides. Enfim, utilizei o protocolo preconizado mundialmente para tratar uma infecção no sistema nervoso central.

E mesmo assim ele foi piorando?

Ele chegou a estabilizar, mas logo em seguida piorou novamente.

E os abscessos permaneciam ali?

Ali. Não regrediram nada. Abscessos cerebrais são como bolas de pus, que podem infiltrar o cérebro e isso provoca uma irritação do sistema ventricular do líquido, causando uma hidrocefalia aguda.

E isso aconteceu...

Sim. No decorrer da internação, não sei especificar após quantos dias, ele teve essa ventriculite, que é uma infecção bacteriana que acomete os ventrículos que produzem o líquido. Foi então que aumentou o desequilíbrio. O organismo produziu mais líquido do que absorvia, causando uma hidrocefalia aguda.

Qual seria o tratamento da hidrocefalia?

Leva-se ao centro cirúrgico para colocar um cateter no cérebro a fim de drenar a hipertensão, na esperança de salvar a vida do paciente. Se isso não for feito, ele morre. Não há como expandir a caixa craniana. É uma caixa fechada, não tem para onde expandir. Se o cérebro incha, a circulação entra em colapso, e o paciente morre por isquemia sanguínea, ou seja, ausência de circulação. Não tem espaço. Um edema cerebral pode acabar ocluindo. O que aconteceu nesse caso foi uma hidrocefalia. Em menos de 1% dos casos, o paciente pode responder à medicação, o que evitaria a cirurgia.

O paciente poderia se encaixar nesses 1%?

Infelizmente ele não respondeu ao tratamento. Aos poucos, além dos abscessos cerebrais, começou a apresentar sinais de hipertensão intracraniana provocada pela hidrocefalia; então começou a entrar em coma. O nível de consciência começou a baixar; não falava, estava mole, começou a fechar os olhos.

Nós médicos conhecemos bem esses sintomas. Analisei-o e sugeri que fosse levado imediatamente para o centro cirúrgico. Estava no limite. Correndo, levamos o paciente para o centro cirúrgico. Chegando lá reavaliei o caso e decidi operar, mas, por algum motivo, a enfermeira não chegou com o cateter que seria colocado no cérebro para drenar. Então, chamei o anestesista e falei: “O caso é urgente. Fique aqui com o paciente enquanto vou ao almoxarifado. Sei onde encontrar esse cateter, pois opero aqui todos os dias”.

Você demorou a voltar ao centro cirúrgico?

Não lembro exatamente quanto tempo demorei. Quem sabe dez ou quinze minutos... No máximo meia hora. Foi o tempo de me desparamentar, sair do centro cirúrgico, ir ao almoxarifado, pegar o material e voltar.

Já tinha anestesiado o paciente?

Não. O anestesista estava apenas ao lado do paciente, dando suporte clínico, analisando o oxigênio, a pressão arterial, etc., até que eu voltasse e desse a ordem para sedar e entubar o paciente. Na cirurgia, você induz ao coma com medicamentos antes de entubar e realizar o procedimento. No momento em que voltei com o cateter, o paciente começou a acordar.

O anestesista também lembra desse fato?

Sim. Lembra-se perfeitamente do que aconteceu, pois foi realmente inesperado.

Você recorda mais ou menos o horário em que tudo aconteceu?

Era final da tarde, quase noite, algo em torno das 19 horas, que é a hora de troca de plantão. Apesar de fazer muito tempo, lembro que aconteceu nesse horário.

A cirurgia só não aconteceu porque a enfermeira não estava ali com o cateter?

Sim. Nesse horário, é comum isso acontecer, pois há menos

funcionários para circular e atender a todas as necessidades.

Também não foi muito tempo. Estamos falando de um intervalo de, no máximo, meia hora.

Sim. Achei o cateter. Voltei com ele na minha mão, pronto para ser utilizado. Então, deparei-me com a surpreendente melhora clínica do paciente. Reavaliei a situação e falei para o anestesista: “Suspende! Vamos levá-lo para a UTI e repetir a tomografia”.

Você tinha feito uma tomografia antes?

Sim. Tinha uma tomografia anterior, feita no período agudo.

E tem uma outra tomografia feita depois?

Sim. Repeti a tomografia e percebi que diminuíram os sinais de hipertensão intracraniana.

Desculpe-me por insistir nesse detalhe, mas ele acordou com claros sinais de lucidez?

Sim.

Isso não estava previsto no protocolo médico, não é?

Não sei se você quer que eu responda como médico ou como “religioso”, dentro da minha crença.

Como médico, naturalmente. Deixe-me ver se entendi. Você estava pronto para operar. A urgência fez com que você mesmo buscasse o cateter, o que não seria o procedimento normal, pois o protocolo manda esperar a enfermeira, mesmo com algum atraso. Mas essa espera poderia levar o paciente à morte; era perigosa. Afinal eram vários abscessos agravando a hidrocefalia.

Na literatura mundial, não existe registro de alguém que tenha adquirido oito abscessos cerebrais e sobrevivido. Até três tem relato na literatura mundial, mas são pouquíssimos pacientes. Com um abscesso, cerca de 99% sobrevivem com tratamento. Com dois abscessos, a coisa se inverte e a chance

de óbito sobe para 80%. Com três abscessos, o risco de morte é de 95%; e, acima de quatro, não existem relatos de cura.

Oito seria uma coisa impossível na prática médica?

Sim. Nunca foi descrito na literatura mundial.

Agravado o estado com a hidrocefalia, o cateter seria colocado apenas para retardar ou dar alguma sobrevida?

Na minha formação médica, procuro ir além da medicina e não me conformo com as estatísticas. Nunca digo que um caso não tem cura e que não adianta insistir. Eu não acredito nisso.

Quer dizer que um médico que seguisse um protocolo mais ortodoxo poderia dizer diante daquilo: “Oito abscessos, hidrocefalia, nenhuma resposta à medicação... Deixa a vida seguir seu curso! Avisa a família. Não tem mais jeito.” Mas você ultrapassou esse procedimento. Respeitou sua consciência, sua experiência, sua convicção médica que vai além do protocolo. Levou o paciente para o centro cirúrgico com um extremo senso de urgência e estava pronto para a última tentativa. Nesse momento crítico, contra todas as possibilidades, o paciente abre os olhos e diz: “Boa noite. O que estou fazendo aqui?”. Qual foi sua reação? Não era pra ele acordar. Estava em coma.

Sou cientista e médico. Não sou religioso. Pela minha formação não acredito em milagres. Inclusive, se acreditasse, poderia ser muito parcial na avaliação desse caso. É importante que o médico não misture religião, crença, com medicina. Foi o que sempre fiz. Qual foi minha reação perante um quadro que nunca foi descrito no mundo, nem havia jamais acontecido em minha mão? Já houve diversos casos de abscessos que tratei, e muitos pacientes morreram, pois essa era a evolução natural da doença. Minha visão retrospectiva diante desse fato específico é que a medicina de algum modo o ajudou.

E a medicina tem alguma explicação para esse fato?
Não!

Naquele momento, pareceu-me que todos os dados realmente importantes já haviam sido relatados pelo dr. João Luís Cabral Filho. Para encerrar, resolvi fazer uma última pergunta. Foi quando ele me surpreendeu, mostrando uma face escondida de seu coração.

Uma história de vida

Para concluir, há mais alguma coisa que deseja contar?
Há um fato muito interessante que acho que vale a pena acrescentar: meu pai foi padre.

Que interessante. Aqui em Santos?
Não, não. Meu pai é um jesuíta de Portugal. Foi missionário na África por vários anos. Depois, veio para o Brasil para ser diretor de uma faculdade em Mogi das Cruzes, que é a cidade onde nasci. Ele tem noventa anos e está muito lúcido.

Mas ele deixou de ser padre?
Quando ele chegou ao Brasil, na década de 1960, conheceu a primeira faculdade de Mogi das Cruzes, fundada por outro padre. Havia sido criado o curso superior de Letras, e meu pai recebeu a proposta de deixar Lisboa, onde era professor universitário, e vir morar no Brasil para ajudar a montar a nova faculdade. Ele aceitou o convite. Celebrava missas e era um padre como outros, mas, então, conheceu minha mãe...

Eles se encantaram...
Isso; eles se encantaram. Pelo que sei, ele escreveu uma carta para o papa e recebeu autorização para sair e casar-se.

Que idade você tem?

Tenho 44 anos. Essas autorizações costumavam demorar, mas meu pai recebeu a carta, que conserva até hoje. O papa enviou-lhe também um terço e agradeceu por seus serviços prestados até então. Estava autorizado a casar-se.

E então ele se casou com sua mãe.
Casou. Em 1971, eu nasci.

Você é o único filho?
Tenho uma irmã.

Qual é o nome do seu pai?
João Luís Cabral.

Então você herdou o nome dele? Mais um Cabral português descobre o Brasil mais de quinhentos anos depois! Esse Cabral tem um filho, Cabral Júnior, que presencia algo que a Igreja Católica considera um milagre ou, respeitando suas convicções científicas, um fato extraordinário inexplicável pela ciência, algo nunca relatado numa revista científica: a cura de múltiplos abscessos e hidrocefalia. Falei corretamente?
Falou.

Após a cura

Voltando ao fato extraordinário, você manteve o tratamento após a melhora?

Sim. O paciente ficou internado sob meus cuidados, recebendo todo o tratamento necessário. Fui o único médico que o atendeu desde a emergência e passava para visitá-lo todos os dias até receber alta.

Quer dizer que, após algum tempo, você olhou para ele e disse: “Está curado”. Não tinha mais nenhum abscesso?

Não tinha. Quando o tratamento chegou ao fim, fiz a

tomografia de controle e os abscessos haviam sumido. Concluí que ele podia receber alta.

Você continuou atendendo o paciente?

O período de urgência terminou, mas eu o vejo uma vez por ano para uma consulta de rotina. Todos os membros da família dele são meus pacientes de confiança e indicam amigos e parentes. Uma vez por ano, ele faz exames de rotina e uma tomografia para ver se está tudo bem. Passo orientações gerais para ele.

Diga-me uma coisa, dr. Cabral... Ouvi dizer que, antes de o fato acontecer, o paciente não tinha boa qualidade de vida por causa de um transplante renal. Como ele ficou após aquele dia?

Melhorou bastante, tanto que teve filhos saudáveis. O médico que não o conhece elabora uma anamnese inicial de um potencial paciente sindrômico.

Sindrômico? O que é isso?

Alguém que apresenta uma má-formação genética. É verdade que esse paciente tem uma capacidade intelectual muito elevada, acima da média, mas tem também uma síndrome de má-formação. Teve insuficiência renal e sofreu um transplante.

Ele continua tomando a medicação para o rim?

Do transplante? Sim.

E isso não poderia provocar novamente a doença autoimune que provocou todo o problema?

Se ele não tomar a medicação, morre, pois a imunidade baixaria a zero e até um resfriado poderia matá-lo.

O fato é que oito anos se passaram, e ele aparentemente leva uma vida normal, na família e no trabalho. Oito anos de casamento, dois filhos e continua fazendo o acompanhamento com você.

Interessante essa fidelidade ao médico.

Meus pacientes, em geral, são assim. Dou total acesso a eles. Têm meus telefones e conhecem minha rotina. Sou muito amigo dos meus pacientes. Tenho formação militar. Sou médico e oficial do Exército. Já estive no Haiti em missão militar. Meu juramento é com a vida, e não com um convênio. Se um paciente me procura e vier a perder seu convênio, vou continuar atendendo do mesmo jeito. Trabalho na prefeitura, no SUS (Sistema Único de Saúde) e continuo o atendimento do paciente por lá. Não vou deixar um paciente por causa disso. Meu atendimento com todos os meus pacientes é assim. Todos. Trabalho na medicina porque amo a vida, e não porque amo convênios médicos.

Em toda essa história, chamou minha atenção o intervalo de vinte minutos ou meia hora antes da cirurgia que nunca aconteceu.

Naqueles minutos, o paciente estava no limite do vou operar, não vou operar. Se o cateter estivesse na sala de cirurgia, eu já teria autorizado o anestesista a fazer seu trabalho e não haveria retorno.

Aquele procedimento oferecia algum risco de vida?

Qualquer cirurgia oferece risco de vida.

Sabe me dizer qual era o risco em porcentagem?

Uns 90% naquele caso.

Tanto assim, doutor?

Sim. Mesmo drenando, a chance de óbito era muito alta. Você drena e muitas vezes o paciente não reage.

Não se pode negar que estamos diante de um fato extraordinário, mas você também deve fazer sua leitura pessoal. Como explica essa cura impressionante e instantânea contra todas as probabilidades científicas?

Como médico, trabalho com a razão da medicina, mas tenho

também meu sexto sentido. Sinto quando é ou não o momento de fazer uma cirurgia.

Nesse caso, você sentiu que era o momento de realizar o procedimento?

Sim. Senti que tinha de fazer. Só que aqueles minutos mudaram o destino de tudo o que estava previsto para ocorrer.

Quando ele acordou, você não poderia mais induzi-lo ao coma?

Exatamente. A indicação para colocar um cateter no cérebro é quando o paciente está entrando na sonolência profunda que é o coma, irreversível à medicação. Você faz estímulos dolorosos. A reação natural do paciente é proteger-se, mas, no caso dele, nem foi preciso estimular novamente a dor, porque vi que ele estava acordado.

Nem seria mais necessário seu sexto sentido?

Se ele estava falando, não fazia mais sentido pedir ao anestesista para induzi-lo ao coma.

O fato extraordinário foi ele abrir os olhos e falar? Você lembra o que ele disse?

Sim. Isso foi surpreendente. Pelo que lembro, disse: “Nossa... O que estou fazendo aqui? É um centro cirúrgico?”. Respondi para ele: “É um centro cirúrgico, mas não se preocupe. Você vai voltar para o quarto na Unidade de Terapia Intensiva”.

Houve alguma visita durante o intervalo de tempo? E as pessoas estavam do lado de fora? Alguém fez alguma oração, algum procedimento místico?

Lembro que havia alguns familiares na sala de espera do centro cirúrgico. Estavam apreensivos. Deve ser horrível ficar na parte de fora de um centro cirúrgico. Nunca passei por isso.

O assunto da cura estava praticamente esgotado, mas, conversando com algumas pessoas em Santos, eu tinha ouvido várias histórias sobre o médico do milagre. Houve até quem suspeitasse de que ele era um “satanista” convicto. Isso não combinava com aquele homem descrente e racional, amante da medicina, tão solícito e zeloso com seus pacientes. Como eu poderia imaginar que as convicções religiosas daquele homem seriam tão paradoxais com sua prática científica? Resolvi, então, entrar um pouco mais nesse jardim secreto de sua alma, se é que ele abriria os portões para mim.

Adepto de Wicca

Ouvi coisas estranhas sobre o dr. João Cabral. Dizem que tem seu lado místico também. Não sei se você se sente à vontade para falar sobre esse assunto.

Posso falar abertamente. Não há nada de errado.

Conta-se que os representantes do Vaticano estiveram aqui e convocaram todos os envolvidos. Você também. O notário chegou, apresentou a Bíblia e perguntou: “O senhor tem alguma dificuldade em jurar com a mão na Bíblia?” E você respondeu: “Tenho.” Isso é verdade?

Sim. Não poderia jurar sobre a Bíblia. Não é minha crença. Eu pertenço à Wicca.

Isso é uma organização? É uma religião? É uma filosofia?

É uma religião que as pessoas costumam conhecer como bruxaria, mas lógico que é do bem.

Pode me explicar melhor sobre essa bruxaria do bem?

Veneramos a natureza, as crianças e os idosos. Trabalhamos em favor da sua proteção. Temos nossos rituais e comemoramos datas específicas. Fazemos reuniões sempre num local, que é em uma floresta, onde não existe luz elétrica. Ali existe um altar dentro de um pentagrama. Usamos vestimentas específicas e seguimos uma ritualística.

Rituais ecológicos?

Mais ou menos isso. É muito bonito, muito saudável. É uma terapia.

É uma prática muito antiga, não é? Alguns dizem que esse tipo de bruxaria é, na verdade, uma espécie de satanismo, de culto ao Demônio. Outros afirmam que é uma forma de idolatria ao cultuar vários deuses.

Essa é uma forma deturpada de ver a Wicca. A palavra satanismo é muito forte e sugere fazer mal ao próximo, o que é o oposto do meu trabalho. Faço o bem ao próximo. Apenas muda a forma de reação diante das agressões à vida. É diferente do ideal cristão em que, se for maltratado, você deve reagir com bondade.

É o amor aos inimigos pregado por Jesus Cristo. O cristão é convidado a oferecer a outra face. Mas e na Wicca, qual é a reação?
Nós não gostamos dos nossos inimigos. Essa é a diferença.

E qual é, então, a reação apropriada diante de um inimigo da vida?
Nossa reação é afastar esse agente agressor.

Mais ou menos como você faz com um abscesso ou uma hidrocefalia? Seu sexto sentido indica a hora de fazer a cirurgia para extirpar esse mal e salvar o corpo?
Sim.

Então, para você, o agressor, ainda que seja uma pessoa, pode ser considerado um abscesso na sociedade?

Sim. O abscesso é meu inimigo. Tenho de lutar para vencer. Nunca tive a oportunidade de conversar a fundo sobre essas coisas com meu pai, que, como eu disse, foi padre. Não sei se o catolicismo crê em vidas passadas.

Posso lhe assegurar que o cristianismo não crê na reencarnação.

Na Wicca, nós acreditamos que tivemos vidas anteriores. Na minha vida anterior, por exemplo, fui um gladiador romano; lutei contra feras e nunca perdi. Talvez eu tenha trazido isso de outra vida para entender o que sou hoje. Ainda sou um gladiador: luto contra a morte, contra meus inimigos.

Como médico e também como pertencente à Wicca. Como médico, no caso, você está lutando contra um abscesso, e, como Wicca, você luta concretamente contra os abscessos da sociedade?

Sim. É exatamente isso.

Você é sempre o mesmo então? Não muda? Alguém poderia fazer uma falsa interpretação, dizendo: “dr. João Cabral? Ah, ele é meio médico e meio monstro”.

Sim. Poderiam pensar isso.

Estou olhando de fora, mas acredito que estou entendendo a sua lógica, e, dentro dela, você é sempre o mesmo. Você é médico de pessoas e da sociedade. Só que, com relação às pessoas, elas aparecem com abscessos no corpo, como aconteceu no caso desse paciente. E na sociedade? O que alguém que pertence à Wicca poderia fazer com os abscessos sociais como um corrupto, um pedófilo, um estuprador ou um criminoso incorrigível? O que fazer com essas pessoas?

Trabalho para afastar essas pessoas da sociedade. Faço isso por três motivos. Primeiro porque sou militar. Tenho um senso de defesa à flor da pele. Segundo porque em minha vida passada fui um gladiador romano e porque continuo sendo. E, terceiro, por amar a vida. Não aceito que alguém promova o sofrimento do próximo. Se alguém lhe fizer o mal vou

proteger você e dizer ao agressor para não fazer mais isso.

Como são os rituais da Wicca que você mencionou? O rito acontece em um contexto ecológico? Como é?

Acontece dentro de um pentagrama, uma estrela de cinco pontas fechada num círculo. Tenho esse símbolo tatuado no meu corpo. Quando a sociedade escuta a palavra satanismo, fica muito abalada: é o bicho-papão, é o que vai matar não sei quem, é Lúcifer. Mas quem foi Lúcifer? Um anjo. Filho de quem? Então, tudo tem um significado. Só que, possivelmente, Lúcifer foi usado como uma imagem para colocar medo nas crianças na hora de educar.

Mas Lúcifer não é uma figura originária da Wicca. Foi importada da tradição judaico-cristã. Satã não é um nome da Wicca. Qual é o nome de deus ou mesmo dos demônios na Wicca?

Existe um deus e uma deusa. Em nossas reuniões e em nossos trabalhos, fazemos ofertas ao deus e à deusa.

E eles têm nomes?

Não. É o Grande Arquiteto do Universo.

Mas esse nome foi importado da maçonaria. Dentro da Wicca, eles não têm nome? Cultua-se um deus que é masculino e feminino ou existe um deus masculino e uma deusa feminina?

Ele é um deus masculino e feminino.

Então você acredita em um só deus? Não se considera politeísta?

Creio em um deus que é masculino e feminino e que tem como filosofia ajudar o próximo e proteger e amar a vida presente nos animais, na natureza, nos idosos, nas crianças e em todos os seres mais vulneráveis.

É um deus criador. Ele é misericordioso como prega a tradição judaico-cristã? Seu deus perdoa?

Não. Mas ele sempre defende a vida.

E o que você pensa sobre Madre Teresa de Calcutá? Você a admira? A Igreja Católica costuma ver esta mulher como um ícone da misericórdia.

Se fosse associar minha crença a ela, poderia realmente colocá-la na posição do meu deus, na versão feminina.

Permita-me entender uma coisa. Madre Teresa, com sua defesa da vida, seria para você uma mulher guerreira. Foi uma justiceira. Mas ela também viveu a dimensão do perdão aos inimigos, da ternura para com os agressores. Como fica isso para você? Vou dar um exemplo. Naquela história que Jesus contou do filho pródigo; quando ele voltou arrependido para casa após ter gasto toda a herança, o pai misericordioso o abraçou e o convidou para uma festa; deu-lhe uma roupa nova, colocou o anel de filho em seu dedo e uma sandália de dignidade em seus pés. O pai o aceitou de volta simplesmente porque o filho estava arrependido. Se você fosse esse pai, na lógica da Wicca, acolheria o filho de volta em casa? Você o perdoaria?

Se meu filho errar, vai ter que pagar.

Então, na Wicca, a ideia de deus é apenas de um juiz que defende a vida? Não é um deus pai?

É um juiz. Não é um pai.

Estamos chegando a conceitos muito claros. Existem diferenças entre a convicção Wicca e a fé cristã. Você acredita que seu deus é juiz e que, se precisar, vai condenar.

Sim. Mesmo que seja seu filho.

Até a morte?

Até a morte.

Existe uma espécie de pena de morte na Wicca? Para a pessoa que, de modo reincidente, continua fazendo o mal e destruindo a vida... O que se faz? Qual é a pena? Já ouvi dizer que, nesse espectro religioso, existem rituais para punir agressores. É verdade?

Vodu? São coisas do passado.

Hoje vocês têm algum rito capaz, por exemplo, de colocar um corrupto no centro do pentagrama?

Existem três tipos de ritos. Não posso entrar em muitos detalhes. Sempre começa à meia noite e termina às três horas da manhã. Depois desse horário, começa o nosso “ágape”, que é uma espécie de jantar, hora de relaxar. Homens e mulheres participam. Não é como na maçonaria, na qual só participam homens. Também sou maçom.

Wicca e maçonaria são duas coisas completamente diferentes...
Completamente diferentes. Maçonaria não é religião.

É uma sociedade secreta...

Já foi. Hoje é uma “sociedade discreta”, pois todo mundo já sabe.

Você poderia dar mais alguns detalhes que julga importantes sobre os ritos da Wicca?

São três, mas não posso entrar em detalhes. Um é mais severo, porque cobra mais a justiça. Somos puramente razão. Não usamos a emoção porque ela induz ao erro; a razão, não. É como o procedimento de um juiz. Ele tem que ser técnico; não pode usar a emoção. Se a pessoa estuprou vinte e matou não sei quantos, ele vai ser induzido ao erro se usar a emoção. Para ser justo, tem que ser frio e usar só a razão. Isso funciona também na medicina. Só com emoção não salvo ninguém. Aliás, quem salva é uma força superior. Não tenho dúvidas de que é sempre deus. Sou apenas o instrumento para salvar aquele paciente. Quando alguém diz que salvei a vida de seu filho, respondo: “Não. Quem salvou foi Deus. Agradeça a Ele. Só fui um instrumento para ajudar”.

Você já vai entender aonde quero chegar. Vocês se reúnem para um rito – independentemente de detalhes porque sua discrição

religiosa não permite descrevê-los –, mas vocês identificam o agressor nesse rito, correto?

Sim.

Vocês têm o nome e o endereço dele. Ele é reincidente. Vocês estão há tempos procurando identificar esse malfeitor. Vamos supor que seja uma pessoa que agride idosos, que é uma das sensibilidades da Wicca. Ele até já matou idosos e é uma pessoa que representa um mal para a sociedade. Para curar a sociedade desse abscesso humano existe algum rito religioso que vocês fazem e que já deu certo? Que a pessoa, por exemplo, desapareceu, sumiu, morreu ou sei lá o quê?

Indiretamente, isso ocorre. Em certa ocasião, alguém me fez uma pergunta que jamais esqueci e me fez enxergar a vida de uma forma diferente: “Qual seria a pior coisa que poderia acontecer na sua vida hoje?” Tentei imaginar algo muito ruim. Então, essa pessoa me disse: “O que pode ser o inferno? Há, no inferno, algo pior do que isso?” Não. O inferno é aqui. Se você quer penalizar o agressor, não adianta colocá-lo na parede, fuzilar e matar. É uma pena muito confortável, pois ele acaba não pagando pelo que fez.

E o que seria proporcional ao mal que ele fez?

Deixá-lo vivo e fazê-lo pagar pelos seus crimes. Deixá-lo trinta anos na cadeia sendo tratado como estuprador. É muito mais doloroso do que receber um tiro na cabeça. Se você der um tiro, na verdade, estará resolvendo apenas o problema dele.

Desse ponto de vista, seria quase um ato de misericórdia, que não combina com a lógica da Wicca, não é? Na verdade, ele tem que pagar.

Exatamente. Ele não destruiu apenas uma vida; destruiu uma família. A Wicca tem essa visão.

E você acha que essa entidade que não tem nome, que é masculina e

feminina, tem o poder de eliminar esses abscessos impondo a pena justa, independentemente dos seus “sacerdotes”? Você é um sacerdote da Wicca e serve como instrumento para deus. Ele age de modo imediato ou sua profilaxia contra os abscessos humanos sempre depende de uma mediação humana, de um rito, de uma ação positiva?

Na maior parte das vezes, não parte de nós.

Então, você acredita que, naqueles quinze minutos antes da quase-cirurgia, uma “força superior” pode ter agido de modo imediato para eliminar os abscessos independentemente de sua ação médica? O cateter nunca foi utilizado. Você deixou a sala e, quando voltou, pode ter pensado: “Caramba, ‘alguém’ passou aqui enquanto estive ausente!”

Nunca pensei nisso porque quando entro no hospital só me vejo como médico e como cientista. Se refletisse sobre isso em casa ou em meus momentos de lazer com esportes radicais, poderia imaginar que meu Venerado Mestre, meu Grande Arquiteto do Universo, ajudou-me a salvar aquela vida. Mas, quando estou no hospital, não costumo fazer esse tipo de associação. Ali sou puramente cientista.

E agora, neste exato momento em que você não está no hospital e conversa comigo, consegue imaginar que essa “força superior” o ajudou a salvar aquele paciente?

Nunca pensei nisso.

Com essa resposta, a longa conversa chegou ao final e fiquei com mais perguntas que respostas. A única pessoa que realmente presenciou o milagre preferia, enquanto médico, não acreditar que houve ali uma intervenção direta e imediata de Deus. Mesmo assim, seu lado místico atribuía toda a justiça que se faz na Terra a uma “força superior”. Nele, a fé e

a razão convivem em uma verdadeira ruptura epistêmica. Foram momentos densos e intensos de diálogo. Ficamos de voltar a conversar quando eu tivesse todos os detalhes da história.

Após entrevistar o médico, resolvi partir para conhecer o sacerdote que atendeu à esposa aflita e que socorreu espiritualmente aquele homem em estado crítico de saúde. Após escutar as razões de um médico, que é sacerdote do corpo, era o momento de conhecer a história de fé de um padre, que é médico da alma.



CAPÍTULO CINCO

UM SIMPLES PADRE

Muito frequentemente me sinto
como um pequeno lápis
nas Mãos de Deus.
Ele escreve, Ele pensa,
Ele faz os movimentos.
Eu só tenho de ser o lápis.^[35]

Madre Teresa de Calcutá

Bom pastor

Encontrei o padre Elmiran Ferreira dos Santos na cúria diocesana de Santos, onde atua como Coordenador de Pastoral.^[36] Foi ele quem assistiu ao casamento do miraculado e, depois, administrou-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos na hora mais crítica da doença. Atendeu também à sua esposa aflita que procurava uma resposta para tudo aquilo quando a vida parecia perder a última batalha. Ele ofereceu a ela a oração e a relíquia de Madre Teresa de Calcutá, que foram seu porto seguro naquela hora. Nascido em 1965 e ordenado sacerdote em 1996, padre Elmiran é natural de Sergipe, da cidade de Santo Amaro das Brotas, e pertence ao clero da Diocese de Santos. Seria a pessoa ideal para dar mais informações sobre o milagre de Teresa, indo além dos detalhes clínicos que já conhecemos bem.

Como você teve contato com a história do milagre de Teresa?

Conheci o casal em 2007, quando ainda eram noivos. Ele tinha uma saúde delicada, típica de quem havia passado por um transplante. Apesar disso, aparentava estar bem. Ambos participavam ativamente da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em São Vicente, onde eu era o pároco. Ela, inclusive, era catequista. Lembro-me de que os problemas de saúde dele começaram a se agravar a partir de 2008, quando começou a ter frequentes e fortes dores de cabeça. Chegou até a ter alguns desmaios. Apesar disso, eles seguiram juntos, namoraram e noivaram. O amor parecia sempre falar mais alto do que a dor. Costumo dizer que este foi o começo do milagre: o amor de um casal que enfrenta tudo, até mesmo a

doença.

Mesmo nesta situação eles resolveram se casar?

Sim. Algumas pessoas até comentavam: “Essa mulher é louca! Como pode casar com uma pessoa doente desse jeito?”. Ela, porém, era uma jovem equilibrada e cheia de sonhos. O amor dos dois tinha raízes mais profundas do que a paixão, a beleza e até mesmo a saúde física.

Eles não sabiam exatamente qual era a doença que o afligia antes do casamento?

Não. Ele havia passado por um transplante renal quando ainda era bastante jovem. Os médicos fizeram uma série de exames, mas não encontraram a causa daquelas dores de cabeça.

E, então, você fez o casamento?

Sim. Pelo que lembro foi em setembro. Ele estava cada vez pior. Mas, para mim, isso foi o grande sinal de amor que fundamentou a validade daquele casamento. Estavam se casando de modo muito consciente e simplesmente por amor.

A doença avançou rapidamente após o casamento?

Exatamente. Ele acabou sendo hospitalizado pouco tempo depois e fui visitá-lo. Na ocasião, administrei o sacramento da Unção dos Enfermos. Lembro que ele já não me reconhecia. Tudo foi muito rápido. Os médicos continuaram a investigar as causas e, finalmente, descobriram os abscessos no cérebro.

E onde Madre Teresa de Calcutá entra nesta história?

Quando a situação se agravou ele foi transferido para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Naquela ocasião fui celebrar uma missa na comunidade das Missionárias da Caridade, irmãs da Madre Teresa. Ao sair de lá elas me entregaram um “santinho” com as relíquias da madre e uma oração. Coloquei no bolso e voltei para casa.

Neste momento, padre Elmiran retirou do bolso um pequeno folheto com a imagem de Madre Teresa e uma oração. A aparência desgastada revelava que o uso era frequente.

Você continua a carregar essa prece consigo? É devoto da Madre Teresa?

Sim. Até então, eu a conhecia, mas não tinha muita intimidade. Apenas admirava o jeito simples dela. Naquele dia, quando voltei da missa na casa das Missionárias da Caridade, encontrei a esposa do enfermo na frente da igreja. Ela estava chorando. Cheguei a pensar que seu marido havia morrido ou piorado muito. Parei ali mesmo para acolhê-la. Sentamos e começamos a conversar. Já havíamos conversado outras vezes sobre o mesmo assunto e eu pensava comigo: “Meu Deus, o que mais posso dizer para essa mulher?”. Fiquei ali, contemplando, escutando, vendo o sofrimento dela. Lembrei-me da experiência de Santa Mônica (331-387 d.C.) que procurava Santo Ambrósio, bispo da época, para se aconselhar diante da situação do seu filho e do seu esposo, ambos distantes de Deus. Sabemos que seu filho se converteu e tornou-se o grande Santo Agostinho. Então, eu disse a ela: “Para Deus nada é impossível. Vamos continuar rezando, pedindo a graça de Deus, pela intercessão de Madre Teresa de Calcutá”. Tirei a relíquia que trazia no bolso, com a oração que havia recebido pouco antes, e entreguei a ela. Rezamos juntos e ela se foi. Depois fiquei sabendo que, na ocasião, ela fez a oração ao lado de seu esposo enfermo, no hospital, e, inclusive, deixou o “santinho” com a oração e a relíquia perto

do travesseiro dele. Não saberia dizer exatamente como tudo isso aconteceu, quantos dias se passaram, mas sei que, em pouco tempo, ele recebeu alta. Não foi necessário fazer a cirurgia. Esse fato chamou a atenção de todos.

Ele estava pronto para ser operado, ela fez a oração e ele instantaneamente começou a melhorar. Foi assim?

Isso mesmo. Suspenderam a cirurgia. Teve alta e foi pra casa. Passou um ano na casa dos pais, depois, quando ele já estava bem, voltou à sua rotina na família e no trabalho. Sua esposa engravidou. Teve dois filhos saudáveis e sapecas, cheios de vida.

Então curou mesmo!

Curou-se totalmente. Tiveram filhos e formam uma família normal. Essa é outra prova do milagre. Eles deixam muito claro para as crianças sua devoção à Madre Teresa. Estão convictos de que tudo foi obra da intercessão da santa. E foi!

Você continuou mantendo contato com eles?

Sim. Apesar de terem se mudado para outra cidade, mantive contato. Durante muitos anos, o acontecimento ficou restrito à família, à paróquia em São Vicente e às Missionárias da Caridade, que foram comunicadas sobre a graça alcançada. De repente, essa cura ficou conhecida internacionalmente como um milagre.

Ele continua saudável?

Continua fazendo revisões periódicas. Já se passaram sete anos. Ele está definitivamente curado.

Devoto da santa

Padre, tenho a impressão de que esse fato mudou algo em sua vida. Você se tornou devoto de Madre Teresa de Calcutá?

Claro! Continuo divulgando a sua devoção. Aquele homem foi beneficiado e agraciado com a saúde física, mas eu também fui agraciado espiritualmente, pois passei a acreditar mais na Palavra de Deus que nos promete a salvação, a vida nova, a esperança. Essa promessa de Deus é uma realidade em nossa vida. Esse milagre é uma linguagem para materializar a Palavra de Deus. Ele está vivo mesmo nos dias de hoje. Jesus Cristo está vivo e se revela a nós todos os dias. Alguém me perguntou: “Ela [Madre Teresa] vai continuar intercedendo pelos brasileiros?”. Respondi que não só pelos brasileiros, pois sua missão é universal. Ela tem um coração aberto a todos. Sua missão não acabou. Claro, acabou aqui na Terra, mas, ao lado de Deus, ela continua intercedendo por nós ainda mais. Então, precisamos desses sinais. Teve um médico que, quando ficou sabendo da cura, me procurou. Ele era separado da esposa, mas continuava amigo dela e contou-me que ela tinha um câncer. Pediu oração e rezamos juntos pela intercessão de Madre Teresa.

Aconteceu algum outro sinal ou milagre por intercessão de Madre Teresa de Calcutá depois daquele período que você tenha conhecido ou acompanhado?

Sim. Há um rapaz, de Praia Grande, que estava hospitalizado aqui em Santos havia sete meses, com um tumor na cabeça. A tia dele soube do milagre e telefonou para a paróquia. Entrei em contato com ela para saber o que estava acontecendo. Falei: “Veja com os pais se eles querem que eu faça uma visita para dar a Unção dos Enfermos”. Os pais aceitaram. No dia em que fui visitá-lo no hospital, ele já não estava internado. Pensei: ou morreu, ou melhorou. Então procurei saber e me informaram que estava em casa e passava bem. Fui fazer-lhe uma visita. Então vi que era um tumor na cabeça. Sofreu inclusive uma delicada cirurgia. Antes, era um jovem cheio de vida, bonito, talentoso e saudável. De repente, surgiu esse tumor. Eles me contaram que pegaram um jornal com a foto da Madre Teresa e a oração. O médico era o mesmo que

acompanhou nosso miraculado. Apenas para citar mais um exemplo, um avô de São Vicente ligou na Paróquia porque seu netinho estava internado e, pouco depois, ligou novamente dizendo que a criança já estava em casa. Então vemos que existem outros casos, menos conhecidos, mas igualmente impressionantes.

Existem milagres pequenos e grandes?

O que entendo por milagre é a ação de Deus, é a presença divina que continua agindo através de tantos meios, através de homens e mulheres de fé e inclusive daqueles que não têm fé. Admiro até o médico que cuidou do miraculado, mesmo sabendo que não é um homem de fé. Admiro muito a humanidade dele, pois de fato ele cuidou bem. Cada um no seu trabalho, em tudo aquilo que faz, deve fazer bem. Procuro fazer essa leitura de fé, pois Deus se serve até das coisas contrárias para mostrar que seu imenso amor é muito maior do que qualquer não.

Gostaria de saber um pouco mais sobre a missa que você celebrou na comunidade das Missionárias da Caridade, após a qual recebeu o santinho de Madre Teresa com uma oração e uma pequena relíquia.

O que é essa relíquia?

É um pedacinho do hábito dela ou de um pano que tocou no hábito originalmente utilizado por ela.

Mas qual é a necessidade dessa relíquia? Não bastaria fazer a oração?

É apenas um sinal afetivo. É algo que nos aproxima dela. Remete ao toque e nos lembra seu jeito simples de se vestir e de viver. Isso ajuda a nossa fé.

Então, quer dizer, existe fé e afeto. E há também a oração, pois sem ela não adianta o afeto do toque. Seria mais ou menos como acreditar em algo mágico. A relíquia não é um amuleto, não é verdade? Não basta guardar na carteira que milagres acontecerão

em seu caminho. É preciso a oração.

Claro. Existem pessoas que mantêm a Bíblia aberta durante anos em sua casa, na página do Salmo 90, mas nunca se aproximam para ler e para rezar. Só o livro não resolve.

E qual é o sentido da oração rezada com fé?

Acreditamos que essa oração é inspirada na própria Palavra de Deus. Recordo as palavras do Papa Francisco, que disse que Madre Teresa é um sinal da misericórdia de Deus. Conta-se uma história de que alguém, vendo suas obras com os pobres e sofredores, teria dito: “Irmã, eu não faria isso nem por todo o dinheiro do mundo”. E a santa respondeu: “Eu também não. Faço apenas por amor”. Àqueles que queriam saber o segredo de sua perseverança ela respondia: “O segredo de tudo isso é a oração. É saber de fato contemplar o rosto de Deus nos pequenos e pobres”. O trabalho dela era encantador; cuidou de idosos e de doentes, daqueles que ninguém mais queria, que a sociedade rejeitava. O mundo materialista e consumista em que nós vivemos não entende isso. A congregação das Missionárias da Caridade continua nesse caminho de solidariedade. A maneira como elas vivem sua fé, seu testemunho, questiona o mundo.

O que você fez quando percebeu que havia acontecido um milagre por intercessão de Madre Teresa de Calcutá?

Após alguns meses comuniquei as irmãs Missionárias da Caridade. Fiquei sabendo que elas comunicaram suas superiores e o fato ficou conhecido na Casa Geral, em Roma. Eles se interessaram e pediram que o fato fosse documentado. As irmãs aqui no Brasil, então, dedicaram-se a buscar a documentação para que o fato pudesse ser aceito na Postulação e, finalmente, na Congregação para as Causas dos Santos. Parece que esse trabalho durou uns cinco anos. Elas foram muito perseverantes.

Sei que esse santinho com a oração e a relíquia é distribuído em

todo o mundo. Por que será que o milagre aconteceu justamente no Brasil e na Baixada Santista?

No Brasil, com uma pessoa de São Vicente, na Baixada Santista... porque é uma realidade de periferia. Costumo dizer que o milagre aconteceu metade em Santos, no hospital onde era tratado o doente, e metade em São Vicente, onde o povo pedia a intercessão de Madre Teresa de Calcutá.

As Missionárias da Caridade trabalham em Santos ou em São Vicente?

Trabalham na divisa entre os dois municípios, em uma região de favelas e palafitas. Trabalhei nessa comunidade quando fui seminarista. Foi quando tive o primeiro contato com elas.

Anos mais tarde, veio a comissão de Roma.

Sim, em junho de 2015. Conteí a eles tudo o que aconteceu. Simples assim. A imprensa gosta de acontecimentos extraordinários que possam virar manchetes, mas o milagre foi muito simples. Não posso dizer nada mais do que aconteceu. Não dá pra florear a coisa.

Simplemente padre

Percebo que o padre Elmiran tem uma visão simples e clara dos fatos. É um homem de fé e ação. Fico, então, curioso para saber algo sobre sua vida e suas motivações como sacerdote.

Você é padre na diocese de Santos desde sua ordenação em 1996?
Sim.

Mas como um nordestino, nascido no interior do estado de Sergipe, acaba aqui na Baixada Santista?

Vim para estudar e trabalhar, com o desejo de ingressar na vida religiosa. Já havia iniciado meu processo de discernimento vocacional em Sergipe. Lá no interior tínhamos

uma missa a cada três anos, quando vinha um sacerdote de Aracaju para celebrar naqueles povoados. Justamente dali saiu um padre, que sou eu, e uma religiosa, que é minha prima.

Da sua comunidade, que tinha uma missa a cada três anos, saiu um padre...

Um padre e uma religiosa. Eu me questionava: “Meu Deus, por que eu também não poderia ser padre?”. Desde pequenos, o que alimentava nossa fé? As devoções: São Pedro, São João, Santo Antônio, as Novenas de Natal. Tenho muito vivas essas recordações. Sempre que posso volto à minha terra de origem.

Por que veio para o sul?

Vim à procura de trabalho. Quando cheguei aqui comecei a trabalhar com cozinha. Tinha apenas dezenove anos. Era cozinheiro. Aos 25 anos, entrei para o seminário com o sonho de ser padre. Na ocasião, havia sido até promovido no trabalho, mas passei no processo seletivo que me permitiria começar os estudos em vista do sacerdócio. Deixei tudo o que tinha, e hoje estou aqui. Fiquei sete anos no seminário. Então fui ordenado diácono e depois padre. Sempre tive um sonho missionário.

Obrigado, padre.

O diálogo com aquele sacerdote tão simples e humano compensou o gosto amargo que ficara após a conversa com o médico que fazia questão de deixar suas motivações religiosas do lado de fora do hospital. Eram visões tão diferentes sobre o mesmo milagre... Do ponto de vista dos fatos, tudo coincidia perfeitamente. Não havia contradições. O médico preferia acreditar na inexplicável ação eficiente da medicação. O padre via em tudo isso a ação providente de Deus que manifestou

nessa cura o imenso amor do Seu coração. Enquanto o médico assistia à melhora inesperada de seu paciente, o padre convocava a paróquia inteira a rezar e pedir a intercessão de Madre Teresa. Mas que oração era essa? Pedi ao padre Elmiran para ler a prece que a esposa do miraculado rezou e que estava naquele santinho que ele trazia sempre em seu bolso. Rezamos juntos a oração. As palavras pronunciadas com muita fé e devoção ficaram ecoando em meu coração. Era necessário pensar muito sobre aquilo: oração, imagem, relíquia e milagres!



CAPÍTULO SEIS

A ORAÇÃO DO MILAGRE

O fruto do silêncio é a oração.
O fruto da oração é a fé.
O fruto da fé é o amor.
O fruto do amor é o serviço.
O fruto do serviço é a paz.^[37]

Madre Teresa de Calcutá

A oração

A estas alturas você já deve estar se perguntando qual foi, afinal de contas, a oração que aquela família rezou para alcançar a cura milagrosa por intercessão de Madre Teresa de Calcutá. Padre Elmiran me mostrou a oração e, depois, em minha visita à comunidade das Missionárias da Caridade, em Santos, as irmãs me ofertaram um pequeno folheto com a imagem, a prece e a relíquia da santa. Trata-se de uma oração muito simples, como Teresa foi simples, que tem sido divulgada por sua congregação em diversos países do mundo, sob responsabilidade do postulador da causa, padre Brian Kolodiejchuk. Existem algumas variações do texto e, inclusive, uma novena, conforme veremos. Eis a prece:

*Bem-aventurada Teresa de Calcutá,
tu permitiste ao sedento amor de Jesus na Cruz
tornar-se uma chama viva dentro de ti.
Chegaste a ser luz do Seu amor para todos.
Obtêm do Coração de Jesus (pedido)
Ensina-me a deixar Jesus
penetrar e possuir todo o meu ser,
tão completamente,
que a minha vida também possa irradiar
a Sua luz e amor para os outros. Amém.^[38]*

Apesar de ser tão curta e simples, essa oração tem quatro elementos muito marcantes e estruturantes: inspiração (modelo de vida), intercessão (pedido), lição (mensagem) e

missão (compromisso). Na verdade estamos diante de uma síntese bastante completa da vida, do carisma e da missão de Madre Teresa de Calcutá. Quem reza essa prece com atenção não faz apenas o pedido de uma graça, mas olha para a vida de santidade de Madre Teresa como um exemplo a ser imitado para tornar-se discípulo e missionário do Cristo que encontramos na face desfigurada e sedenta de cada irmão pobre e sofredor. Vejamos cada elemento da oração:

1. *Inspiração: Bem-aventurada Teresa de Calcutá, tu permitiste ao sedento amor de Jesus na Cruz tornar-se uma chama viva dentro de ti. Chegaste a ser luz do Seu amor para todos.* Esse trecho da oração faz alusão ao fato fundante que Teresa chamou de “chamado dentro do chamado” e que determinou toda a vida dela a partir daquele momento. A “voz” que ela ouviu dizia: “Tenho sede!”. Aos poucos, Teresa entendeu, cada vez melhor, que era Jesus quem gritava na sede, na fome, nas enfermidades dos mais pobres dentre os pobres. Era um eco do Seu apelo na cruz. Como diz a prece, Teresa não teve méritos. Apenas permitiu que a luz de Deus brilhasse em sua vida, ainda que ela se sentisse na mais completa penumbra. Este foi o segundo grande apelo que o Mestre lhe fez: “Venha, seja a minha luz!”. A síntese desses dois apelos pode ser encontrada em uma frase da própria Teresa que aparece destacada como título da novena distribuída pelas Missionárias da Caridade: “Jesus é meu tudo em tudo.”. Essa entrega total a Deus é o grande modelo de vida que Teresa deixou para nós. Mesmo na mais completa crise de fé e de esperança, ela nunca abandonou esse princípio e fundamento que exprimiu na forma de um voto particular e secreto feito ainda na juventude: obedecer radicalmente e sempre a vontade Deus.
2. *Intercessão: Obtêm do Coração de Jesus.* O segundo elemento da prece é o pedido da intercessão de Teresa por algum

motivo especial. A esposa, por exemplo, que pediu a cura de seu marido em estado grave, com oito abscessos no cérebro e hidrocefalia. Teresa curou? Não. A cura sempre vem de Deus. Teresa *intercedeu*. A Igreja Católica acredita na comunhão dos santos. Significa que todos, de alguma forma mística, participam do Corpo de Cristo e podem rezar uns pelos outros. O único intercessor é Cristo. Nele, os cristãos podem se unir e fazer súplicas, pedidos e louvores. Portanto, de acordo com a teologia católica, o correto é dizer que a graça foi alcançada por intercessão de Teresa de Calcutá. Os santos são exemplos de vida e intercessores. Um detalhe na pequena frase é que suplicamos a prece de Teresa para que ela nos obtenha a graça do Coração de Jesus. Existe aqui uma sutil menção à paróquia de origem de Agnes Gonxha Bojaxhiu, que adotaria o nome de Irmã Maria Teresa. Ali atuavam os padres jesuítas que são conhecidos divulgadores da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus em todo o mundo. Eles trabalhavam também na Índia e foi esse o motivo por que Agnes, a pequena congregada mariana albanesa, terminou por se tornar Teresa de Calcutá. Todos os sonhos missionários daquela menina passaram pelo Coração de Jesus pregado pelos jesuítas. Curiosamente a maioria dos seus diretores espirituais era pertencente a essa ordem, com destaque para o primeiro, o padre Celeste Van Exem, que ajudou em seu discernimento nos primeiros anos de fundação de sua congregação.

3. Lição: *Ensina-me a deixar Jesus penetrar e possuir todo o meu ser*. O modelo de Teresa é um exemplo para nós, pois ela se deixou transformar totalmente pela graça de Deus. Tornou-se uma missionária da vida, uma santa da solidariedade. Jesus tornou-se tudo nela. Os devotos de Teresa pedem para também serem assim. Ela nos motiva a viver como Jesus viveu e amar como Jesus amou. Essa é sua lição. Assim como o apóstolo Paulo na Carta aos

Gálatas, Teresa pode dizer: “Cristo vive em mim!”. Esse ideal é fruto de uma vida entregue a Deus. Quem se aproxima do exemplo da santa de Calcutá sente que deve aprender essa lição e colocá-la em prática em sua vida. Por cerca de dezessete anos, Teresa foi professora em uma escola tradicional de Calcutá. Foi até mesmo diretora. Depois, o mundo se tornou sua escola e as ruas sua sala de aula. Suas lições não têm fronteiras e ultrapassam mesmo a fé cristã. É uma santa universal.

4. *Missão: Que a minha vida também possa irradiar a Sua luz e amor para os outros. Amém.* Inspirados nas lições de Teresa e animados pela certeza de sua intercessão podemos viver a missão de ser luz e vida para cada pessoa, especialmente para os mais pobres entre os pobres. É isso que se espera de alguém que reza essa pequena oração. Como podemos observar, não é apenas uma prática de devoção que procura, de modo quase interesseiro, obter benefícios. Também não é um comércio, uma troca com Deus ou com seus santos. A oração é um diálogo de gratuidades. Recebemos gratuitamente os benefícios de Deus e somos transformados em instrumentos dessa graça para nossos irmãos. Nisso está a força transformadora dessa prece. Não é uma fórmula mágica ou automática. O milagre não está tanto nas curas, sinais e prodígios, mas na transformação da vida das pessoas que podem ganhar o céu na Terra por uma cura obtida pela força da oração. Deus quer mesmo é dar uma terra no céu, pela oferta gratuita da salvação.

Existe outra versão dessa prece, divulgada pela postulação da causa de canonização de Madre Teresa. Com outra formulação os mesmos elementos aparecem:

*Senhor Jesus,
Fizeste de Madre Teresa um exemplo inspirador*

*De fé firme e caridade ardente.
Uma testemunha extraordinária
do caminho de infância espiritual
E uma grande e estimada mestra
Do valor e dignidade de cada vida humana.
Concedei que ela possa ser venerada
E imitada como um dos santos canonizados da Igreja.
Escutai as preces de todos aqueles
Que procuram a sua intercessão
Especialmente o pedido que agora imploro (pedido).
Que possamos seguir o seu exemplo
Escutando o Vosso clamor de sede na Cruz
E amando-Vos com alegria
No disfarce doloroso dos mais pobres dos pobres
Especialmente aqueles mais rejeitados e esquecidos.
Isto pedimos em Vosso nome
E pela intercessão de Maria
A Vossa Mãe e Mãe de todos nós. Amém.^[39]*

Os elementos carismáticos da “sede” e da “luz” aparecem em destaque, unidos a uma nova expressão: “infância espiritual”. É uma alusão à Santa Teresinha do Menino Jesus, que inspirou a escolha de Teresa por seu nome. Outro detalhe é que essa oração não pede apenas uma graça para o devoto, mas também a canonização de Teresa pela Igreja. Outro elemento curioso é que a prece não se dirige à santa, mas a Jesus e, no final, acrescenta a intercessão de Maria. Por ser mais longa é mais difícil que o devoto aprenda essa prece de cor. Por esse motivo, em geral, as preces populares são breves, intensas e pontuais. Dois exemplos típicos são as orações Ave-Maria e Pai-Nosso.

Em minha busca, encontrei também uma breve oração para ser rezada em missas celebradas por ocasião da memória de Teresa de Calcutá, lembrada a cada 5 de setembro. Essa oração é pronunciada pelo sacerdote ao final dos Ritos Iniciais

e chama-se “Coleta”, pois recolhe as intenções dos participantes e entrega-as a Deus:

Oremos: Ó Deus, que chamastes a Bem-aventurada Teresa, virgem, para responder ao amor de Vosso Filho sedento na Cruz, com notável caridade para com os mais pobres dos pobres, concedei-nos, Vos pedimos pela sua intercessão, servir a Cristo em nossos irmãos sofredores. Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo. Amém.^[40]

Saciar a sede de Cristo por meio da caridade para com os mais pobres dos pobres é o núcleo dessa prece que exprime o elemento central da experiência espiritual de Teresa.

No folheto devocional que recebi das irmãs Missionárias da Caridade não está apenas a oração para pedir graças pela intercessão de Madre Teresa. Encontra-se também uma “novena”, ou seja, um conjunto de meditações e preces para serem recitados ao longo de nove dias. Essa era uma das formas de devoção preferidas de Madre Teresa. A ideia é que o devoto se habitue à prática da oração. Por isso, desde o início, aconselha-se procurar um lugar silencioso e colocar-se em sintonia com Deus. Para motivar essa atitude de oração, recorda-se uma frase da santa de Calcutá: “No silêncio dos corações, Deus fala do Seu amor: com o nosso silêncio, nós permitimos que Jesus nos ame”. É conhecido o hábito diário de Madre Teresa, que costumava rezar por duas horas antes de começar suas intensas atividades em socorro dos pobres.

Cada dia da novena tem um tema, desenvolvido em uma mensagem inicial, seguido pelo pensamento do dia. A oração termina com o pedido da graça. Assim, a novena começa com a proposta de “conhecer Jesus vivo” e continua tomando consciência de que “Jesus nos ama”. No terceiro dia o devoto é convidado a escutar Cristo dizer “Tenho sede!”. Em seguida o pensamento se volta para Maria, na certeza de que “Nossa

Senhora ajudará”. Chega-se ao quinto dia procurando “confiar cegamente em Jesus” e isso significa viver “o verdadeiro amor que é o abandono”. O sétimo dia já provoca o devoto ao compromisso, pois lembra que “Deus ama a quem dá com alegria”. O oitavo dia afirma que Jesus fez-se o “Pão da Vida e o Faminto”. Esse é um detalhe característico da espiritualidade de Teresa. Ela comunga Jesus na Eucaristia e na solidariedade com os mais pobres dos pobres. A novena termina meditando sobre o fato de que a “santidade é Jesus vivendo e agindo em mim”. Podemos dizer, então, que a novena é um desdobramento daquela pequena oração do milagre, promovendo, assim, o hábito da oração.

A imagem

No santinho em que encontramos a oração para pedir a graça há uma foto de Madre Teresa com seu característico sorriso. Vivemos na era da imagem. O cinema, a televisão e a internet não sobreviveriam sem esse recurso. Porém, não se trata de algum tipo de idolatria, como alguém poderia imaginar, argumentando que a Bíblia proíbe o uso de imagens. De fato essa proibição aparece, por exemplo, no Livro do Êxodo (20, 4): “Não farás para ti escultura nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra”. Contudo, um pouco mais adiante o mesmo livro da Bíblia até recomenda a construção de esculturas (25, 18): “Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro”. Será uma contradição? Não. Na verdade, a Bíblia proíbe cultuar imagens colocando-as no lugar de Deus, ou seja, fabricar deuses praticando a idolatria.

É importante que um santo não seja colocado no lugar de Deus. A ele não se deve “adoração”, mas apenas “admiração”, respeito, veneração. Ele é uma placa de trânsito que indica a

direção. Não é o ponto de partida nem, muito menos, de chegada. Não é o caminho, o senhor da verdade ou a origem da vida. O santo é um reflexo da luz, e não sua origem. Não é o Sol. É apenas um satélite que reflete seu brilho. Poderia ser, no máximo, a lua. Está no céu. Tem uma posição de destaque e pode ser legitimamente admirado por todos os habitantes desta Terra, mas a luz que ele reflete vem de Deus. Assim foi Teresa de Calcutá.

Sobre essa posição, o Catecismo da Igreja Católica não deixa dúvidas:

O culto cristão das imagens não é contrário ao primeiro mandamento, que proíbe os ídolos. Com efeito, “a honra prestada a uma imagem remonta ao modelo original” e “quem venera uma imagem venera nela a pessoa representada”. A honra prestada às santas imagens é uma “veneração respeitosa”, e não uma adoração, que só a Deus se deve: “O culto da religião não se dirige às imagens em si mesmas como realidades, mas olha-as sob seu aspecto próprio de imagens que nos conduzem ao Deus encarnado. Ora, o movimento que se dirige à imagem enquanto tal não se detém nela, mas orienta-se para a realidade de que ela é imagem”.^[41]

A relíquia

O terceiro elemento presente naquele pequeno objeto de devoção que as irmãs Missionárias da Caridade entregaram ao padre Elmiran e este, por sua vez, entregou à esposa aflita com seu marido enfermo foi a relíquia de Madre Teresa. O que seria isso? Trata-se de algum objeto associado à pessoa do santo. O cultivo das relíquias existe em várias religiões e está presente desde os primórdios do cristianismo, quando, por exemplo, foram preservados os restos mortais de São

Policarpo de Esmirna, que havia sido queimado na fogueira.

Existem três tipos de relíquias: de primeira classe, que são partes dos restos mortais de um santo ou santa; de segunda classe, que são objetos que pertenceram a essa pessoa, como um pedaço de sua roupa; e de terceira classe, que são pedaços de tecidos que tocaram o corpo do santo ou um objeto a ele pertencente. A Igreja Católica proíbe severamente vender, trocar ou exibir relíquias com finalidade lucrativa.

A finalidade das relíquias é ligar-nos afetivamente a essas pessoas que viveram sua fé de modo exemplar. É uma memória respeitosa, que tem em vista fomentar o que a fé cristã chama de comunhão dos santos. O cristianismo é uma religião que valoriza o corpo, pois crê na Encarnação, ou seja, a Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós, na pessoa de Jesus Cristo, conforme afirma o Evangelho de João (1, 14). As relíquias são uma pedagogia do afeto espiritual que permite o toque. A relíquia de Madre Teresa, que se encontra na oração divulgada para pedir graças, é de terceira classe.

Milagres

O devoto que faz essa prece de Madre Teresa, contempla sua imagem e toca nessa relíquia é motivado a fazer seu pedido para alcançar algum benefício concreto da parte de Deus por intercessão da santa. Pode ser algo simples e cotidiano ou impressionante e extraordinário, como foi o caso da cura que aconteceu na Baixada Santista em 2008.

Quando uma graça é alcançada na forma de um acontecimento incomum e inexplicável pelos conhecimentos atuais da ciência, a Igreja Católica a reconhece como um milagre, mas, para obter esse reconhecimento, exige-se, antes, um diálogo entre religião e ciência, fé e razão. Isso nos coloca diante de uma série de questões que não podemos evitar. Milagre seria um fato “inexplicável pela ciência” ou

“impossível segundo as leis naturais”? Não é apenas uma questão de sutileza de linguagem. Isso muda tudo quando se avalia se um fato extraordinário pode ou não ser considerado um milagre. O que significa exatamente um milagre?

A palavra “milagre” vem do latim *miraculum* e significa “uma coisa maravilhosa”. Segundo Santo Tomás de Aquino, (1225-1274), “*milagre* vem de *admiração*, a qual surge diante de efeitos cuja causa se desconhece. [...] Essa causa é Deus. Portanto, chamam-se milagres aquelas coisas feitas por Deus fora da ordem de causas conhecidas por nós. [...] O milagre é uma obra difícil porque excede o poder da natureza. Pela mesma razão se diz que é insólito porque acontece fora da ordem costumeira” [grifo nosso].^[42]

Sobre esse “exceder o poder da natureza”, Santo Tomás esclarece que não se refere somente à substância do fato, mas também à ordem com que se faz. Percebemos que ultrapassa o que esperamos naturalmente, mas não o que esperamos da graça de Deus, pelo dom da fé. Ele chega a classificar os milagres em três categorias. Na primeira, estariam aqueles que “de nenhum modo poderiam ser feitos pela natureza”, por exemplo, o sol parar ou retroceder ou ainda dois corpos ocuparem o mesmo espaço. Esses seriam os maiores milagres. Na segunda categoria, estariam fatos admiráveis produzidos por alguém que não teria capacidade natural para realizá-los e que *ultrapassam* por si mesmos a natureza. Seria o caso de alguém fazer andar um paralítico, sem utilizar, para isso, qualquer recurso da medicina, “apenas” como resultado de uma prece feita na fé. Na terceira categoria de milagres, estariam fatos que *ultrapassam* a natureza pela maneira como são produzidos. Há um encadeamento de ações que acaba produzindo um fenômeno que, naquele momento, é inexplicável pelos recursos da ciência. Um detalhe interessante é que determinado elo da corrente que produziu o efeito poderia até ser explicado, mas o encadeamento dos fatos que produz esse efeito “maravilhoso” não se pode

explicar. É uma manifestação clara da Divina Providência.

O discernimento racional leva o crente a concluir que houve uma intervenção sobrenatural imediata naquele fato admirável. Portanto, é legítimo reconhecer ali um milagre. Santo Tomás explica que, dentro dessa classificação de milagres, pode existir ainda uma multiplicidade de graus, mas o critério é sempre o quanto o fato *ultrapassa* o poder da natureza. É curioso que, Santo Tomás já no século XIII, fale de “ultrapassar” ou “exceder” a natureza, e não em contradizer, negar ou anular as leis da natureza.

É bom lembrar que esses escritos precedem toda a problemática racional iluminista e o mecanicismo científico da modernidade. Esses conceitos do gênio da teologia medieval continuam sendo pertinentes para pensar o milagre como algo admirável que ultrapassa o que se poderia esperar da ordem natural das coisas, que a ciência não explica e que manifesta claramente uma extraordinária ação providente de Deus. Portanto, o reconhecimento de um milagre não tem sua coluna mestra na incapacidade da ciência para explicar uma relação de causa e efeito, mas na fé iluminada pela razão.

O modo como a Igreja Católica faz o discernimento dos milagres indica que se busca sempre uma fé inteligente. Isso é coerente com o antigo axioma teológico proposto por Santo Anselmo de Cantuária, no século XII, de que “a fé busca a compreensão” (*fides quaerens intellectum*). Essa reflexão tem sua origem remota em Santo Agostinho que afirmava: “creia para que possa entender” (*crede, ut intelligas*). A relação entre fé e razão foi amplamente visitada pela famosa encíclica *Fides et ratio*, do Papa João Paulo II (1988), concluindo que a fé e a razão “ajudam-se mutuamente, exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento”.^[43] Esse “discernimento crítico” é o que se busca na investigação dos milagres no contexto dos processos de canonização.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “os milagres de Cristo e dos santos, as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade ‘são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos’, ‘motivos de credibilidade’, mostrando que o assentimento da fé não é, ‘de modo algum, um movimento cego do espírito’”.[44] Então, o milagre é uma linguagem do amor de Deus e de sua Divina Providência. É um “auxílio exterior” que, unido ao “auxílio interior do Espírito Santo”, ajuda o crente a aderir às verdades reveladas. Ele fortalece a nossa fé na certeza de que o Senhor está sempre do nosso lado para nos acompanhar e proteger.

A vida de Jesus foi repleta de milagres. Os evangelhos chamam esses acontecimentos de “ações de poder” (*dynameis*) e “sinais” (*semeia*). Cegos, paráliticos, mudos e todo tipo de sofrendores foram curados. Ele multiplicou o pão e transformou a água em vinho. Sua fama se espalhou por causa desses feitos “maravilhosos”. Príncipes e reis ficaram curiosos e quiseram ver um desses sinais. Mas Jesus não era um mago. Diante dessa plateia curiosa, não realizou sequer um milagre. Portanto, o milagre ao mesmo tempo exige e alimenta a fé do crente. Ao final de muitas curas, o Mestre de Nazaré costumava dizer: “Vai em paz. A tua fé te salvou”.

Os milagres são ações de poder e sinais que agem na história. Jesus ressuscitou seu amigo Lázaro, mas, depois, ele voltou a morrer. Aqueles dez leprosos, o cego Bartimeu e tantos que comeram o pão multiplicado milagrosamente... todos morreram. Por isso, o milagre é uma solução transitória, que aponta para a salvação definitiva que Deus oferece. O milagre é, portanto, apenas um “anúncio antecipado do céu”. Por isso, quem estaciona nos milagres não participa do dom maior oferecido por Deus: a salvação. Essa é a fé cristã.

Contudo, os milagres não são acessórios dispensáveis da mensagem do Mestre de Nazaré. São parte integrante de sua

pregação messiânica. Aliás, ao recomendar aos seus discípulos que pregassem sua mensagem em todo o mundo, o Mestre fez questão de garantir que os sinais acompanhariam as palavras. Portanto, os milagres se inserem nessa dinâmica de unir inseparavelmente a palavra e o gesto. Isso se radica na própria natureza humano-divina de Jesus enquanto Verbo Encarnado, conforme a belíssima expressão que encontramos no Evangelho de João (1, 14). Os milagres, desse modo, são sinais de sua divindade.

Nos últimos três séculos da história, desde o iluminismo europeu, os milagres começaram a representar um complicador para compreender a mensagem religiosa cristã por representarem algo que aparentemente afronta a razão humana. Muitos preferiram simplesmente contestar os milagres ou colocá-los em um gênero de segunda grandeza na mensagem de Jesus. Seriam apenas relatos simbólicos, metáforas ou exemplos quase mitológicos. Outros procuraram artificialmente explicações racionais para cada milagre relatado na Bíblia. A tempestade acalmada, por exemplo, seria apenas uma história contada para nos ensinar a arte de vencer nossos próprios medos. A multiplicação dos pães seria o fruto da solidariedade promovida por Jesus. Porém, o sentido bíblico de milagre está alguns passos para além desses reducionismos racionais da modernidade. Milagre é sempre um encontro da liberdade de Deus com a liberdade humana, da graça divina com a responsabilidade humana.

A teologia contemporânea aprofundou esse debate à exaustão para encontrar o ponto de equilíbrio entre dois opostos. De um lado, estão os fideístas que acreditam que a história é o palco onde se movimentam marionetes manipuladas pela toda-poderosa mão de Deus; de outro lado, estão os racionalistas que negam qualquer possibilidade de intervenção de Deus na história. O diálogo entre liberdades responsáveis é um ponto de equilíbrio que pode levar-nos a uma compreensão mais ponderada e razoável de milagre.

No caso dos milagres analisados em processos de canonização, o que se coloca em questão não são exatamente curas que vão contra as leis da natureza criadas pelo próprio Deus. O que se reivindica é exatamente o direito de Deus em sua liberdade de agir na história, agraciando uma pessoa com uma cura que naquele momento estaria para além de todas as possibilidades humanas por um encadeamento providencial de ações. Fica, então, clara a ação direta e pessoal de Deus. O milagre promove, ou excede-ultrapassa, a natureza, como disse Santo Tomás de Aquino, e não a contraria. É a realização plena da graça original. No milagre, existe sempre um diálogo entre a Graça de Deus e a fé humana.

No Evangelho de Marcos (5, 34), Jesus diz a uma mulher que foi curada: “Tua fé te salvou. Vá em paz”. Em outra passagem, o mesmo evangelista observa que Jesus não pôde fazer milagres em Nazaré, pois não acreditavam nele (11, 23). Milagres não são espetáculos do poder de Deus. São diálogos de amor. Como afirma um velho axioma teológico, “a graça supõe e aperfeiçoa a natureza” (*Gratia supponit perficitque naturam*). Milagres elevam a ordem natural à sua perfeição, chegando a um grau em que a ciência simplesmente não consegue explicar a globalidade do encadeamento dos fatos. Resta admitir que o acontecimento não foi fruto de uma mera ação humana e que revela a ação imediata de Deus por intercessão de algum santo.

O milagre colocado como condição para a canonização, no caso de uma cura, deve ser rápida, completa e permanente. No Santuário de Lourdes, na França, são utilizados alguns critérios médicos para discernir quando uma cura representa um milagre. Dentro desses critérios, é preciso comprovar que a doença era grave, existem provas objetivas da doença, podem ser observadas lesões orgânicas, certificar-se de que nenhum tratamento poderia ter agido favoravelmente, a cura é rápida, a convalescença não foi prolongada e não existem recaídas durante um período razoável.

Para aceitar uma cura como milagre, no contexto de um processo de canonização, a Igreja Católica procede a uma análise global do encadeamento dos fatos. São feitos dois juízos distintos, um científico e outro teológico. Cada um desses juízos é elaborado por uma comissão de peritos na área, que debatem os fatos objetivos e documentados à exaustão. Para o juízo da ciência normalmente são convidados médicos crentes e não crentes.

Os processos de canonização são remetidos para legislação específica pelo atual Código de Direito Canônico (Cân. 1403), promulgado pelo Papa João Paulo II em 25 de janeiro de 1983. Essa regulamentação foi promulgada pelo papa no mesmo ano por meio da Constituição *Divinus Perfectionis Magister*, que acolheu e aprimorou a tradição condensada pelo Papa Bento XIV (1675-1758) em sua obra *De Servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione*, que estabeleceu os critérios para que uma cura seja considerada milagrosa.^[45]

O propósito da reforma do Papa João Paulo II foi promover maior agilidade e participação dos bispos nos processos de beatificação e canonização, sem que fosse prejudicada a “solidez das investigações em um tema tão sério”. Para isso, existe, junto à Congregação para as Causas dos Santos, o Colégio de Peritos em Ciência Médica. O relator da causa deve elaborar uma minuciosa *Positio* sobre o suposto milagre que é examinada pelos peritos; no caso das curas, por médicos. As conclusões constam de um minucioso relatório técnico.

Os especialistas indicam cinco fatores que devem ser considerados para concluir que se está diante de um milagre: 1) diagnóstico claro e seguro de que se tratava de uma doença física grave; 2) cura das lesões orgânicas em tempo considerado extraordinariamente breve a ponto de poder ser considerada instantânea; 3) ineficácia de todos os meios terapêuticos postos em prática; 4) ausência do período normal de recuperação gradual das funções, o que não exclui, porém, um rápido progresso na recuperação da saúde plena; 5) cura

duradoura, ou seja, não se trata de uma melhora passageira, confirmada por exames periódicos.

Um médico que tenha acompanhado o possível miraculado é uma testemunha importante no processo que, juntamente com toda a documentação clínica, hospitalar e médica, permitirá o conhecimento mais seguro possível dos fatos. A investigação do milagre é feita sob a forma de processo e não, por exemplo, na forma de pura investigação científica cognoscitiva. Portanto, as testemunhas são ouvidas dentro das formalidades jurídico-processuais exigidas pelo Direito Canônico. O Tribunal Oficial, após o juramento, interroga as testemunhas, e suas respostas são transcritas pelo notário, que, ao final, lê o relatório para que seja acrescentado, supresso, corrigido ou modificado tudo o que se acredite ser necessário. Ao final, a testemunha assina o relatório.

No caso das curas, para que seja possível chegar a uma reconstrução do fato, as normas para processos de canonização preveem que um perito médico esteja presente durante o interrogatório e possa, por meio do juiz, interrogar a testemunha, levantando questionamentos que lhe pareçam fundamentais. Para isso, deverá conhecer toda a documentação, estudada previamente.

São particularmente importantes para o processo detalhes como o tipo da doença, as terapias empregadas, as condições do paciente antes e depois da cura e a cronologia do tratamento. Não cabe aos médicos afirmarem tratar-se ou não de um milagre. Eles se limitam a constatar se a cura é inexplicável segundo os cânones da ciência médica. Se houver alguma discrepância de opiniões deve ser relatada com escrupulosa precisão.

Os resultados da investigação aparecem no processo, que deve descrever o evento morboso e seus sintomas, a cronologia mais precisa possível; a prognose e a diagnose com seus respectivos exames; a terapia com toda a posologia utilizada, a confirmação de tratar-se de doença grave e se a

cura foi completa e permanente.

A investigação médica não é o ponto-final da análise dos alegados milagres em processos de canonização. Após a perícia médica, é a vez da investigação dos teólogos. Cabe a estes discernir se o “fato inexplicável” apresentado pelos peritos médicos tem caráter miraculoso. Além disso, é necessário estabelecer o nexu causal entre o fato e a intercessão de um determinado Beato, Servo de Deus ou Venerável.

Nesse momento, o mais importante são as provas testemunhais, pois, enquanto a investigação médica procura uma explicação biológica ou científica para o fato, o Congresso dos Consultores Teólogos determina se o acontecimento tem significado religioso ou não. Para isso, é necessário inserir o fato no espectro mais amplo de seu contexto histórico. Ao final do debate, é preciso que o suposto milagre receba o voto afirmativo, por escrito, de dois terços da totalidade de teólogos.

No caso da cura ocorrida na Baixada Santista, todos esses passos foram dados com rigor científico, teológico e jurídico. O resultado, fruto da análise pontual feita pelos peritos médicos e do discernimento global por parte dos teólogos concluiu tratar-se de um verdadeiro milagre. Isso foi decretado oficialmente em 17 de dezembro de 2015 pelo Papa Francisco e abriu caminho para a canonização de Madre Teresa de Calcutá.

O milagre continua sendo uma exigência formal, mantida nos últimos quatrocentos anos nos processos de canonização da Igreja Católica. Os especialistas em Direito Canônico concordam que se deva manter essa exigência, pois é uma condição objetiva que o legislador pode avaliar por meio de fatos positivos para verificar a ação de Deus em cada caso e obter uma “certeza moral” suficiente para recomendar a emissão do decreto. Sobre isso, é preciso que se diga ao menos três coisas:

- 1) A relatividade do milagre: apesar de ser fundamental, a exigência do milagre para a canonização não é absoluta. O papa pode dispensar da prova do milagre. Isso foi desejado por Paulo VI, confirmado por João Paulo I e reconfirmado por João Paulo II. Basta lembrar a beatificação de José de Anchieta em 1980. A Igreja admite, além da canonização “formal”, seguindo todos os trâmites, uma canonização “equipolente”, na qual se dispensa da exigência do milagre. Foi o caso, por exemplo, da canonização de Santa Hildegarda de Bingen, em 10 de maio de 2012, por Bento XVI. O papa não foi original ou criativo. Muito antes dele, seu predecessor Bento XIV, autor da monumental obra *De Servorum Dei beatificatione et de Beatorum canonizatione*, canonizou da mesma maneira os santos Romualdo, Norberto, Bruno, Pedro Nolasco, Raimundo Nonato, João da Mata, Félix de Valois, Margarida da Escócia, Estêvão da Hungria, Venceslau da Boêmia e o Papa Gregório VII. A distinção entre a canonização formal e a equipolente surgiu algum tempo antes, no pontificado de Urbano VIII para algumas situações em que já existia um culto litúrgico vinculado à pessoa em questão.
- 2) A inexplicabilidade da razão: compreendemos a *perenidade* da fé em contraste com o caráter *provisório* dos conhecimentos da razão, o que permite seu constante progresso. O que a ciência não sabe hoje é possível que possa saber amanhã. Descobertas acontecem todos os dias. O verdadeiro cientista não se conforma diante de um mero “não sei”. É próprio do ser humano querer saber, e Deus o dotou de faculdades para isso. Se não temos explicação hoje, amanhã poderá aparecer uma teoria razoável, nascida da genialidade de alguém, que tornará tudo mais claro. A evolução da ciência é desejada e aplaudida pela sociedade e também pela Igreja. Então, o que fazer com a pergunta “Existe uma explicação científica para esse fato?”. Diante da inexplicabilidade, feito o devido

discernimento científico e teológico, a Igreja pode declarar que um fato maravilhoso foi fruto de uma intervenção direta e providente de Deus, ou seja, que é um milagre. E se a ciência progredir nos próximos meses e descobrir uma explicação para o que antes era inexplicável? E se alguém descobrir uma falha na produção dos documentos ou uma pequena imprecisão nos testemunhos que acabaria por viciar o juízo? O milagre perderia a validade? É preciso que se diga que um milagre, por exemplo, no caso de uma cura, não se reduz a um “fato biológico”. Poderíamos chamá-lo de “fato teológico”. Reconhecer em um evento maravilhoso um milagre exige um discernimento que considera a globalidade dos fatores que envolvem o fato. Discernir um milagre não é tão simples como avaliar a eficácia de um antibiótico. É necessário considerar o encadeamento dos fatos particulares que compõem um evento global que resulta surpreendente e inexplicável. Exatamente por isso não basta um parecer científico e é preciso o discernimento dos teólogos. Isso não significa que tudo seja milagre. A vida por si só é um milagre *lato sensu*, mas o que está em questão é o milagre *stricto sensu*, ou seja, um fato que todos concordam ser extraordinário e estar para além daquilo que seria de se esperar de um tratamento médico convencional; um resultado desproporcional, sem explicação científica neste momento e que denota aos olhos da fé o *digitus Dei*. A investigação permite o consenso de que ali agiu o dedo de Deus. Nesse caso, a ciência ajuda no discernimento, mas não condiciona a fé.

- 3) A certeza da fé: o Decreto Papal de canonização é um ato oficial do Magistério da Igreja Católica que declara que um cristão viveu a fé, a esperança e a caridade em grau de virtudes heroicas e está no céu. Sua vida é apresentada como modelo a ser imitado e, junto de Deus, ele pode interceder por nossas necessidades. O Decreto de

Canonização é definitivo e irrevogável, promulgado em letras decretais sob a forma de Bula Pontifícia assinada pelo papa. Nesse contexto, como disse o Papa João Paulo II em 1988, “os milagres permitem, em certo sentido, que a ‘voz de Deus’ seja ouvida no discernimento da beatificação ou canonização de um Servo de Deus, clarificando e confirmando o juízo que envolve a autoridade de Pedro”. [46] O milagre permanece sendo um fato admirável para a fé e inexplicável para a ciência, que deve ser avaliado no contexto de um encadeamento de ações que, por sua vez, precisa ser situado teologicamente em um enquadramento mais amplo, de modo a permitir o juízo definitivo. Já vimos que seria simplório imaginar que provas científicas, testemunhais ou históricas possam dar ao papa uma “certeza absoluta” para assinar o decreto. A investigação do milagre, por mais eficiente que tenha sido, dará, no máximo, uma “certeza moral”, ou seja, nos limites da razão. Apenas a fé pode dar uma “certeza absoluta”. E é baseado na fé que o papa assina o decreto. Em última análise, o Decreto de Canonização não é um mero ato jurídico, mas um ato de fé. Por isso, aqueles que creem não o fazem simplesmente por terem concluído racionalmente a cientificidade de um milagre, mas porque são membros da Igreja, Corpo Místico de Cristo, na qual professam sua fé. Não creem porque têm motivos, mas porque experimentaram uma “razão de vida”. Crer é mais do que concluir; é aderir. Fé não é conclusão; é comunhão. É mais do que acreditar em ideias. É seguir a pessoa de Jesus Cristo. É mais do que uma filosofia; é uma mística. Caso contrário, não seria fé autêntica, mas apenas uma crença.

Com essas ponderações poderíamos concluir que os milagres motivam a fé do crente e instigam a curiosidade, muitas vezes repleta de dúvidas, do descrente. Quem optou por não crer, ainda que veja os maiores milagres, não crerá. Já

o apóstolo Tomé dizia que precisava “ver para crer”. Na verdade, é preciso “crer para ver”. A razão pode até admirar um fato extraordinário para o qual não encontra explicação, mas apenas a fé é capaz de escutar o Deus que se revela pela linguagem providente de um milagre. Por isso, o crente não precisa de provas. Os milagres ajudam, mas não fundamentam sua fé. No seu íntimo, ele sabe exatamente quando está diante do Deus que se revela em fatos simples e também em gestos admiráveis.

Após essas meditações teológicas, lembrei-me das palavras poéticas e certeiras que cantou meu irmão, padre Zezinho, SCJ, um dos mais lúcidos e inspirados catequistas da Igreja Católica:

*Milagres acontecem
Quando a gente reza e reza sem desanimar
E a paz é dos milagres,
O milagre mais bonito que se possa desejar
Milhares de pessoas encontram
a resposta no momento de oração
Milagres acontecem quando pomos de joelho o coração.*^[47]



CAPÍTULO SETE

UMA HISTÓRIA DE AMOR

O amor começa em casa,
e não é uma questão de quanto fazemos,
mas de quanto amor colocamos nas coisas que fazemos.^[48]

Madre Teresa de Calcutá

Devotos da madre

Continuei minha busca conversando com várias pessoas ligadas, de alguma forma, ao Milagre de Teresa na Baixada Santista. Uma das conversas mais interessantes foi com uma devota da santa de Calcutá que recebeu ela mesma uma graça especial e apresentou à esposa do miraculado essa devoção mais ou menos um ano antes que o milagre viesse a acontecer.^[49]

Natural de Petrópolis, ela foi muito jovem para São Paulo. Depois, a vida a levou para outros lugares mas, depois de se aposentar, acabou encontrando a tranquilidade de São Vicente, onde vive até hoje. Por motivos profissionais, acabou convivendo com a esposa daquele que receberia o milagre. Acompanhou a certa distância o seu drama de namorar, noivar e até mesmo casar com alguém que apresentava naquele momento sérios problemas de saúde. Ela me contou a sua história.

A senhora é devota de Madre Teresa de Calcutá?

Admiro muito a humildade dela. Lembro que li um livro sobre a sua vida. Não sou de repetir muitas Ave-Marias e Pai-Nossos. Prefiro rezar olhando para o mar e agradecendo a Deus por tantas coisas.

E como foi sua história com a santa dos pobres?

Em 2003 tive um aneurisma. Foi em outubro. Madre Teresa tinha apenas sido beatificada. Estava sozinha aqui na Baixada. Minhas filhas moravam em São Paulo e, na hora crítica em que me vi sofrendo de um aneurisma, não havia ninguém

para me socorrer. Então, me lembrei dela. Só lembro que pedia insistentemente à Madre: “Já que somos amigas, somos conhecidas, me ajude, cuide da minha cabeça. Que eu consiga esperar pelo menos minha filha chegar para me levar ao hospital”. Resultado: minha filha chegou, me levou para o hospital e nem sequer perdi a consciência. Chegando lá, fizeram um exame e viram que era um sangramento. Acabei sendo curada e estou aqui, graças a Deus e à ajuda de Madre Teresa.

Isto foi muito marcante em sua vida. Diria que foi um Milagre de Teresa?

Isso eu não sei. Mas foi muito forte, muito marcante em minha vida. Passei a dar esse testemunho sempre que podia e a divulgar a figura de Madre Teresa para todas as pessoas que encontrava em meu caminho. Uma delas foi aquela que seria a esposa do miraculado. Trabalhávamos juntas no campo da educação. Montei uma equipe de trabalho e ela acabou fazendo parte. Penso que isso tenha sido em 2005. Lembro bem, porque o Papa João Paulo II estava doente e morreria naquele ano. Madre Teresa já havia sido beatificada por ele em 2003. Portanto, foram dois anos depois do meu aneurisma. Estava completamente curada. Não ficaram sequelas. Como disse, passei a ser uma grande devota da santa. Rezava sempre aquela oração tradicional para fazer pedidos; tenho livros dela e coleciono o que posso sobre sua vida e história.

A senhora falou sobre Madre Teresa para a esposa do miraculado?

Sim. Isso foi após 2005 e durante 2006. Lembro que faltavam dois anos para ela se casar. Acompanhei esse tempo como colega de trabalho. Eles já namoravam. Era um casal, digamos, um pouco diferente. Os dois eram muito apaixonados. Lembro o quanto isso chamava a atenção de todos. Cheguei a ir ao casamento deles. Era estranho porque todos percebiam que ele estava cada vez mais doente. Apesar

disso, foram em frente com o sonho de constituírem uma família. A doença nunca foi um impedimento. Nem todos compreendiam isso. Eu mesma não compreendia. Era amor demais para a minha cabeça. Lembro que chorei durante o casamento pensando nessas coisas. Pensava no meu interior: “Como ela pode casar com um homem tão enfermo?”. Cheguei a questioná-la antes do casamento perguntando se não era melhor esperar um pouco. Mas ela estava firmemente decidida. Então falei ao menos para confiar em Madre Teresa e contei toda a minha história. Dei um santinho para ela. Sempre tinha muitos exemplares daquela oração em minha bolsa e distribuía por onde passava. Falei: “Reza, porque estou viva graças a ela”. Não sei se isso foi importante para ela naquele momento. Só lembro que respondeu: “Ah, vou rezar”. Sabia que era catequista na paróquia e uma mulher de muita fé.

Ela rezou e o milagre aconteceu?

Nada disso. Ele foi piorando cada vez mais. Chegou muito doente ao altar no dia do casamento. Ela teve que ajudá-lo a chegar até o padre. Lembro como se fosse hoje. Foi uma cena impressionante. Ninguém esquece. Acho que ele já estava tendo convulsões àquela altura. Quando soube que a lua de mel seria distante daqui, em Gramado, no Rio Grande do Sul, pensei com meus botões: “Essa mulher é mesmo maluca!”. Mas ela sempre dizia que acreditava firmemente na Providência de Deus. Parece que até mesmo durante a lua de mel ele continuou piorando. Voltaram para Santos e todos conhecem o resto da história. Lembro-me de ela comentar nessa ocasião: “Não sei se meu marido passa desta noite”. Ela me ligou e pediu para rezar a Madre Teresa. Todos estavam unidos nessa corrente de oração. A noite em que ele iria para a cirurgia foi de muita expectativa e oração. Todos sabiam da gravidade.

E o que aconteceu então? A senhora se lembra?

Jamais vou esquecer. No dia seguinte ela ligou e disse: “Madre Teresa nos ajudou”. Parece que naquele meio-tempo ela estava se aconselhando com o padre da paróquia que também falou muito de Madre Teresa. Essa foi a força dela naquele momento. Depois paramos de trabalhar juntas e não tivemos mais tanto contato. Mas aquele momento crítico foi muito marcante para mim. Estou convencida de que foi um grande milagre de Madre Teresa.

Na saúde e na doença

Após a visita da comissão da Congregação para as Causas dos Santos à Baixada Santista, o casal foi procurado para dar diversas entrevistas e testemunhar o ocorrido. A história coincide com os relatos que havia ouvido do médico, do padre e de vários amigos. Mas é interessante colocar-se no lugar de quem vive uma graça dessa e reconhece a ação providente de Deus em suas vidas. A leitura desses relatos me ajudou a colocar-me no lugar deles para entender o milagre como resposta graciosa do amor de Deus acolhida por aquele que tem fé.

É conhecida a frase que os noivos dizem um ao outro no dia do casamento: “Eu o recebo por meu esposo e prometo ser fiel, amar e respeitar você, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida”. Para aquele casal da Baixada Santista essa frase não era apenas uma fórmula romântica. O amor era colocado à prova pelo sofrimento de uma doença que se tornava cada vez mais grave.^[50]

Ele simplesmente abriu os olhos

Ele já havia se acostumado com aquele “Calvário”. Desde o seu nascimento, na década de 1970, em Santos, enfrentava problemas de saúde. Descobriu aos seis anos uma doença renal e logo começou o tratamento. Recebeu os devidos

cuidados no seio de uma família carinhosa e cristã. Vivia uma vida praticamente normal, como outra criança qualquer. Após a adolescência, próximo dos 18 anos, começaram a surgir as primeiras complicações. Aos 19, já era necessário fazer hemodiálise. A solução foi um transplante no qual acabou recebendo o rim de seu irmão. Não existiam outros casos semelhantes em sua família.

Apesar desse drama de saúde, ele progrediu nos estudos de Engenharia Industrial e acabou se formando em Engenharia Mecânica. Gostava da área das ciências exatas. Fez mestrado e doutorado nessa área e, em 2007, já trabalhava nesse campo. Tudo parecia bastante normal. Nenhuma tempestade à vista. Mas o ano de 2008 traria muitas surpresas. Ele tinha então 34 anos. Inicialmente começou a sentir a visão dupla. Em abril daquele ano teve a primeira convulsão. Tinha um emprego estável e já era noivo. O casamento estava marcado para o dia 27 de setembro. Era necessário descobrir a causa daquele desequilíbrio vital. Passou por vários médicos. Ninguém conseguia fazer um diagnóstico conclusivo, apesar de muitos exames. Com essa indefinição ficou sem receber o tratamento adequado.

O casamento aconteceu conforme previsto. Os sintomas, porém, continuavam. Finalmente teve uma forte convulsão no dia 20 de outubro, que o levou a ficar inconsciente. Acabou sendo internado em um hospital na cidade de Santos. Um médico, então, descobriu que ele tinha múltiplos abscessos no cérebro. Recebeu o tratamento, mas a situação foi se agravando de modo que ele já quase não podia mais andar. Seu lado esquerdo ficou paralisado. Mesmo com fisioterapia a situação não melhorava.

Continuavam, cada vez mais fortes, as dores de cabeça. Na manhã do dia 9 de dezembro de 2008, tudo chegou ao limite do suportável. Não era possível continuar daquela maneira. A dor era muito intensa. Chegou a pensar que iria morrer. Foi levado às pressas para o centro cirúrgico. Acordou antes da

cirurgia que foi atrasada pela falta do cateter e, no dia seguinte, sentia-se completamente sem dor de cabeça. Ninguém sabia explicar o que teria ocasionado a súbita recuperação de um paciente à beira da morte. Nos dias seguintes, a melhora foi cada vez maior. O excesso de líquido em seu cérebro foi sumindo e os abscessos desaparecendo.

Ficou mais treze dias internado e voltou para casa, curado no dia 23, às vésperas do Natal. O tratamento, portanto, foi do dia 20 de outubro a 23 de dezembro. De fato foi um “novo nascimento” para aquele homem. A melhora foi muito rápida. Desde então sua saúde ficou restaurada. Algum tempo mais tarde escreveu a história dessa cura espetacular e enviou ao postulador da causa de canonização de Madre Teresa de Calcutá, por meio das Missionárias da Caridade que mantêm uma casa em Santos.

Ela não fechou seu coração

Enquanto ele caminhava com sua cruz no “Calvário” da doença, cada vez mais agressiva, aquela que seria a sua esposa não saía do seu lado. De fato, o amor foi na saúde e na doença. Ela também havia nascido em Santos na década de 1970. Professora de Educação Infantil e pós-graduada em Psicopedagogia, trabalhava na região da Baixada Santista. Proveniente de uma família de fé, participava, desde sua infância, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em São Vicente. Sua família chegou a ajudar na construção da igreja local. Ali foi batizada, crismada e ali também se casaria e batizaria seus filhos. Frequentava o grupo de jovens e participava em outras atividades na igreja.

Conheceu aquele que seria o seu esposo no ano 2000. Logo ele lhe disse que vivia o drama de uma pessoa que havia feito o transplante renal. Isso não mudou as coisas para ela. O amor falou mais alto. Foi um namoro longo. Quando a vida profissional dos dois estava mais estável, resolveram que era hora de partir para o casamento.

Então começaram os problemas de saúde mais graves. Com o casamento marcado para o final de setembro de 2008, o sonho se aproximava e as dificuldades aumentavam. Havia sempre a esperança de que fosse apenas uma chuva de verão. Logo tudo iria passar. O problema é que os médicos não descobriam a causa das tonturas e das dores de cabeça. Então vieram as convulsões e o quadro ficou crítico. Os tratamentos, ao invés de melhorar, pareciam piorar ainda mais a saúde dele. Mesmo assim, ela entendeu que deveriam manter a data do casamento. Em nenhum momento pensou em desistir. Ela não havia se apaixonado por uma “doença”, mas pela essência saudável que via no interior do seu amado. O amor não vê apenas como a pessoa “está”: enxerga o que a pessoa “é”. Por isso erra quem diz que o amor é cego. Aliás, os cegos veem melhor, pois não se deixam enganar pelas aparências e vão direto ao coração.

Casaram em uma sexta-feira, durante a missa. Ela foi trabalhar na manhã daquele dia e sentiu falta de um telefonema de seu noivo, como era costume entre os dois. Logo ficou sabendo que ele havia tido uma convulsão. Nem mesmo isso foi o suficiente para ela dar meia-volta e desistir do casamento. Permaneceu ao lado daquele que sempre amou. Ele também decidiu que, mesmo diante daquela situação, deveriam dar um passo na fé e realizar o casamento. Ela teve, inclusive, que ajudá-lo a entrar na igreja. O casamento aconteceu nessas condições dramáticas na esperança de que, mais cedo ou mais tarde, tudo voltaria a ser como antes. Mas durante a lua de mel o quadro se agravou ainda mais.

Ela recebia diversos conselhos, entre eles recebeu a novena à Madre Teresa de sua colega de trabalho que havia sido curada de um aneurisma cerebral. Fez as orações com fé, mas não via melhora no quadro de seu marido. Foi então que procurou o padre de sua paróquia para abrir seu coração. Ele lhe entregou a mesma oração à Madre Teresa que ela já conhecia. Recomendou que rezasse sempre com mais fé e

confiança na intercessão da santa.

Ela tomou isso como uma recomendação vinda do céu. Levou a relíquia para o hospital e colocou sob o travesseiro de seu esposo. Todos os dias durante a visita fazia a oração e tocava com a relíquia na cabeça do amado enfermo. Repetia a oração diversas vezes por dia. Houve uma ocasião em que as enfermeiras, sem perceber, na troca da roupa de cama, levaram junto a relíquia. Ela não desistiu. Voltou ao padre e pediu outra. Continuou repetindo o mesmo rito, sempre com mais fé e esperança. Em nenhum momento desanimou. Confiava na providência de Deus. Isso lembra a santa teimosia de Teresa de Calcutá que ensinou suas filhas a viver unicamente da fé na Divina Providência.

Porém, a situação só piorava. O ponto mais crítico para ela foi aquele dia 9 de dezembro de 2008. Os remédios não surtiam mais efeito. Algo estava diferente. Ela começou a ligar para outras pessoas, principalmente da família, para que a ajudassem na corrente de oração. Insistia cada vez mais com Madre Teresa. Pedia um milagre. Estava aberta a qualquer solução que viesse da parte de Deus. Rezou toda a manhã do dia 9. Foi o dia mais dramático de sua vida. Não sabia o que estava acontecendo atrás daquela parede do hospital em que seu marido era atendido em estado de emergência. Apenas rezava.

Finalmente, o médico lhe disse que, além dos abscessos, havia acumulado líquido no cérebro. Isso era muito grave. Era a hidrocefalia. Essa palavra estranha se tornaria um fantasma permanente com o qual teria que aprender a conviver. A única solução era drenar esse líquido por meio de uma cirurgia. Tudo parecia conspirar contra. O convênio médico demorava para autorizar aquele procedimento. Depois faltava o cateter. Estavam lutando contra o tempo e cada minuto parecia uma eternidade. Ao sair da Unidade de Terapia Intensiva, antes da cirurgia, ela recomendou seu marido, ainda uma vez, à Madre Teresa. O médico não alimentava muita esperança. Sem rumo,

ela voltou para casa. Chorava compulsivamente. Mas era preciso suportar aquele momento. Para isso, a única solução era rezar, rezar e rezar. E foi o que aquela esposa amorosa fez. Rezou a prece recebida do padre inúmeras vezes. Já sabia de cor. Não podia mais passar a relíquia na cabeça do seu amado. Ele estava na sala de cirurgia. Mas ela imaginava Madre Teresa fazendo isso. Pedia que ela retirasse os abscessos e a hidrocefalia. Pedia que ela fosse um reflexo da luz divina naquele momento de total escuridão. Pediu muito. Foi perseverante, quase teimosa. Adormeceu vencida pelo cansaço e pela dor.

No dia seguinte foi bem cedo ao hospital. O médico estava na porta e parecia aguardar sua chegada. Seu coração estava gelado. Qual seria a notícia? Não teve medo. Alguma coisa lhe dizia que era algo bom. Continuava acesa em seu coração a chama da esperança. O médico lhe explicou o que, de alguma maneira, ela já sabia. A cirurgia não havia acontecido e seu marido estava acordado e sem as dores de cabeça que o atormentavam há meses. Ele não sabia o que havia acontecido. Não havia como explicar. A medicina encontrava o seu limite. A fé ultrapassava a razão e o milagre ia para além de qualquer esforço humano possível naquelas circunstâncias.

Imediatamente ela correu para dar a notícia a todos que rezavam sem parar. Sabia que havia sido Madre Teresa. Não havia dúvidas. O milagre foi uma resposta da Divina Providência à oração feita na fé em intensa comunhão com a prece de Teresa de Calcutá. Intercessão é gritar a Deus sentindo que alguém segura bem firme na sua mão... e grita também.

Os dias seguintes foram de fisioterapia e logo seu marido pôde passar o Natal em casa. Mas o milagre não estacionou na espetacular e inexplicável cura do dia 9 de dezembro. Eles não podiam ter filhos. Ela sabia disso. Os remédios fortes que ele havia tomado impediam a realização desse sonho. Em fevereiro de 2009, realizaram exames para ver qual seria a

chance de uma gravidez. O resultado foi desanimador, pois a probabilidade era menor que 1%. Havia uma possibilidade de fazer um tratamento artificial. Eles, porém, preferiam novamente confiar na mão de Deus.

Passou o tempo e veio a notícia da gravidez. Era um milagre dentro do milagre. Nasceu a primeira filha do casal em 2010. Houve uma segunda gravidez, que não se consolidou por má-formação do embrião. Pouco tempo depois, veio a terceira gestação. Um saudável menino nasceu em 2012. Aquele casamento, construído sobre o amor que aceita até mesmo a doença, começou a viver o tempo da saúde, da alegria e da paz.

O casal vive uma vida normal. As dificuldades existem, mas eles superam com a mesma dinâmica de fé e de amor. Conheceram momentos de extrema penumbra. Dores pequenas já não chegam a machucar, pois foram fortalecidos pelo caminho da cruz. Reconhecem que o grande milagre foi muito mais do que vencer os abscessos e a hidrocefalia. O maior milagre do mundo é ter uma família feliz.



CAPÍTULO OITO

MISSIONÁRIAS DA CARIDADE

Minhas queridas filhas, sem sofrimento,
nosso trabalho seria somente trabalho social,
muito bom e útil, mas não seria obra de Jesus Cristo,
não participaria da redenção.
Jesus desejava ajudar-nos partilhando a nossa vida,
nossa solidão, nossa agonia e morte.
Tudo isso ele assumiu em si mesmo
e levou-o à noite mais escura.
Somente sendo um de nós podia redimir-nos.^[51]

Madre Teresa de Calcutá

Irmãs dos pobres

Após falar com algumas pessoas envolvidas nos acontecimentos que levaram ao milagre de Teresa, havia chegado o momento de visitar a casa das Missionárias da Caridade, entre os municípios de Santos e São Vicente, no coração da ilha brasileira onde tudo aconteceu. Logo percebi que o carisma de Madre Teresa permanece muito vivo em sua congregação, unido à forte personalidade de quem luta com todas as forças para manter-se nos bastidores da caridade. São religiosas da penumbra. Elas seguem à risca a recomendação de Jesus: “Que a tua mão direita não saiba o que faz a esquerda”^[52].

Se nem uma das mãos deve conhecer a caridade que a outra faz, imagina um teólogo escritor, curioso e bisbilhoteiro procurando conhecer melhor os detalhes de um milagre acontecido na Baixada Santista. A celebridade era um verdadeiro martírio para Madre Teresa. Com muito bom humor, ela repetiu ao final de seu discurso ao receber o Prêmio Nobel da Paz, em 1979, o que já havia dito em outras ocasiões: “Se não for para o céu por qualquer outro motivo, irei pelo menos por toda a publicidade que de mim fizeram, porque ela me purificou, me sacrificou e me tornou efetivamente apta para ir para o céu”.^[53]

As Missionárias da Caridade foram fundadas por Madre Teresa na Índia em 1950 e contam atualmente com mais de cinco mil religiosas espalhadas por todo o mundo. Tradicionalmente, os consagrados e as consagradas fazem votos de castidade, pobreza e obediência. Nas regras de vida que escreveu em 1947, porém, Madre Teresa recomenda uma

pobreza absoluta, uma castidade angelical e uma obediência alegre para saciar a sede de Jesus Cristo na cruz. A finalidade particular da congregação é “levar Cristo às casas e às ruas das favelas, entre os doentes, os moribundos, os mendigos e as criancinhas de rua”.^[54] Ao entrar nessa congregação, uma irmã se compromete com a pobreza absoluta e não possui mais nada como seu. Tudo é comum.

Com esses ideais de solidariedade, as Missionárias da Caridade se espalharam pelos quatro cantos do mundo e chegaram também à Baixada Santista, após uma troca de correspondência entre Madre Teresa e o então bispo da diocese local, Dom David Picão. Em março de 1988, Madre Teresa escreveu uma carta ao bispo, oferecendo-lhe preces de sua congregação pelos padres. Pedia, inclusive, o nome de alguns sacerdotes pelos quais o bispo desejasse que elas rezassem. Ele pediu oração pelo seminário da diocese, pois precisava muito de vocações e de novos sacerdotes. A madre não perdeu a oportunidade de pedir orações também: “Oremos uns pelos outros, especialmente por nossa sociedade, por nossos pobres e por mim”.^[55] Aproveitando a troca de correspondência, o bispo arriscou pedir a presença das Missionárias da Caridade em sua diocese, que tinha grandes bolsões de pobreza.

A resposta veio na forma de preces. Em 1993, Madre Teresa escreveu novamente ao bispo: “Assim como Verônica, de acordo com a tradição, ajudou Jesus no caminho para o Calvário, cada irmã ajudará seu sacerdote adotivo em sua vida sacerdotal, orando por ele e oferecendo seu sofrimento, sacrifícios e boas obras. Tenho recebido cartas de muitos bispos dizendo o quanto isso tem mudado as vidas de seus sacerdotes. Até o Papa João Paulo II disse-me que ‘ele também era sacerdote’ e pediu para ser adotado”.^[56] A lista de sacerdotes e candidatos ao sacerdócio para a intercessão foi, então, atualizada.

Contudo, o bispo tornou a insistir na presença das

missionárias em sua diocese. Em 1995, enviou uma carta pedindo a vinda das religiosas e falou sobre os projetos com os mais pobres dos pobres: portadores de HIV e idosos e crianças com algum tipo de deficiência, catequese e evangelização. Em novembro daquele ano, a primeira Missionária da Caridade chegou a Santos.

Para a abertura da casa da congregação, Madre Teresa pedia poucas coisas: “Oportunidade para missas diárias; conferência espiritual semanal; oportunidade para confissões; capelinha na casa com a presença do Santíssimo Sacramento, segundo as prescrições do Código de Direito Canônico; permissão para expor diariamente o Santíssimo quando não houver sacerdote e permissão para pedir doações dentro da diocese quando precisarmos, porque nossa congregação e os pobres cuidados por nós confiam inteiramente na Divina Providência.”^[57] Ela concluiu a carta com as palavras: “Rezo e espero que a presença das irmãs em Santos sejam causa de alegria para o senhor e também para os mais pobres que serão cuidados por elas. Meu agradecimento e minha oração. Que o Senhor dê sua bênção para o senhor e seus fiéis. Paz, amor e alegria”.^[58]

Em março de 1996, foi inaugurada a casa das Missionárias da Caridade em Santos, um ano antes do falecimento de Madre Teresa. Rapidamente, o testemunho daquela mulher ficou conhecido na região e muitos confiavam em sua intercessão diante de Deus, na certeza de que se tratava de uma santa. Vinte anos depois, a Igreja lhe concederia oficialmente esse título.

Quando cheguei à casa das Missionárias da Caridade já era noite. Elas haviam passado o dia em andanças para concluir os preparativos de uma exposição sobre a vida de Madre Teresa. Apesar do cansaço e do desejo de manter-se sempre no escondimento, colocando todas as luzes apenas no Deus dos pobres e nos pobres de Deus, aceitaram conversar comigo.

A casa é dedicada a acolher pessoas abandonadas,

principalmente idosos. Lembro-me de terem dito que, naquele momento, havia dezessete pessoas sendo atendidas ali. Minha intenção era saber mais sobre o milagre e confessei a elas que estava curioso para conhecer melhor a história.

O fato havia tomado as manchetes de jornais do mundo todo. Muitas pessoas se perguntavam o que exatamente havia acontecido. Era necessário escrever algo sobre o assunto com o olhar do teólogo para que os leitores não ficassem reféns de manchetes sensacionalistas. Reconheci que as especulações da imprensa sobre esse tipo de fato são um pouco cansativas, mas a conversa com as irmãs não avançou muito. Nesse caso, só me restou agradecer a hospitalidade naquele final de um dia tão exaustivo.

Porém, ninguém passa pela vida de uma Missionária da Caridade sem receber uma generosa porção do amor de Deus. Elas me entregaram a oração com uma relíquia de Madre Teresa. Pedi uma sugestão de livro sobre Madre Teresa, que revelasse com clareza seu coração e suas motivações espirituais. Elas trouxeram o livro *Madre Teresa, venha, seja a minha luz*, do Postulador da causa de canonização, padre Brian, e afirmaram que era a melhor obra sobre a religiosa. Infelizmente a edição em português estava esgotada e aquele era o único exemplar que possuíam. Apesar disso, não tiveram dúvidas em emprestar o livro para que eu pudesse conhecer “a história e os escritos mais impressionantes da ‘santa de Calcutá’”. Os pobres sempre surpreendem ao ofertar até aquilo que lhes fará falta.

Ao despedir-me, perguntei como elas resumiriam seu carisma. Uma delas simplesmente apontou para uma frase na parede da capela, colocada ao lado do crucifixo: “Tenho sede!”.

Como se faz um santo

Um sacerdote chamado padre Leo Maasburg publicou, em 2010, um divertido livro sobre a santa de Calcutá, revelando sua personalidade forte, determinada e bem-humorada, lançado no Brasil com o título *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*.^[59] Durante muitos anos, ele foi seu confessor, conselheiro, amigo de todas as horas e tradutor em muitas viagens ao redor do mundo, principalmente após sua ordenação em 1982. Pôde acompanhá-la também em alguns de seus encontros com o Papa João Paulo II. Estavam longe de ser momentos de protocolo seguindo formalidades. Isso não combinava com Madre Teresa. Ela ia direto ao ponto, sem rodeios. Eram muito amigos e o papa costumava dar-lhe uma atenção particular. Nutriam grande admiração mútua.

Em um desses encontros, após a missa matinal na Capela Pontifícia, Madre Teresa dispensou até mesmo os habituais cumprimentos e disparou certa vez: “Santo Padre, precisamos de um santo para os nossos leprosos”.^[60] O papa foi igualmente direto: “Tem alguém em mente?”. Ela sorriu e indicou o padre Damião de Veuster, missionário de origem belga, nascido em 1840, que viveu entre leprosos no Havaí até ele mesmo morrer dessa doença em 1889. É reconhecido como o “santo de Molokai”, a ilha do arquipélago que recebia leprosos para que vivessem separados da sociedade, onde padre Damião viveu sua intensa e emocionante história de solidariedade. O lugar era conhecido como “ilha da morte”.

O papa conhecia e admirava essa história, mas havia um problema para transformar aquele missionário em um santo da Igreja Católica. Ele não havia operado nenhum milagre, como exigem as normas do Direito Canônico. Isso estava longe de ser relevante para Madre Teresa. Ela tinha outra perspectiva da santidade. Não era a melhor amiga das burocracias canônicas. O papa conhecia bem a têmpera da religiosa. Por isso, abreviou a conversa, dizendo que o cardeal Pietro Palazzini, da Congregação para as Causas dos Santos, iria procurá-la no dia seguinte.

Assim aconteceu. No dia seguinte, bem cedo, o cardeal já estava à porta da casa-mãe das Missionárias da Caridade, em Roma. Ele era tão baixinho, perspicaz e persistente quanto Madre Teresa. O padre Leo Maasburg acompanhou esse encontro como tradutor e o relatou com detalhes em seu livro.

Madre Teresa acolheu o cardeal repetindo a frase que dissera ao papa no dia anterior: “Eminência, precisamos de um santo para os nossos leprosos”. Ele se fez de desinformado e perguntou quem poderia ser. “Padre Damião de Veuster”, disse a religiosa: “Conhece-o?” Claro que o cardeal conhecia, mas o problema era mesmo que, apesar da vida heroica no meio dos leprosos de Molokai, o processo dele encontrava-se parado pela falta de um milagre. Madre Teresa abriu a Bíblia e disse: “Está aqui no Evangelho de João, capítulo 15, versículo 13 que ‘ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos’. Padre Damião fez exatamente isso; portanto, deve ser canonizado”. Era tão simples para ela. Por que complicar com a exigência do tal milagre? O cardeal reconheceu que ela tinha razão, mas argumentou que a exigência de milagres para a canonização era uma tradição de quatrocentos anos da Igreja Católica. Madre Teresa insistiu que seria uma ótima oportunidade para mudar a tradição. E ainda, atrevida, afirmou que a Bíblia está acima do Direito Canônico. A vitória era quase certa, mas o astuto cardeal disse-lhe com ternura: “A senhora não acha que é mais fácil e rápido pedir ao bom Deus um milagre do que mudarmos nossa tradição de quatrocentos anos?”. O cardeal misturava inteligência com humildade. Madre Teresa reconheceu seu argumento, vencida, e declarou: “Rezemos, então!”.

Para não terminar a conversa assim, o cardeal convidou a madre para uma visita aos arquivos da Congregação para as Causas dos Santos, onde poderia conhecer a seriedade do trabalho que ali se fazia. Ela aceitou o convite. Pouco tempo depois, lá estavam novamente os dois, dessa vez diante de

pillas de arquivos reunidos para a beatificação do padre Damião. Era evidente a seriedade do trabalho. Madre Teresa perguntou qual, entre aqueles volumes, era o mais importante para a pretendida canonização. O cardeal fez descer das estantes um enorme livro empoeirado por anos de repouso e colocou para que a madre o apreciasse: “É este aqui”. Ela não o leu. Apenas retirou de seu bolso uma pequena medalha de Nossa Senhora, com uma fita, e colocou-a no livro. Em seguida, disse: “O mais importante está feito. Podemos ir embora”.

A beatificação do padre Damião foi realizada pelo Papa João Paulo II em 4 de dezembro de 1995, diante da exultante Madre Teresa de Calcutá. Em 11 de outubro de 2009, o Papa Bento XVI canonizaria São Damião de Molokai, o santo dos leprosos.

Em 5 de setembro de 1997, a própria Madre Teresa teve seu nascimento definitivo e levou para o céu sua “santa pressa”. Desde o início de sua missão entre os mais pobres dos pobres, ela alimentara conscientemente esse “senso de urgência”. Diante da fome e até mesmo da morte não é possível esperar. Todos conheciam esse traço peculiar de sua personalidade, inclusive o Papa João Paulo II, que, dessa vez, preferiu não discutir com a madre. Já não seria possível.

Em 1998, o papa concedeu a dispensa da exigência canônica de espera dos cinco anos após a morte para iniciar o processo de beatificação de Madre Teresa, que, então, teve seu início na Diocese de Calcutá em 26 de julho de 1999, sendo encerrado em 2001. Os resultados foram reunidos em oitenta volumes, cada um com 450 páginas. Com esse material, a Congregação para as Causas dos Santos pôde elaborar a *Positio* sobre suas virtudes heroicas, que foi concluída em abril de 2002. Contudo, o papa não dispensou a exigência do milagre. Manteve, para sua amiga apressada, a tradição de quatrocentos anos.

Por sua vez, Madre Teresa, no céu, já não tinha por que

discutir questões canônicas com sacerdotes e cardeais. O milagre que tornou possível sua beatificação aconteceu em 1998, com a cura de um tumor no estômago de uma indiana chamada Mônica Besra. A comissão do Vaticano fez todos os estudos previstos para confirmar a autenticidade do milagre. Em 19 de outubro de 2003, o próprio Papa João Paulo II celebrou a beatificação da madre de Calcutá, apenas seis anos e 44 dias após sua morte.

Todos imaginaram que a canonização viria logo em seguida, já que as virtudes heroicas da santa estavam fartamente comprovadas. Sua fama de santidade era pública e notória. A devoção à Beata Teresa de Calcutá se espalhara rapidamente por todo o mundo. Até então, ninguém havia tido uma beatificação tão rápida na história moderna. Imaginava-se que a canonização, então, seria questão de poucos anos.

Em 2 de abril de 2005, o Papa João Paulo II também veio a falecer. No seu funeral, várias frases populares puderam ser lidas em cartazes espalhados pela praça São Pedro, pedindo que o papa fosse “canonizado logo”, em italiano: “*Santo Subito*”. O Papa Bento XVI, que o sucedeu, também dispensou a espera de cinco anos para iniciar o processo de canonização. Essa decisão foi anunciada em 13 de maio do mesmo ano, apenas 41 dias após a morte de João Paulo II e no 24º aniversário do atentado que sofrera na Praça de São Pedro.

O processo de beatificação foi iniciado em 28 de junho. No final de janeiro de 2006, um milagre já havia sido comprovado: a cura de uma religiosa francesa da doença de Parkinson. Em dezembro de 2009, Bento XVI proclamou João Paulo II como Venerável, reconhecendo suas virtudes heroicas. Tudo andava muito rápido, mas seguindo rigorosamente os trâmites jurídicos de cada etapa. Após um minucioso estudo, a cura da religiosa foi considerada inexplicável pela ciência em 14 de janeiro de 2011. Foi, então, declarado o milagre. Finalmente, em 1º de maio de 2011, o

papa trabalhador foi proclamado Beato. Isso acontecia apenas seis anos e 29 dias após a sua morte. Curiosamente, quinze dias a menos do que o tempo dedicado à beatificação de sua amiga Teresa de Calcutá. Imagino o sorriso do bem-humorado papa polonês, no céu, para a apressada santa albanesa: venceu e “roubou-lhe” o recorde de beatificação mais rápida da história moderna.

Ainda faltava outro milagre para que João Paulo II fosse *santo subito*. Isso aconteceu na Costa Rica, onde uma mulher foi curada de uma lesão cerebral irreversível. A Congregação para as Causas dos Santos aprovou o fato extraordinário em 2 de julho de 2013 e, em 30 de setembro, o Papa Francisco anunciou que a canonização aconteceria em 27 de abril de 2014, praticamente nove anos após a morte de João Paulo II. Foi o processo de canonização mais rápido da história moderna.

O processo de Madre Teresa

E o processo da beata Teresa de Calcutá? Multiplicavam-se as entrevistas, os volumes e as páginas. Apesar de tudo, mantinha-se em compasso de espera, aguardando um segundo milagre e aprofundamento dos estudos sobre os polêmicos documentos que indicavam sua permanente “noite escura”. Padre Brian Kolodiejchuk, postulador da causa, reuniu toda essa documentação que a própria Teresa preferiria ter queimado no livro que representa uma verdadeira radiografia da sua alma: *Madre Teresa, venha, seja minha luz*, publicado em 2007. Enquanto especialistas discutiam as raízes e o sentido da complexa mística da santa simples, seu segundo milagre estava discretamente em curso na Baixada Santista. Ela continuava sendo mais prática que a maioria dos estudiosos. Já sabemos como tudo aconteceu ao longo daquele ano de 2008 que culminaria com a cura

inexplicável no dia 9 de dezembro.

É natural que alguém se pergunte por que uma pessoa beatificada apenas seis anos após sua morte precisa esperar quase vinte anos para sua canonização. Existem dois motivos: no nível interior, era necessário entender seu drama espiritual; exteriormente, seria fundamental a comprovação de um segundo milagre. Convenhamos que não é fácil compreender a santidade de uma pessoa que escreve com a mais radical sinceridade:

Há tanta contradição em minha alma: um profundo anseio de Deus, tão profundo que causa dano; um sofrimento contínuo, e com isso o sentimento de não ser querida por Deus, rejeitada, vazia, sem fé, sem amor, sem céu... O céu não significa nada para mim: parece-me um lugar vazio!^[61]

Para o leitor pouco acostumado à leitura dos clássicos de espiritualidade não restará dúvida de que não existe santidade aqui! Engano. Segundo estudiosos, como o padre Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia, Madre Teresa viveu uma espécie de martírio devido à “presença-ausente” de Deus. Era um terrível sofrimento provocado pelo vazio de Deus. Ele estava presente, mas não era experimentado como presente. Padre Raniero afirmou: “Os ateus normais, comuns, não ficam aflitos pela ausência de Deus, mas, para Madre Teresa, essa era a provação mais terrível que poderia viver.”^[62] Apesar de tudo, ela permanecia absolutamente fiel aos seus compromissos, especialmente à oração. Isso é heroico. Na vida da maioria dos santos, a “noite do espírito” foi um período transitório e purificador que preparou o grande momento “unitivo” com Deus, mas para Teresa de Calcutá esse estado tornou-se estável e permanente, perdurando até o final de sua vida.

Segundo o postulador, padre Brian, Madre Teresa não viveu uma falta de fé, mas uma “prova de fé.”^[63] O

sentimento era de não ter fé, mas sua fé objetiva, verificada pela coerência nas obras, é evidente. Estamos, então, diante de um estágio mais amadurecido da fé, que dispensa afetos.

Em 2007, dez anos após o falecimento de Madre Teresa, diante de quinhentos mil jovens, o Papa Bento XVI ouviu a pergunta de uma jovem sobre o sentido dessa provação vivida pela santa de Calcutá. Ele iniciou a resposta referindo-se ao livro de padre Brian:

Acaba de ser publicado um livro com as experiências espirituais da Madre Teresa, e o que já sabíamos agora se mostra mais abertamente: com toda sua caridade, sua força de fé, Madre Teresa sofria o silêncio de Deus. [...] Por um lado, temos que suportar este silêncio de Deus, em parte também para poder compreender nossos irmãos que não conhecem Deus. [Por outro] podemos gritar sempre de novo a Deus, dizendo: “Fala, mostra-te!” E, sem dúvida, em nossa vida, se o coração está aberto, podemos encontrar os grandes momentos nos quais a presença de Deus realmente se torna sensível inclusive para nós.^[64]

O papa reconhecia a profunda santidade escondida na dramática experiência mística da santa de Calcutá. Em setembro daquele mesmo ano, no aniversário de dez anos do falecimento de Madre Teresa, o papa voltou ao assunto durante uma audiência geral, recomendando atenção ao seu testemunho de caridade e serviço a Deus na pessoa dos mais pobres e necessitados: “Continuai a seguir o seu exemplo e sede em toda a parte instrumentos da misericórdia divina.”^[65]

O normalmente tímido Papa Bento XVI foi extremamente ousado e corajoso nessa ocasião, se considerarmos que há alguns dias uma fotografia da santa dos pobres havia sido publicada na capa da revista *Times*, nos Estados Unidos com a sensacionalista manchete “A vida secreta de Madre Teresa”.

Toda a matéria era apoiada nas cartas que haviam sido trazidas à luz pelo livro do padre Brian, mas a conclusão estava bem longe daquela à que chegariam os especialistas em espiritualidade, pois jornalistas e psicólogos ateus se perguntavam, após a leitura dos relatos íntimos da freira, se com tudo isso ela ainda podia ser considerada santa.

Certamente a elaboração da resposta a esses questionamentos justifica, em parte, o motivo da demora na canonização de Madre Teresa. Seu drama interior era cada vez mais bem assimilado pela Igreja e serviria até mesmo como modelo para tantos que enfrentam dificuldades na fé e na esperança, mas permanecem fiéis a Deus pela prática da caridade. Teresa, afinal, não era apenas uma santa da ação social, mas também da contemplação espiritual. Sua estatura mística era vista agora na real dimensão.

Em 2010, o Papa Bento XVI, em carta à Superiora Geral das Missionárias da Caridade por ocasião do centenário do seu nascimento, escreveu: “Madre Teresa foi um modelo exemplar das virtudes cristãs, foi em vida um dom inestimável para o mundo e continua sendo por meio do amoroso e incansável trabalho de suas filhas espirituais.”^[66] Ele aconselhou às religiosas “recorrer constantemente à espiritualidade e ao exemplo de Madre Teresa, seguindo seus passos, acolhendo o convite de Jesus: ‘Vinde, sede a minha luz’”.

Faltava, porém, o segundo milagre para a canonização! A postulação da causa continuava recebendo relatos de graças alcançadas vindas de todo o mundo. Em 2007, padre Brian declarou publicamente: “Uma vez que chegue o milagre, tardaremos ao menos dois anos, ainda que o papa possa acelerar o processo se desejar.”^[67]

A cura ocorrida na Baixada Santista, no final de 2008, foi relatada pelo padre Elmiran às Missionárias da Caridade que atuam em Santos apenas em meados de 2009. Aos poucos, o pároco percebeu que aquele homem realmente ficara curado.

Admirou-se que uma pessoa que enfrentava enfermidades desde a infância tivesse uma melhora global em sua saúde e chegasse até a constituir uma família com dois filhos, indo contra todas as probabilidades da ciência. Mas não se falava propriamente em “milagre”. Era apenas uma graça alcançada. Mesmo na Diocese de Santos, quase ninguém conhecia os detalhes extraordinários do fato. As Missionárias da Caridade, porém, encaminharam o relato para a postulação, em Roma onde chegam, todos os dias, muitos testemunhos de graças alcançadas. Mas, então, por que foi escolhido justamente o milagre ocorrido no Brasil?

Em setembro de 2012 aconteceu em Roma uma missa solene em memória dos quinze anos de falecimento de Madre Teresa. Ela permanecia muito viva na lembrança de todos e a devoção à Beata de Calcutá era cada vez mais presente nos quatro cantos do mundo. Ao final da missa, uma das religiosas declarou: “A mensagem de Madre Teresa para cada um de nós é que o Criador tem sede da sua resposta de amor. A madre exortava a nós irmãs, com estas palavras: Amem-se umas às outras, como Deus amou vocês, pois o amor é o fundamento do sentido da vida e onde há amor, há Deus.”^[68]

O postulador da causa, padre Brian Kolodiejchuk, estava presente nessa missa e, ao final, lhe perguntaram como estava o andamento do processo de canonização da madre. Ele declarou à imprensa: “Estamos à espera de um milagre. Recebemos muitos relatos de graças. Todos os anos, quase sempre ocorrem casos importantes. Estamos investigando, ainda que, no momento, esperamos um caso *forte e sólido* o suficiente para apresentar no processo. Estamos confiantes de que vai chegar.”^[69]

Essa era a questão: um caso *forte e sólido*. Não poderia restar nenhuma dúvida. Explicou ainda o postulador: “É preciso lembrar que para um milagre ser útil ao processo de canonização, alguém deve rezar, pedindo a Madre Teresa, e ela deve interceder. Deus tem de realizar o milagre, mas

também é necessário que sejamos informados sobre o que aconteceu. Então, como postulador, ocupo-me de que o caso seja estudado e apresentado ao comitê científico adequado.” Utilizando o bom humor ensinado pela fundadora, padre Brian arrematou: “A comunhão dos santos permite-nos estar mais ligados à freira beata. De certa forma, é mais fácil agora, porque antes era necessário chamá-la pelo telefone ou ir a Calcutá ou escrever uma carta, e, como chegavam muitas, a resposta era lenta. Agora podemos nos comunicar com ela 24 horas, todos os dias.”^[70]

Dessa forma, é fácil compreender que o milagre brasileiro fosse, até o final de 2012, apenas mais uma graça alcançada, entre centenas ou até milhares de outras atribuídas à Madre Teresa de Calcutá, que precisaria de cuidadosos estudos e de detalhada documentação para ser aprovado como um sinal *forte e sólido* e, finalmente, reconhecido oficialmente como “milagre”.

Em algum momento, e por algum motivo, a clareza e a simplicidade da cura ocorrida no Brasil em 2008 chamaram a atenção do postulador e da Congregação para as Causas dos Santos. Seria, finalmente, o esperado milagre? Era necessário conhecer e documentar cada detalhe. Mas como fazê-lo, se já haviam passado tantos anos? O médico presente na ocasião recordaria o fato? Teria acontecido realmente assim? Não seria uma dessas histórias que, de tão contadas, vão sendo enfeitadas e acabam formando um mito? A vida dos heróis e dos santos é repleta daquilo que os italianos chamam de *fioretti*, flores de enfeite que misturam lendas à realidade e apenas ilustram, de modo um pouco exagerado, as virtudes e os feitos de um santo. Consciente dessa dinâmica natural de exagerar e até alterar um pouco os fatos, a Igreja Católica é extremamente cuidadosa ao investigar os milagres apresentados em um processo de canonização.

Não bastam testemunhas. São necessários documentos. Mas os exames do paciente ainda estariam preservados? O

prontuário teria sido mantido nos arquivos do hospital? É muito comum que a Congregação para as Causas dos Santos simplesmente desqualifique milagres extraordinários por falta de comprovação documental.

Felizmente, o trabalho perseverante das Missionárias da Caridade, intensificado em 2014 e 2015, conseguiu reunir toda a documentação, inclusive tomografias com contraste e ressonâncias magnéticas. Isso era o necessário para que a Congregação para as Causas dos Santos deslocasse sua equipe de Roma para a Baixada Santista a fim de entrevistar todos os envolvidos. Essa visita aconteceria somente em 19 a 26 de junho de 2015. Antes disso, a documentação e o possível miraculado foram analisados por um neurocirurgião de confiança das irmãs, que elaborou um laudo e tudo foi entregue para a Congregação para as Causas dos Santos. Depois, ainda foi preciso esperar o parecer de outros peritos para chegar a uma conclusão. Os procedimentos pareciam não ter fim.

De acordo com as previsões do padre Brian, se tudo corresse bem e o milagre fosse declarado ainda em 2015, a canonização poderia acontecer após dois anos, mesmo que o papa pudesse apressá-la. Porém, quando disse isso, em 2007, não sabia que teríamos Francisco como papa, com sua personalidade tão parecida com a vigorosa ternura solidária de Madre Teresa de Calcutá. É um papa que caminha com o mesmo senso de urgência que levava a santa em socorro dos mais pobres dos pobres.

No momento em que a ciência reconheceu a cura ocorrida no Brasil como um fato inexplicável e a comissão dos teólogos reconheceu a evidência da intercessão de Madre Teresa de Calcutá, nada mais impedia de marcar a data da canonização durante o Ano da Misericórdia, iniciado por Francisco em 2015 e que seria concluído em novembro de 2016. A canonização de Santa Teresa de Calcutá, marcada para 4 de setembro de 2016, seria um dos pontos altos daquele tempo de celebração,

afinal, ela é mundialmente reconhecida como um ícone humano da misericórdia.



CAPÍTULO NOVE

A PALAVRA DA CIÊNCIA

Ninguém tem maior amor
do que aquele que dá a vida pelos amigos (Jo 15, 13).
Isto é canonização na Bíblia,
então por que é que ainda estamos à espera?^[71]

Madre Teresa de Calcutá

O laudo médico

Em 2015, o milagre de Santos começou a receber lugar de destaque no processo de canonização de Madre Teresa, em Roma. A história era, sem dúvida, impressionante. Seria, finalmente, o caso *forte e sólido* que se esperava há tanto tempo? Ainda era necessário reunir o máximo de documentos, além do testemunho das pessoas. A ciência deveria dar sua palavra sobre o que podia ter acontecido e se, de fato, não havia explicação para a cura.

As Missionárias da Caridade confiaram toda a documentação a um renomado neurocirurgião do Rio de Janeiro, dr. José Augusto Nasser dos Santos. Ele analisou o prontuário e os exames, inclusive as tomografias feitas antes e depois da pretendida cirurgia. Examinou também o paciente e concluiu que ele conservava suas funções mentais com desempenho acima da média, trabalhando com alto grau de complexidade. Restavam um estrabismo, que não o impedia de ler e escrever sem maiores problemas, e uma deficiência motora na parte esquerda de seu corpo, sem comprometer sua total autonomia de movimentos. Era impressionante que o dono daqueles exames e daquela história clínica fosse o pai de família e trabalhador eficiente que estava à sua frente.

Procurei o dr. Nasser para ouvir suas conclusões sobre o caso. Estava curioso para ouvir a linguagem dos médicos peritos a respeito da cura. Por que, afinal, era tão claro que não podia haver explicação científica plausível para o caso? Ele me disse que, após analisar o prontuário, todos os exames e o próprio paciente, emitiu um parecer técnico em 16 de junho de 2015, alguns dias antes da chegada da Comissão do

Vaticano a Santos. O paciente tinha então 41 anos. Eis aqui algumas de suas conclusões:

O paciente esteve, durante todo o exame, lúcido, orientado, coerente em suas respostas. Apresenta na ectoscopia estrabismo convergente, sequela da lesão do fascículo longitudinal mediano, fruto da lesão da fossa posterior. Apresenta-se bastante compensado quanto à parte ocular. Exame motor normal, não mais que sinais da deficiência motora à esquerda. Pequena alteração de movimentos finos da mão esquerda, embora não aparente perda motora. Sensibilidade superficial e profunda normal. Coordenação: não se observa nenhuma alteração. Síndrome vestibular à esquerda, na sensibilização. Reflexos superficiais e profundos. Hiper-reflexia à esquerda profunda. Marcha: normal. Tônus: normal. Pares cranianos: hipoacusia à esquerda e lesão definitiva do fascículo longitudinal mediano. O paciente trabalha normalmente desde 2009, em função de nível superior, com funções de extrema responsabilidade e exigência cognitiva, sem nenhuma alteração desde então. Mini Mental State: 29-30.^[72]

O neurocirurgião tomou o cuidado de procurar um neurorradiologista para estudar detalhadamente as ressonâncias magnéticas e tomografias com contraste. A documentação de imagem mostrava como, em um intervalo de cerca de 24 horas, aconteceu a alteração do quadro de hidrocefalia, sem proporcional interferência de ação humana externa. Havia uma tomografia com data anterior à pretendida cirurgia e outra com data posterior. Era possível identificar os vários abscessos, ao menos cinco, mas em áreas “muito eloquentes”, na linguagem clínica. A hidrocefalia era agravada pelo acometimento de ventriculite, uma espécie de infecção.

Segundo o dr. Nasser, qualquer neurocirurgião de boa

formação e experiência concluiria a extrema gravidade. Os quadros apresentados de abscessos cerebrais, cerebrite, já com aspecto de herniação cerebral interna, indicavam risco iminente de morte. O paciente sofria de uma doença autoimune do sistema nervoso central e, por isso, fazia uso de imunomoduladores. Contudo, o que ocorreu foi que, talvez pela sua baixa imunidade, abriu-se uma porta para um quadro infeccioso gravíssimo que são os abscessos cerebrais múltiplos em diversas áreas eloquentes simultâneas do cérebro, sob risco de morte iminente, sinais de herniação cerebral e dilatação ventricular por obstrução do fluxo liquorico agudamente. Sem nenhuma mudança no tratamento que vinha sendo feito, de acordo com a análise do prontuário, e agravado por não terem conseguido implantar uma derivação por problemas de disponibilidade do material, não seria possível controlar a hipertensão intracraniana. O prontuário não indica mudança no antibiótico, e, naquele caso, a morte seria o curso natural da doença.

A melhora súbita não apenas não poderia ser clinicamente esperada como é inexplicável pelos conhecimentos atuais da medicina. A infecção do sistema nervoso é algo muito grave. O próprio antibiótico teria dificuldade para trazer resultados. Caso houvesse uma melhora, seria lenta e extremamente demorada, podendo deixar uma série de sequelas. Haveria, inclusive, acometimento do sistema nervoso central.

Isso não aconteceu. O paciente voltou à lucidez durante um quadro que caminhava para um estado irreversível. O dr. Nasser explicou que não se volta à lucidez dessa maneira. Seria um processo lento e delicado. Qualquer neurocirurgião entende bem a gravidade e a fatalidade de uma infecção múltipla do sistema nervoso central. Isso é bem claro. A resolução súbita se deu sem que se tivesse tomado uma atitude efetiva. Tudo o que se fez não surtiria efeito imediato. Além disso, o paciente ter ficado com apenas pequenas sequelas residuais é outro fato surpreendente para o

neurocirurgião.

O olhar dos peritos

Para analisar novamente os exames e os relatórios médicos a Comissão do Vaticano pediu que o Promotor de Justiça nomeado para o caso na Diocese de Santos convidasse dois médicos locais para integrarem a equipe. O padre Caetano Rizzi convidou o dr. Marcus Vinicius Serra, neurocirurgião, e a dra. Mônica Mazzurana Benetti, especialista em cirurgia bariátrica. Tive oportunidade de conversar com os dois durante minha passagem pela Baixada Santista. Já havia percebido que aquele “possível milagre” teria que passar por dezenas de pareceres técnicos e análises para ser considerado um fato *forte e sólido* o bastante para ser aprovado no processo de canonização.

O olhar de um médico

Dr. Marcus é natural de Santos, onde possui uma clínica especializada em neurocirurgia.^[73] Dedicar-se intensamente a estudos avançados nessa área, na qual é também professor em vários hospitais. Ao conversar com ele, fui direto ao ponto que me interessava:

Você foi convidado a analisar os laudos do possível milagre ocorrido em 2008. Quais foram suas conclusões como médico e cientista?

Sim. Aconteceu em 2015, quando a comissão do Vaticano veio a Santos.

Você já conhecia Madre Teresa de Calcutá?

Só de ouvir falar. Fazia dela aquela imagem simpática de uma senhora idosa que ajudava os pobres e era conhecida em todo o mundo. Nada mais do que isso.

Qual foi sua primeira reação diante do convite?

Imaginei que seria fácil. Por padrão nós, médicos, não costumamos acreditar em milagres. Logo fiquei sabendo que o fato tinha acontecido nas mãos do Dr. João Cabral, que é meu colega de especialidade. Não recordava de ele ter mencionado o caso. Fiquei curioso para saber o que realmente havia acontecido. Então procurei diretamente meu amigo médico e perguntei-lhe. Inicialmente, ele disse que não se lembrava exatamente, mas logo em seguida me telefonou dizendo que, de fato, tinha recuperado os arquivos e havia acontecido algo incomum. Então, contou-me a história que agora todos já conhecem.

Na análise final de toda a documentação médica o que você encontrou exatamente?

O médico fez a tomografia e identificou abscesso cerebral. Um deles inchou e provocou a hidrocefalia. A lesão tinha 3.8 centímetros. Era necessário drenar o líquido. Mediante a impossibilidade de realizar a intervenção e sem nenhum procedimento médico, clínico ou cirúrgico que pudesse justificar tal melhora, o paciente recuperou a consciência. Isso não pode ser explicado do ponto de vista médico-científico. Feita nova tomografia o abscesso estava lá, mas o acúmulo grave de líquido havia desaparecido. Qualquer médico, ao ouvir essa história, diria que não é possível ou, ao menos, que não há explicação pelos recursos atuais da medicina. Mas temos as duas tomografias, uma antes e outra depois, que comprovam que, de fato, foi assim que aconteceu.

Um dos medicamentos administrados antes não poderia ter provocado essa súbita melhora?

Nada. Ele estava tomando o mesmo antibiótico desde que iniciou o tratamento, mas piorou. De repente o paciente melhora e fica bom em cerca de dezesseis horas. Se não tivesse visto as duas tomografias e examinado o paciente, não acreditaria. Não são necessárias longas e complexas

especulações. Os documentos são claros. O prontuário fala por si mesmo. A ciência simplesmente se cala diante desse fato. Analisei tudo várias vezes: exames laboratoriais e exames de imagem. Também ouvi o relato de diversas testemunhas. Estou convencido de que o fato não tem explicação plausível. A comissão do Vaticano, quando me entrevistou, insistiu o tempo todo: “Se, em qualquer momento, você achar que pode haver uma explicação científica, avise que a gente para tudo isso”. Compreendi que eles não queriam produzir um milagre. Buscavam apenas a verdade. Fiquei sereno com esse contexto absolutamente honesto.

Se você levasse aquelas duas tomografias para uma sala de aula em que os alunos não soubessem do que se trata, o que diriam?

Diriam que não podem ser do mesmo paciente.

E que garantia você tem de que as duas tomografias eram da mesma pessoa?

Está identificado.

Não poderia ser de outra pessoa e ter havido um erro?

Qualquer neurocirurgião sabe distinguir isso. É como uma arcada dentária, como uma impressão digital. As tomografias são da mesma pessoa. As lesões continuavam lá no dia seguinte, mas a hidrocefalia havia regredido significativamente. A lesão de 3.8 centímetros estava lá, no hemisfério direito do cerebelo. Os exames são datados com dia e hora. O intervalo é de mais ou menos 24 horas. É um fato extraordinário, inexplicável e bem documentado.

Você foi o único médico a analisar os prontuários?

Não. Fiquei sabendo que o Vaticano analisou o caso até a exaustão. Outros médicos do Brasil, dos Estados Unidos e em Roma analisaram. Todos não tiveram dúvidas em reafirmar que a ciência não tem explicação para esse fato.

Nossa conversa prosseguiu e tocou em diversos outros

aspectos da história, mas era chegado o momento de conversar com outra pessoa da área, que também analisou o caso.

O olhar de uma médica

Conversei com dra. Mônica Mazzurana Benetti, médica especialista em cirurgia do aparelho digestivo.^[74]

Como foi receber um convite inusitado como esse para analisar os exames de um possível milagre?

Como católica, fiquei feliz em poder colaborar, mas, como médica, não haveria muitos mistérios: ou é ou não é! Sempre acreditei na seriedade com que a Igreja Católica encaminha esses processos, mas, depois dessa minha participação, passei a acreditar muito mais. Tudo foi feito em clima de oração. Mas não se pedia pelo milagre e, sim, para aparecer toda a verdade do que estava acontecendo ali. Isso foi repetido o tempo todo. O objetivo era “descobrir a verdade”.

E como foi a entrevista que fizeram?

Inicialmente, pediram que eu jurasse sobre a Bíblia e dissesse somente a verdade. Entendi a seriedade da situação em que me encontrava. Em seguida, o monsenhor explicou que eu não estava ali como católica, mas como cientista. Ele me surpreendeu quando pediu que eu comprovasse que, do ponto de vista clínico, aquilo não era um milagre. Tive, então, acesso a toda a documentação e deram-me o tempo que fosse necessário para o estudo privado. Olhei tomografia por tomografia, página por página do prontuário, mas, quando peguei os exames determinantes, a evidência saltou-me aos olhos. É um fato extremamente simples, porém sem explicação.

Você costuma analisar esse tipo de exame com frequência?

Claro. É o meu trabalho. Faço isso o tempo inteiro. É minha rotina de vida. Sou chefe de um serviço de cirurgia. Atendo cerca de quinze pacientes por dia e visito outros quarenta. Coordeno também um serviço de residência.

E os exames não poderiam ter sido falsificados, maquiados? [Fui intensificando as questões, sentindo-me o próprio “Advogado do Diabo”, mas queria ir até o limite.]

Impossível. A rotina do hospital registra o tratamento. Minha função, na verdade, era conhecer o prontuário para saber que exames teria de fazer para avaliar as condições de saúde do paciente hoje.

Então você analisou o paciente?

Minha função era buscar alguma coisa que indicasse que ele não estava completamente curado, mas, ao contrário, verifiquei que, do ponto de vista cognitivo, ele é 100% normal. Não posso dizer que o exame físico dele é 100%. relatei isso à comissão do Vaticano. Ele tem um desvio do olhar e notei que tem uma marcha levemente afetada; eu diria que 5% ou 10% afetada. Essa foi basicamente minha conclusão clínica.

Esse episódio mudou algo em sua vida?

Claro que mudou. Eu conhecia apenas algumas frases famosas de Madre Teresa, que havia ouvido pessoas citarem em discursos. Obviamente, depois disso, fui ler e me informar melhor a respeito de sua vida. É realmente surpreendente e motivador. Hoje, a nossa fé floresceu, a minha e do meu marido, e procuramos ajudar mais as pessoas pobres que estão ao nosso redor. Praticamos aquilo que Madre Teresa ensinou sobre começar por quem está do nosso lado. Não precisamos mudar o mundo inteiro; se cada um ajudasse aquele que está ao seu lado já estaria bom.

Após ouvir os três médicos era evidente a distância entre a cura praticamente instantânea, global e duradoura e as possibilidades de explicação científica. Realmente, era um fato simples, forte e sólido. De todos os pontos de vista aquilo poderia ser o que a Igreja Católica considera um milagre. A Divina Providência manifestou-se de modo extraordinário naquele dia pela intercessão de uma “santa” na cidade de “Santos”, para um casal de São Vicente, um santo mártir, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, sob o olhar de um médico chamado dr. João Cabral... A ladainha se interrompia aí. Poderia dizer que Cabral era o nome do navegador português que primeiro chegou ao Brasil, esta Terra de Santa Cruz, em 1500, ou poderia lembrar que João foi o discípulo amado de Jesus. O Evangelho de João registra algumas das frases preferidas de Madre Teresa de Calcutá, como “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (15, 13), “Tenho sede!” (19, 18) e “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (8, 12).

O fato é que o médico que presenciou a cura extraordinária a reconhecia como incrível e inexplicável. Não era o que seria de se esperar naquele momento da cirurgia que acabou não acontecendo. A história clínica indicava outros desdobramentos, e, por isso, ele optou pela drenagem por meio da introdução de um cateter. Mas, fiel às suas convicções, preferiu não chamar aquilo de milagre. É natural. Essa é uma linguagem religiosa e não científica. A Igreja não pede aos médicos que declarem que um fato foi milagre. Isso pertence à instância da fé que fundamenta um Decreto Pontifício. Da ciência, a Igreja pede somente o auxílio para indicar se um fato tem explicação pelos conhecimentos atuais da medicina. De certa forma dr. João Cabral havia feito isso: “Não sabia como, mas alguma coisa havia dado certo!”. O que ele imaginava ser uma “coincidência”, a Igreja iria preferir considerar uma “providência”.

Pensando nessas coisas, imaginei como poderia encerrar minha peregrinação de viajante curioso à Baixada Santista.



CAPÍTULO DEZ

MILAGRE GERA MILAGRES

Mantenha seus olhos puros
para que Jesus possa olhar através deles.
Mantenha sua língua pura
para que Jesus possa falar por sua boca.
Mantenha suas mãos puras
para que Jesus possa trabalhar com suas mãos.
Mantenha sua mente pura
para que Jesus possa pensar
seus pensamentos em sua mente.
Mantenha seu coração puro
para que Jesus possa amar com seu coração.
Peça a Jesus para viver
sua própria vida em você porque:
Ele é a Verdade da humildade.
Ele é a Luz da caridade.
Ele é a Vida da santidade.^[75]

Madre Teresa de Calcutá

A santa dos descrentes

Essa viagem mexeu comigo. Todos aqueles testemunhos gritavam no meu coração. Os santos são gritos que ecoam na história da humanidade e nos atingem como flecha certa, exigindo uma mudança de vida. Estava convencido de que Teresa de Calcutá é uma verdadeira santa, e de primeira grandeza. Existem santos que atingem pequenos círculos. Mas ela ultrapassa qualquer fronteira. Continua sendo a freira das ruas, dos mais pobres dos pobres. A grandeza visível de sua imensa obra social escondia uma realidade ainda maior: o oceano profundo de sua vida interior. Foi uma mulher mística que alcançou os patamares mais elevados da espiritualidade, reservados para poucos. Pessoas assim não esperam ser compreendidas. Não são muitos os que entendem esses voos da alma. Os verdadeiros santos e santas são pessoas admiradas, mas dificilmente entendidas.

Porém, minha entrevista com o médico que atendeu o miraculado deixou-me uma sensação de que a história ainda não havia chegado ao seu último capítulo. A única pessoa que realmente testemunhou a ação direta de Deus revelou sem pudor sua descrença: “Sou cientista, sou médico, não sou religioso. Pela minha formação não acredito em milagres”. Ele preferia acreditar que a medicina conseguiu ajudar aquele homem por caminhos que ainda não se conseguiu relatar cientificamente. Ou seja, ele também não tinha explicação. Era cientificamente coerente, mas escolheu não crer. Tratou diversos outros pacientes naquelas mesmas condições e eles morreram. Por que, então, aquele paciente sobreviveu? Ele até arriscou uma explicação genérica: “Minha visão é que, por

algum motivo, a medicina conseguiu ajudá-lo.” Mas que *motivo* seria esse?

Lembro que, diante dessa explicação, questionei se o uso desse protocolo surtiu esse mesmo efeito alguma outra vez na história da medicina. Ele foi muito sincero: “Nunca vi isso acontecer. Não conheço relatos assim na literatura médica, mas acreditei na medicina, como acredito até hoje”. Afinal, ele tinha algum tipo de “fé”. Acreditava na medicina, mas se negava a acreditar na intervenção de Deus pela intercessão da santa. Enquanto médico, ocupava exatamente seu lugar profissional.

Conhecendo melhor a história de Madre Teresa é possível imaginar que ela encontrou um médico do seu gosto para realizar o milagre: de um lado descrente e, do outro, adepto convicto da Wicca, um tipo de bruxaria. É uma santa atrevida que continua procurando as periferias existenciais para perambular com sua presença solidária. Não seriam esses os mais pobres dos pobres para ela? Aqueles que procuram Deus com um coração sincero, mas permanecem em algum tipo de penumbra espiritual? Os mais pobres dos pobres não seriam, então, aqueles que não conseguem experimentar a misericórdia de Deus?

O milagre continua

Após um mês, voltei à Baixada Santista e procurei novamente o dr. João Luís Cabral Júnior. Quem sabe ele não havia mudado de ideia? Ou talvez, agora que conheço cada detalhe do fato e me acostumei à linguagem da neurologia, eu seria capaz de convencê-lo de que se tratava de um verdadeiro milagre.

Encontrei-o do mesmo jeito, disponível e cordial. Agradei toda a sua colaboração e disse que estava convencido de que havia ocorrido um milagre naquilo que ele chamava apenas de “fato extraordinário”. Ele revelou que era um admirador

convicto de Madre Teresa. Era uma dessas mulheres que fazem toda a diferença na história da humanidade.

Percebi que seu coração estava aberto e resolvi arriscar. Perguntei se ele passaria a crer no milagre se um anjo descesse do céu, sentasse no sofá à nossa frente e começasse a contar como as coisas acontecem por lá, revelando o modo como os santos intercedem junto a Deus, que realiza milagres e prodígios. Ele me ouvia atento e aparentemente interessado. E se esse anjo revelasse que o fato acontecido em 9 de dezembro de 2008, nas mãos do dr. Cabral, em um hospital de Santos, na verdade foi um milagre por intercessão de Madre Teresa de Calcutá? Então, diante dessa revelação fantástica de um mensageiro dos céus, você mudaria de ideia e passaria a acreditar?

“Nem assim!”, respondeu ele, com serenidade.

Fiquei admirado e profundamente frustrado. Nem isso seria um sinal da intervenção divina na história? O que poderia ser mais impressionante do que uma revelação imediata, direta, vinda dos céus na forma de anjo? Ele me surpreendeu dizendo que um anjo aparecer seria algo bastante normal. Então, lembrei-me de que estava diante de um adepto da Wicca. Ele se guiava por outras crenças quando não estava nos limites do hospital. Arrisquei uma pergunta atrevida ao modo de Teresa:

Então, o que seria um milagre para você?

Todos os dias, atendo inúmeros pacientes. Muitos eu consigo ajudar. Outros, infelizmente, não! Digamos que, naquele dia, Madre Teresa tenha me dado uma força. E por que não antes? Por que não depois? Ela não voltou! Tentei salvar muitos após aquele dia e, algumas vezes, infelizmente, isso não foi possível. Milagre seria se ela permanecesse ali, como uma enfermeira infalível, me ajudando todos os dias. Então eu acreditaria em milagres.

Percebi, então, que a Igreja Católica, na verdade, é muito sóbria ao exigir “apenas” um milagre para a beatificação e outro para a canonização. Aquele médico “descrente”, porém, exigia um prodígio permanente. Sua lógica espiritual era outra. Ele olhava para o milagre com a lente de aumento da magia.

Para finalizar, perguntei se, ao menos, ele estava feliz pelo reconhecimento por parte da Igreja Católica de que aquele fato, inexplicável para a ciência, era o milagre que tornaria possível a canonização de Madre Teresa. Ele reconheceu estar muito feliz por causa da felicidade que via entre os católicos e em todo o mundo, mas acrescentou:

“Existe, porém, um último motivo por que estou feliz com o milagre”.

Não sei se por ato falho, mas ele usou mesmo a palavra “milagre”. Ele continuou:

“De alguma maneira, minha pequena participação nesse episódio é uma forma de retribuir o maior presente que recebi em toda a minha existência.”

Sempre curioso, perguntei a que presente ele se referia.

“O dom da vida que recebi de meu pai, que, como eu já lhe disse, foi padre”, respondeu ele. “Não sei explicar o porquê. É como se minha participação no milagre fosse uma maneira de lhe declarar o meu amor e dizer: “Muito obrigado, pai!”.

Naquele instante, entendi que realmente, como disse o filósofo Blaise Pascal, “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. Milagres são razões inexplicáveis do Coração de Deus. É como uma pedra atirada na água, que provoca ondas que se expandem até a margem. Milagre gera milagres. Nas margens do coração daquele médico “descrente”, outro milagre silencioso acontecia: um milagre do amor de Deus, por intercessão de Madre Teresa.

Trinta dias haviam passado desde que estive pela primeira vez na Ilha de São Vicente, na Baixada Santista. O antigo *Porto dos Escravos*, das origens do Brasil se tornava agora um maravilhoso *Porto dos Milagres*. Olhei para o calendário e percebi que estávamos novamente em uma primeira sexta-feira do mês, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Olhei para a imagem de Madre Teresa de Calcutá na minha frente e notei o brilho nos seus olhos. Entendi que a santa da penumbra é, na verdade, um reflexo da luz de Deus e nos ensina que o amor opera milagres. Tomei sua prece nas mãos, senti o afeto de sua relíquia, fiz meu pedido e rezei: “Que a minha vida também possa irradiar a Sua luz e o Seu amor para os outros. Amém”.

- + -

Não tenho certeza de como será o céu,
mas acho que quando morreremos
e quando chegar o momento de sermos julgados,
Deus não vai perguntar quantas coisas boas fizemos,
mas apenas com quanto amor fizemos.^[76]

Madre Teresa de Calcutá

- + -

BIBLIOGRAFIA

- ALETEIA. Organismo de notícias referentes à Igreja Católica. s.d. Disponível em: <<http://pt.aleteia.org/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- ARAÚJO, Ilda Pereira de; PEREIRA, José Alberto. *Santos: uma história de pioneiros, piratas, revoltas, epidemias, carnaval e futebol*. Santos: Realejo, 2007.
- BARBOSA, Maria Valéria. *Santos na formação do Brasil: 500 anos*. Santos: Fundação Arquivo e Memória, 2012.
- BETTENCOURT, Estevão. Aberto o processo de Madre Teresa de Calcutá. *Revista Pergunte e Responderemos*, n. 447, p. 376-378, 1999.
- BONDAN, Fernando José. *Madre Teresa, uma santa para o século XXI*. São Paulo: Ave Maria, 2015.
- CANANEIA. Prefeitura Municipal de Cananeia. 2016. Disponível em: <http://www.cananeia.sp.gov.br/novo_site/>. Acesso em: 10 maio 2016.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. s.d. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_novapagina-cic_po.html>. Acesso em: 28 maio 2016.
- CENTRO MADRE TERESA DE CALCUTÁ. Organização sem fins lucrativos criada e dirigida pelas Missionárias da Caridade e que funciona como extensão do Gabinete da Postulação de Madre Teresa. s.d. Disponível em: <<http://www.motherteresa.org>>. Acesso em: 19 de abr. 2016.
- CERQUEIRA, Rita Márcia Martins; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *Guia de Fontes para a História de Santos*. Santos: Fundação Arquivo e Memória, 2009.
- DIOCESE DE SANTOS. 2014. Disponível em:

- <<http://www.diocesedesantos.com.br/>>. Acesso em: 15 de mar. 2016.
- DUCHANE, Sangeet. *Pequeno livro de Madre Teresa*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1954.
- GERMANI, Gloria. *Teresa di Calcutta, uma mistica tra Oriente e Occidente; Il suo pensiero in rapporto all'India e a Gandhi*. Milão: Paulinas, 2003.
- GONZÁLEZ-BALADO, José Luís. *Madre Teresa de Calcutá*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- GORRÉE, Georges; BARBIER, Jean. *Amor sem fronteiras: Madre Teresa de Calcutá*. São Paulo: Loyola, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja minha luz*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.
- LE JOLY, Édouard. *Madre Teresa de Calcutá: a santa dos pobres*. São Paulo: Difel, 1980.
- LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré. O que Ele queria. Quem Ele era?* Petrópolis: Vozes, 2015.
- MAASBURG, Leo. *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. 2009. Blog. Disponível em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. 2014. Disponível em: <<http://www.mcfathers.org/#/home>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- MOIOLI, Carlos. O milagre do brasileiro que levará Madre Teresa aos altares. *Arquidiocese do Rio de Janeiro*, 30 dez. 2015. Disponível em: <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3960/o-milagre-do->

- brasileiro-que-levara-madre-teresa-aos-altares>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- SANTOS. Prefeitura Municipal de Santos. s.d. Disponível em: <<http://www.santos.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- SÃO VICENTE. Prefeitura Municipal de São Vicente. s.d. Disponível em: <<http://www.saovicente.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- PRÊMIO NOBEL. 2016. Disponível em: <<http://www.nobelprize.org/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- RÁDIO VATICANO. A voz do papa e da Igreja em diálogo com o mundo. s.d. Disponível em: <<http://br.radiovaticana.va/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCARAMUSSA, Dom Tarcísio. Madre Teresa, bom augúrio para uma Igreja em saída. *Presença Diocesana*, jornal mensal da Diocese de Santos, n. 167, Ano 14, p. 3, jul. 2015.
- SPINK, Kathryn. *Madre Teresa de Calcutá, Missionária da Caridade*. Braga-Portugal: Editorial A.O.; São Paulo-Brasil: Loyola, 1984.
- VATICANO. s.d. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- VILAS BOAS, Sérgio. *Santos: o centro histórico, o porto e a cidade*. São Paulo: Editora Horizonte, 2007.
- ZANI, Rubens Miraglia. Procedimento para o reconhecimento de milagres segundo a Constituição Apostólica ‘*Divinus Perfectionis Magister*’ e as ‘*Normae Servandae*’. *Revista de Cultura Teológica*, v. 11, n. 42, p. 61-127, jan.-mar. 2003.
- ZENIT. O mundo visto de Roma. s.d. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

NOTAS

1. VATICANO. *Madre Teresa di Calcutta (1910-1997)*. <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_teresa_it.html>. Acesso em 28 maio 2016.
2. A biografia oficial divulgada pelo Vaticano por ocasião de sua Beatificação encontra-se em: VATICANO. *Madre Teresa di Calcutta (1910-1997)*. <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_teresa_it.html>. Acesso em: 28 maio 2016. Outras informações biográficas encontram-se no livro KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008.
3. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 26.
4. MISSIONÁRIAS da Caridade no Brasil. Teresa de Calcutá: luz desde a escuridão. Missionárias da Caridade, 29 dez. 2009. Blog. Disponível em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 junho 2016.
5. Ibidem, p. 124.
6. Cf. Ibidem, p. 66.
7. MISSIONÁRIAS da Caridade no Brasil. Teresa de Calcutá: luz desde a escuridão. Missionárias da Caridade, 29 dez. 2009. Blog. Disponível em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
8. SPINK, Kathryn. *Madre Teresa de Calcutá, Missionária da Caridade*. Braga-Portugal: Editorial A.O.; São Paulo-Brasil: Loyola, 1984. p. 14.
9. Cf. site oficial do Prêmio Nobel, disponível em: <<http://www.nobelprize.org/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.
10. A íntegra do discurso encontra-se em: SPINK, Kathryn. *Madre Teresa de Calcutá, Missionária da Caridade*. Braga-

Portugal: Editorial A.O.; São Paulo–Brasil: Loyola, 1984. p. 189–196.

11. Ibidem.
12. Ibidem.
13. Ibidem.
14. Ibidem.
15. Ibidem.
16. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1997/documents/hf_jp-ii_ang_19970907.html Acesso em 29 de junho de 2016.
17. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1997/documents/hf_jp-ii_ang_19970907.html Acesso em 29 de junho de 2016.
18. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 7.
19. Ibidem, p. 13–14.
20. Ibidem, p. 17.
21. Ibidem, p. 18.
22. Ibidem, p. 24.
23. Ibidem, p. 14.
24. Ibidem, p. 41.
25. Ibidem, p. 159.
26. Ibidem, p. 173.
27. Ibidem, p. 195.
28. Ibidem, p. 287.
29. Acervo da Diocese de Santos, em São Paulo, Brasil. Consultado em março–abril de 2016.
30. Frase recorrente de Madre Teresa, segundo o testemunho das Missionárias da Caridade, cf. *blog*, disponível em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
31. Cf. *site* oficial do Vaticano, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_25011983_divinus-perfectionis-magister.html>.

Acesso em: 28 maio 2016.

32. Entrevista concedida em 31 mar. 2016 e autorizada por padre Caetano Rizzi para publicação.
33. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 7.
34. Entrevista concedida em 2 abr. 2016 e autorizada por Dr. João Luís Cabral Júnior para publicação.
35. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 11.
36. Entrevista concedida em 1º abr. 2016 e autorizada por padre Elmiran Ferreira dos Santos para publicação.
37. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 319.
38. Oração divulgada pelas Missionárias da Caridade. Disponível em: <<http://www.motherteresa.org>>. Acesso em: 28 maio 2016.
39. Oração para a Canonização de Madre Teresa de Calcutá. Disponível em: <<http://www.motherteresa.org>>. Acesso em: 28 maio 2016.
40. Oração da Coleta para a Festa Litúrgica de Teresa de Calcutá, realizada no dia 5 de setembro. Disponível em: <<http://www.motherteresa.org>>. Acesso em: 28 maio 2016.
41. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2.132.
42. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I, q. 105, art. 7-8.
43. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html Acesso em 29 de junho de 2016.
44. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 156.
45. Para esta análise tivemos por base o artigo: ZANI, Rubens Miraglia. Procedimento para o reconhecimento de milagres segundo a Constituição Apostólica ‘*Divinus Perfectionis Magister*’ e as ‘*Normae Servandae*’. *Revista de*

Cultura Teológica, v. 11, n. 42, p. 61-127, jan.-mar. 2003.

46. Palavras pronunciadas por João Paulo II em discurso durante um “Colóquio” promovido pela Congregação para as Causas dos Santos, em Roma, no dia 19 de dezembro de 1988. <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1988/november/documents/hf_jp-ii_spe_19881119_congregaz-cause-santi.html> Acesso em 29 de junho de 2016. “Per le cause dei santi, i miracoli hanno un significato molto importante: fanno, in un certo senso, sentire la “voce di Dio” nel discernimento della Chiesa per la beatificazione o la canonizzazione di un servo di Dio. Illuminano e confermano il giudizio che impegna l’autorità di Pietro e della Chiesa. Di qui l’importanza dei fatti da voi studiati.”
47. Padre Zezinho, SCJ (José Fernandes de Oliveira) é Doutor *Honoris Causa* em Teologia pela PUC-PR e reside atualmente em Taubaté-SP.
48. Fragmento do discurso proferido por Madre Teresa no dia 10 dez. 1979, por ocasião do Prêmio Nobel da Paz. In: SPINK, Kathryn. *Madre Teresa de Calcutá, Missionária da Caridade*. Braga-Portugal: Editorial A.O.; São Paulo-Brasil: Loyola, 1984. p. 193.
49. Entrevista concedida em 1º abr. 2016 por uma devota de Madre Teresa, residente na cidade de São Vicente e que pediu para não ter seu nome divulgado. A entrevistada autorizou a publicação.
50. Este relato foi elaborado a partir de declarações públicas do miraculado e sua esposa por meio de entrevistas, principalmente: MOIOLI, Carlos. O milagre do brasileiro que levará Madre Teresa aos altares. *Arquidiocese do Rio de Janeiro*, 30 dez. 2015. Disponível em: <<http://arqrio.org/noticias/detalhes/3960/o-milagre-do-brasileiro-que-levara-madre-teresa-aos-altares>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
51. *Blog das Missionárias da Caridade no Brasil*. Disponível

em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 maio 2016.

52. Evangelho de Mateus 6, 3.
53. Conclusão do discurso proferido por Madre Teresa no dia 10 dez. 1979, por ocasião do Prêmio Nobel da Paz. In: SPINK, Kathryn. *Madre Teresa de Calcutá, Missionária da Caridade*. Braga-Portugal: Editorial A.O.; São Paulo-Brasil: Loyola, 1984. p. 196.
54. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 343.
55. Todas as cartas citadas neste capítulo fazem parte do acervo da Diocese de Santos e podem ser consultadas nos arquivos da Cúria Diocesana.
56. Ibidem.
57. Ibidem.
58. Ibidem.
59. MAASBURG, Leo. *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*. São Paulo: Paulinas, 2015.
60. O fato está relatado com detalhes em: MAASBURG, Leo. *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 32-38.
61. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja a minha luz*. São Paulo: Editora Thomas Nelson, 2008. p. 179.
62. Entrevista de padre Kolodiejchuk à Agência Zenit, em 7 set. 2007. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/teresa-de-calcuta-luz-desde-a-escuridao-ii/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
63. Entrevista de padre Raniero Cantalamessa à Agência Zenit, em 27 ago. 2007. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/noite-escura-da-madre-teresa-uma-especie-de-martirio>>. Acesso em: 28 maio 2016.
64. Resposta de Bento XVI à jovem italiana, Sara Simonetta, em 2007. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-explica-aos->

- jovens-o-silencio-de-deus-sofrido-pela-madre-teresa-de-calcuta/>. Acesso em: 28 maio 2016.
65. BENTO XVI. Audiência Geral, 5 set. 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070905.html>. Acesso em: 28 maio 2016.
66. BENTO XVI. Mensagem à irmã Mary Prema Pierick, Superiora Geral das Missionárias da Caridade por ocasião do centenário do nascimento de Madre Teresa. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20100826_missionaries-charity.html>. Acesso em: 28 maio 2016.
67. Entrevista de padre Kolodiejchuk à Agência Zenit, em 7 set. 2007. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/teresa-de-calcuta-luz-desde-a-escuridao-ii/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
68. Entrevista de padre Kolodiejchuk à Agência Zenit, em 6 set. 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/missa-solene-para-madre-teresa-de-calcuta/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
69. Entrevista de padre Kolodiejchuk à Agência Zenit, em 6 set. 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/missa-solene-para-madre-teresa-de-calcuta/>>. Acesso em: 28 maio 2016. Grifo nosso.
70. Entrevista de padre Kolodiejchuk à Agência Zenit, em 6 set. 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/missa-solene-para-madre-teresa-de-calcuta/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
71. MAASBURG, Leo. *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 34.
72. Dr. José Augusto Nasser dos Santos foi entrevistado várias vezes nos meses de abril e maio de 2016, forneceu as informações que constam deste livro e autorizou sua

publicação.

73. Dr. Marcus Vinicius Serra concedeu a entrevista no dia 1º abr. 2016 e autorizou a sua publicação.
74. Dra. Mônica Mazzurana Benetti concedeu a entrevista no dia 1º abr. 2016 e autorizou a sua publicação.
75. Oração composta por Madre Teresa de Calcutá e preservada pelas Missionárias da Caridade. Disponível em: <<http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 maio 2016.
76. MAASBURG, Leo. *Madre Teresa: uma vida maravilhosa*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 216.